

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS – LINGÜÍSTICA

Saete Dossa Albuquerque

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA *TEU/SEU*
E DE SUAS FLEXÕES NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ESTUDANTES DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO
ALEGRE/RS**

Porto Alegre
2023

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS – LINGUÍSTICA

SALETE DOSSA ALBUQUERQUE

**A VARIAÇÃO DOS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA *TEU/SEU*
E DE SUAS FLEXÕES NA PRODUÇÃO TEXTUAL DE ESTUDANTES DOS ANOS
FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL DE DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE PORTO
ALEGRE/RS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini

Porto Alegre

2023

Ficha Catalográfica

A345v Albuquerque, Salete Dossa

A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa teu/seu e de suas flexões na produção textual de estudantes dos anos finais do ensino fundamental de duas escolas públicas de Porto Alegre/RS / Salete Dossa Albuquerque. – 2023.

110.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS.

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Regina Brescancini.

1. Sociolinguística. 2. pronomes possessivos de segunda pessoa. 3. paralelismo formal. I. Brescancini, Cláudia Regina. II. Título.

A gramática, minha filha, é uma criada da língua e não uma dona. O dono da língua somos nós, o povo; e a gramática – o que tem a fazer é, humildemente, ir registrando o nosso modo de falar. Quem manda é o uso geral e não a gramática. Se todos nós começarmos a usar o tu e o você misturados, a gramática só tem uma coisa a fazer...

– Eu sei o que é que ela tem a fazer, vovó! gritou Pedrinho. É pôr o rabo entre as pernas e murchar as orelhas...

Dona Benta aprovou.

(Monteiro Lobato)

AGRADECIMENTOS

Gratidão à querida Professora Doutora Cláudia Regina Brescancini pela sua atenção, disposição incansável e dedicação em me atender ao longo deste percurso de pesquisa. A sua disposição para partilhar o seu vasto conhecimento, aliada à sua orientação serena, proporcionaram um ambiente propício ao crescimento acadêmico e pessoal. A sua contribuição para esta dissertação é um reflexo do seu compromisso com a excelência educacional e com o desenvolvimento dos seus alunos.

Ao meu companheiro, Mario Sander Bruck, desejo expressar o meu agradecimento pelo constante estímulo e compreensão durante todos os momentos deste desafio.

Às minhas filhas, Ana Claudia e Theodora, dedico este trabalho com todo o carinho e orgulho. A jornada de pesquisa que culminou nesta dissertação foi intensa e exigiu sacrifícios, muitos dos quais implicaram a minha ausência. No entanto, é meu desejo que este trabalho seja um símbolo do esforço que fiz com o intuito de proporcionar memórias de que tudo vale a pena. Que ele seja uma lembrança de que, mesmo nas ausências, o compromisso com o crescimento e a busca pelo conhecimento nunca cessaram.

Este trabalho não teria sido possível sem o apoio e a contribuição valiosa de cada uma dessas pessoas. A todos os amigos, familiares e colegas que, de alguma forma, estiveram presentes nesta jornada, o meu mais profundo agradecimento.

À CAPES, pelo fomento para esta pesquisa.

RESUMO

Este estudo investiga a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* e de suas flexões em redações de alunos de duas escolas públicas de Porto Alegre/RS, à luz da Teoria da Variação (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Tem por objetivo principal identificar os fatores linguísticos e extralinguísticos que exercem influência sobre o uso variável do pronome *teu* e de suas flexões. O *corpus* investigado é constituído por 2.174 ocorrências de *teu/seu* e suas flexões, extraídas de 550 redações produzidas por 190 estudantes matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º ano). As variáveis linguísticas consideradas são paralelismo formal, animacidade, generalidade do referente, alternância do pronome *tu/você* e alternância dos possessivos *teu/seu* nos textos escritos. As variáveis extralinguísticas são gênero, ano escolar do Ensino Fundamental II, escola, distorção, instrumento, idade e informante. Após estratificadas, as ocorrências foram submetidas ao *software* R, por meio da interface RStudio. Os resultados apontam a baixa ocorrência de *teu* e suas flexões, com taxa de 6,5% (141 ocorrências), e a preferência pelo uso de *seu* e suas flexões, com taxa de 93,5% (2.033). A regressão logística revelou como estatisticamente significativas para a realização de *teu* e suas flexões as variáveis paralelismo formal, alternância de pronome pessoal nos textos, instrumento de coleta e idade. Os resultados obtidos revelaram o papel condicionador dos pronomes paralelos quando em um mesmo período. As ocorrências, ao longo do texto, apenas do pronome pessoal *tu* ou da alternância dos pronomes *tu* e *você* também favorecem a probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões em comparação com o uso isolado do pronome *você*. Observou-se ainda uma correlação positiva entre a idade do participante e a ocorrência de *teu* e suas flexões. Quanto aos instrumentos, as propostas de carta ao amigo e carta ao ídolo mostram-se favorecedoras, o que parece sinalizar para o fato de que os participantes associaram a noção de proximidade à variante *teu* e às suas flexões.

Palavras-chave: Sociolinguística; pronomes possessivos de segunda pessoa; paralelismo formal.

ABSTRACT

This study investigates the variation of the second-person possessive pronouns “teu” and “seu” and their inflections in essays written by students from two public schools in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, in light of the Variation Theory (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]). Its main objective is to identify the linguistic and extralinguistic factors that influence the variable use of the pronoun “teu” and its inflections. The *corpus* under investigation consists of 2,174 occurrences of “teu/seu” and its inflections extracted from 550 essays written by 190 students enrolled in the final years of Elementary School (from the 6th to the 9th grade). The linguistic variables considered include: formal parallelism, animacy, generality of the referent, pronoun alternation “tu/você”, and alternation of possessives “teu/seu” in the written texts. The extralinguistic variables include: gender, grade level in Elementary School II, school, distortion, instrument, age, and informant. After stratification, the occurrences were analyzed using the R software through the RStudio interface. The results indicate a low occurrence of the possessive “teu” and its inflections, with a rate of 6.5% (141 occurrences), and a preference for the use of “seu” and its inflections, with a rate of 93.5% (2,033). Logistic regression revealed that the statistically significant variables for the use of “teu” and its inflections include formal parallelism, alternation of personal pronouns in the texts, collection instrument, and age. The results obtained reveal the conditioning role of parallel pronouns when in the same sentence. Occurrences of only the personal pronoun “tu” or the alternation between “tu” and “você” also favor the probability of the occurrence of “teu” and its inflections compared to the isolated use of “você”. Furthermore, a positive correlation was observed between the participant’s age and the occurrence of “teu” and its inflections. Regarding the instruments, the proposed letters to a friend and letters to an idol are favorable, indicating that participants associated the notion of proximity with the “teu” variant and its inflections.

Keywords: Sociolinguistics; second-person possessive pronouns; formal parallelism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estilo de Fala.....	33
Figura 2 – Contínuo monitoração estilística.....	34

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Grau de domínio das habilidades em Língua Portuguesa pelo SAEB: 5º ano	46
Gráfico 2 – Grau de domínio das habilidades em Língua Portuguesa pelo SAEB: 9º ano	47
Gráfico 3 – Total de alunos por raça e gênero.....	50
Gráfico 4 – Total de estudantes em distorção idade-série por raça.....	51
Gráfico 5 – Ambiente escolar encontrado nas escolas analisadas.....	53
Gráfico 6 – Frequência global: variantes da variável dependente (N = 2.174).....	68
Gráfico 7 – Variável pronome pessoal: resultado do teste de qui-quadrado	70
Gráfico 8 – Alternância de pronome pessoal nos textos	71
Gráfico 9 – Variável alternância de pronome pessoal no texto: resultado do teste de qui-quadrado	71
Gráfico 10 – Variável instrumento: resultado do teste de qui-quadrado.....	72
Gráfico 11 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal: TEU	88
Gráfico 12 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal: SEU	89
Gráfico 13 – Idade, pronome pessoal e escola: variável dependente <i>teu</i> e suas flexões	90
Gráfico 14 – Idade, pronome pessoal e instrumento: variável dependente <i>teu</i> e suas flexões para a Escola A.....	91
Gráfico 15 – Idade, pronome pessoal e instrumento: variável dependente <i>teu</i> e suas flexões para a Escola B	92

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Pronomes pessoais da Língua Portuguesa, de acordo com as gramáticas tradicionais	20
Quadro 2 – Os pronomes possessivos do PB	25
Quadro 3 – Seis subsistemas, segundo Scherre <i>et al.</i> (2015)	36
Quadro 4 – Resultados PISA 2021/2022 para as escolas analisadas.....	52
Quadro 5 – Resultados estatísticos obtidos a partir da Regressão Logística: visão geral	76

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Frequência global: variantes da variável dependente (N = 2.174)	67
Tabela 2 – Regressão logística de efeitos mistos: uso do possessivo <i>teu</i> e de suas flexões.....	73
Tabela 3 – Paralelismo formal e pronomes possessivos de segunda pessoa	78
Tabela 4 – Alternância dos pronomes <i>tu/você</i> nos textos escritos e pronomes possessivos por participante	80
Tabela 5 – Instrumento e pronomes possessivos de segunda pessoa	82
Tabela 6 – Cruzamento entre as variáveis pronomes possessivos e instrumento.....	84
Tabela 7 – Idade e pronomes possessivos de segunda pessoa.....	86
Tabela 8 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal	87

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA: PESSOAIS E POSSESSIVOS	18
2.1 OS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA	18
2.1.1 A visão tradicional.....	18
2.1.2 A inserção de <i>você</i> no paradigma pronominal.....	21
2.2 OS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA	24
3 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA	28
3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	28
3.2 OS PRONOMES PESSOAIS E POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PERSPECTIVA VARIACIONISTA	35
3.2.1 Os pronomes pessoais de segunda pessoa no Português Brasileiro	35
3.2.2 Os pronomes possessivos de segunda pessoa no Português Brasileiro	38
3.3 O ESPAÇO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BNCC NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	44
4 METODOLOGIA.....	48
4.1 A COMUNIDADE EM EXAME.....	48
4.2 COLETA DE DADOS	54
4.2.1 Instrumentos de coleta	54
4.2.1.1 Carta para ídolo	55
4.2.1.2 Carta para amigo/a.....	55
4.2.1.3 Diálogo: entrevista com o prefeito	56
4.2.1.4 Diálogo: <i>fanfic</i>	56
4.2.2 Procedimentos de coleta	56
4.3 CODIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS.....	57
4.4 VARIÁVEIS OPERACIONAIS	57
4.4.1 A variável dependente	57
4.4.2 Variáveis independentes linguísticas	58
4.4.2.1 Pronome pessoal	58
4.4.2.2 Paralelismo formal.....	59
4.4.2.3 Animacidade do possuído.....	60
4.4.2.4 Generalidade do referente.....	61

4.4.2.5 Alternância dos pronomes <i>tu/você</i> nos textos escritos	62
4.4.2.6 Alternância dos pronomes possessivos <i>teu/seu</i> e de suas flexões nos textos escritos	62
4.4.3 Variáveis independentes extralinguísticas	63
4.4.3.1 Gênero	63
4.4.3.2 Ano escolar do Ensino Fundamental II	63
4.4.3.3 Escola	64
4.4.3.4 Distorção.....	64
4.4.3.5 Instrumento	65
4.4.3.6 Participante	65
4.4.3.7 Idade	66
4.5 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	66
5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS	67
5.1 FREQUÊNCIA GLOBAL.....	67
5.2 REGRESSÃO LOGÍSTICA.....	69
5.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	74
5.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS: DISCUSSÃO	77
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	94
REFERÊNCIAS	98
APÊNDICE 1 – PROPOSTA DE TEXTO 1: CARTA FORMAL PARA ÍDOLO	102
APÊNDICE 2 – PROPOSTA DE TEXTO 2: CARTA INFORMAL PARA AMIGO... 103	
APÊNDICE 3 – PROPOSTA DE TEXTO 3: ENTREVISTA COM O PREFEITO	104
APÊNDICE 4 – PROPOSTA DE TEXTO 4: <i>FANFIC</i>	105
APÊNDICE 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	106
APÊNDICE 6 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) 108	

1 INTRODUÇÃO

As competências necessárias para o ensino de Língua Portuguesa são tema de constante debate no Brasil. Nessas discussões, são comuns inquietações da comunidade docente no que tange ao fato de a escola ainda voltar-se, em um cenário real, para o ensino de *normativismos*.

No âmbito da ciência linguística, o termo *norma*, segundo Faraco (2008, p. 40), “designa o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como normalmente falam as pessoas de uma certa comunidade, incluindo [...] os fenômenos em variação”. Conforme teoriza o autor, a *norma-padrão* é uma codificação abstrata, que serve de referência a projetos de uniformização linguística. Assim, busca-se alicerçar uma unidade linguística por meio de instrumentos padronizados e descritivos como gramáticas e dicionários. No Brasil, a norma-padrão, implantada no final do século XIX por membros da elite, tomou como base a fala e a escrita lusitanas, o que foi cada vez mais reforçado através da mídia e de manuais de redação no decorrer do século XX.

Faraco (2008) chama de *norma curta* o conjunto de preceitos normativos elencados pelos gramáticos conservadores como a referência absoluta para o certo e o errado na língua. O autor alerta que a norma curta, além de desrespeitar os estudos linguísticos e trazer prejuízos ao falante, está normatizada em purismo exagerado, cujos preceitos, considerados imutáveis por alguns gramáticos, acabam por segregar, constranger ou prejudicar indivíduos que não seguem ou desconhecem a norma. Essa preocupação exagerada com a pureza da linguagem é norteadada pelo propósito de fixar arbitrariamente a língua em determinado estágio de sua evolução, sem ter em conta os fundamentos da Linguística.

Segundo Faraco (1996), algumas prescrições normativas foram relativizadas, na segunda metade do século XX, por gramáticos brasileiros atentos à distância entre a norma-padrão e o uso linguístico das pessoas cultas no país. Dessa relativização de prescrições, resultou a norma dita *gramatical*, que considera especificidades da variedade brasileira do português para classificá-las como “bom uso” da língua.

A partir do momento em que a norma gramatical aponta ao indivíduo como utilizar as regras para falar e escrever “bem” sua própria língua – sem levar em consideração o uso cotidiano que o falante faz dessa mesma língua –, percebe-se a imposição de determinadas formas e a marginalização daquelas que não fazem parte do que está prescrito nessa norma. Dessa maneira, tal norma gramatical (que pouco ou quase nunca corresponde ao uso familiar, cotidiano, espontâneo da língua) acaba por impor-se no ensino escolar.

Por outro lado, tem-se a *norma culta*, que é, segundo Faraco (2008), aquela típica da população urbana com nível de escolarização alto, e usada em situações monitoradas de fala ou escrita. Para o autor, a norma culta não é uma forma imutável e rígida de linguagem, mas sim um conjunto de padrões linguísticos que emerge do uso habitual dos falantes letrados em situações de maior monitoramento, ou seja, em contextos formais de fala e escrita.

Faraco (2008) afirma que a norma culta é fundamental para o ensino da Língua Portuguesa nas escolas, mas não como um composto de regras a serem decoradas e reproduzidas, e sim como uma ferramenta para capacitar os alunos a compreenderem a língua como um sistema e o seu papel na sociedade. Nesse sentido, o objetivo principal do ensino da norma culta seria o de proporcionar aos estudantes condições para o desenvolvimento de habilidades referentes ao domínio tanto da fala quanto da escrita, que lhes possibilite a comunicação eficaz em diferentes situações. Para o autor, a abordagem do ensino da norma culta deve ir além da simples correção gramatical, ou seja, dos *normativismos*; antes disso, deve proporcionar aos alunos uma compreensão profunda e funcional da língua, entendida como um organismo vivo dentro de uma estrutura social. Desse modo, de acordo com o autor:

Só existe sentido em estudar gramática, se esses conteúdos estão claramente subordinados ao domínio das atividades de fala e escrita, isto é, se eles têm efetivamente relevância funcional. [...] Estudar um conjunto de temas gramaticais pelo simples fato de estudá-los não tem a menor razão de ser (Faraco, 2008, p. 158).

O uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa do discurso *teu/seu* e de suas flexões no Português Brasileiro (doravante PB), tema que a presente pesquisa investiga à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), é um exemplo de fenômeno linguístico que evidencia a diferença entre o que postula a norma gramatical e o que o falante utiliza no seu cotidiano. Essa variação linguística exemplifica o modo como a língua se molda nas interações sociais e culturais dos falantes, a partir das relações entre os interlocutores e a natureza dos discursos.

A gramática normativa, representada neste estudo por Said Ali (1971), Rocha Lima (1983), Bechara (2004) e Cunha e Cintra (2016), preceitua que os pronomes possessivos *teu* e *seu* pertencem, respectivamente, à segunda e à terceira pessoas gramaticais. Desse modo, a adoção, no discurso, do pronome sujeito *tu* implicaria o uso do possessivo *teu* e de suas flexões; quando se usa o pronome *você*, deve-se adotar o possessivo *seu* e suas flexões.

Estudos conduzidos no âmbito da variação linguística do PB têm mostrado, sobretudo na língua falada, o uso corrente de *seu* também para o *tu*, como se verifica em:

(1) *Tu esqueceu o seu boné na minha casa.* (Participante 244¹)

Em vista disso, Menon (1995) afirma que há, no PB atual, dois pronomes possessivos para a segunda pessoa: *teu* e *seu* (e suas flexões), embora, em alguns dialetos, a forma *seu* pareça ser empregada com mais frequência.

Dada a escassez de pesquisas sobre pronomes possessivos *teu* e *seu* e suas flexões no estado do Rio Grande do Sul², entende-se como relevante a verificação da alternância dos pronomes possessivos em dados de escrita escolar de alunos adolescentes matriculados no Ensino Fundamental, anos finais, já que a divergência entre a visão da gramática normativa e a dos estudos variacionistas sobre o uso desses pronomes coloca em confronto a variedade de língua que o estudante possui, pelo uso cotidiano da língua, e as regras e restrições impostas pela norma gramatical e preconizadas pela escola. Além disso, estudos conduzidos sobre o tema no PB têm privilegiado a fala de adultos, conforme Arduin (2005), fato que aponta para a necessidade de investigação desse tipo de alternância em amostras compostas por indivíduos também pertencentes a faixas etárias mais jovens.

A proposição da pesquisa está sedimentada na expectativa de contribuir para a discussão do tema a partir da descrição do processo variável verificado em textos escritos produzidos por 190 estudantes, entre 11 e 18 anos de idade, matriculados nos anos finais do Ensino Fundamental (do 6º ao 9º) de duas escolas de Porto Alegre/RS, identificadas como Escola A e Escola B. As 2.174 ocorrências analisadas foram obtidas por meio de quatro propostas distintas de produção textual escrita desenvolvidas por esses participantes: carta para ídolo, carta para amigo/a, entrevista com o prefeito e *fanfic*.

A produção escrita é uma habilidade essencial no processo educacional; porém, diferentes contextos exigem níveis variados de monitoramento e formalidade. Assim, parte das propostas de produção textual solicitadas aos participantes remetia a interações discursivas em contextos em que se esperava alto monitoramento – carta ao ídolo e entrevista com o prefeito – , e outra parte se referia a contextos íntimos, que requeriam baixo monitoramento – carta ao amigo e *fanfic*.

São objetivos específicos deste estudo:

¹ O número indica a identificação do participante na amostra considerada na pesquisa.

² Não foi encontrado nenhum estudo sobre o tema conduzido em amostras referentes ao estado gaúcho nos últimos dez anos.

- a) Identificar os fatores linguísticos que exercem influência sobre o uso variável de *teu(s)/tua(s)* em relação ao de *seu(s)/sua(s)*, de forma a confrontá-los com resultados de estudos anteriores, em busca de semelhanças e divergências;
- b) Identificar os fatores sociais que influenciam o uso variável dos pronomes *teu(s)/tua(s)* em relação ao de *seu(s)/sua(s)*, de forma a confrontá-los com resultados de trabalhos anteriores;
- c) Investigar de que forma a natureza dos textos produzidos por alunos dos anos finais do Ensino Fundamental influencia no uso do pronome possessivo *teu(s)/tua(s)* em relação aos pronomes possessivos *seu(s)/sua(s)*.

Tais objetivos estão alicerçados nas seguintes hipóteses de trabalho:

1. Haverá alternância no uso dos pronomes possessivos *teu(s)/tua(s)* e *seu(s)/sua(s)*, com maior frequência de uso da variante *teu(s)/tua(s)* em conformidade com a fala da localidade foco do estudo, que utiliza, predominantemente, o *tu* como pronome pessoal. À semelhança dos resultados encontrados por Arduin (2005), Sbalqueiro (2005) e Mota (2008), espera-se que a variável paralelismo formal se mostre relevante na amostra em análise.
2. A variável social gênero exercerá influência significativa na variação de *teu/seu* e suas flexões: as pessoas do gênero feminino tenderão a utilizar a forma que está em acordo com a norma gramatical, conforme resultado obtido por Soares (1999) e Arduin (2005).
3. A natureza da proposta de produção textual exercerá influência na escolha do pronome possessivo por parte de seus autores, de forma que o estilo (de alto e baixo monitoramento) será a âncora para que seja possível investigar como o falante se adapta a diferentes contextos sociais, e se há ou não consciência de comunicação em diferentes situações. Espera-se que as propostas de produção textual com baixo monitoramento, como a carta ao amigo e a *fanfic*, favoreçam o uso de *teu* e suas flexões. Já as propostas em que se espera alto monitoramento, como a carta ao ídolo e a entrevista com o prefeito, devem favorecer o uso de *seu* e suas flexões.

O presente estudo está organizado da seguinte forma: nesta primeira seção, de caráter introdutório, buscou-se apresentar o tema da pesquisa, seu fundamento teórico, sua justificativa,

bem como os objetivos e as hipóteses que serão investigadas. O capítulo 2 é dedicado a considerações sobre os pronomes pessoais e possessivos de segunda e terceira pessoas da Língua Portuguesa, a partir da visão, principalmente, da gramática tradicional. O capítulo 3 objetiva apresentar o arcabouço teórico e metodológico que embasa esta pesquisa, assim como os trabalhos que tratam do tema em exame, sob a perspectiva da Sociolinguística Variacionista. O capítulo 4 trata dos procedimentos metodológicos adotados para o desenvolvimento desta pesquisa, com destaque para o delineamento do perfil social das escolas públicas selecionadas como campo de pesquisa, os critérios utilizados para a composição da amostra, as variáveis operacionais consideradas e os passos seguidos para a coleta das amostras e para a manipulação e a análise de dados. O capítulo 5 é destinado à descrição e à análise dos resultados obtidos. Por fim, seguem-se as considerações finais e as referências.

2 OS PRONOMES DE SEGUNDA PESSOA: PESSOAIS E POSSESSIVOS

Este capítulo tem como objetivo a apresentação dos pronomes pessoais de segunda pessoa e da sua organização no sistema linguístico do Português Brasileiro (PB).

Na seção 2.1, serão abordados os pronomes pessoais de segunda pessoa no PB, a partir da perspectiva das gramáticas tradicionais e da integração do pronome *você* a esse sistema pronominal. Na seção 2.2, os pronomes possessivos de segunda pessoa são examinados com enfoque nas diferentes abordagens oferecidas pelas gramáticas normativas e nas possibilidades de variação que não são consideradas por essas gramáticas tradicionais.

2.1 OS PRONOMES PESSOAIS DE SEGUNDA PESSOA

2.1.1 A visão tradicional

A gramática normativa aponta que o pronome é a classe de palavras que acompanha ou substitui o substantivo. De modo geral, parece haver, tanto nas gramáticas normativas quanto nas descritivas, concordância acerca de quais são os pronomes pessoais e de que forma eles devem ser organizados.

Gramáticos como Almeida (1979), Rocha Lima (1983), Bechara (2004), Cunha e Cintra (2016), entre outros, categorizam esses pronomes a partir das três pessoas do discurso: quem fala (eu), com quem se fala (tu) e de quem se fala (ele). Esses pronomes são os que, nas orações, desempenham a função de sujeito ou de seu predicativo.

Para Almeida (1979, p. 171):

Os pronomes pessoais dividem-se em retos e oblíquos, de acordo com caso, isto é, de acordo com a função sintática que exercem na oração. Pronomes retos são os que têm por função representar o sujeito do verbo da oração; são retos os pronomes eu, tu, ele (ou ela), nós, vós, eles (ou elas). Eu devo estudar, tu podes ir, ele deve vir, nós não concordamos etc. Pronomes oblíquos são os que exercem função complementar, isto é, são os que têm por função representar o complemento do verbo: “Mandaram-me embora” (o me exerce a função de objeto direto) – “Disseram-nos diversas coisas” (o nos exerce função de objeto indireto) – “Mário vai sair comigo” (o comigo exerce função de adjunto adverbial de companhia).

Na citação anterior, observa-se que o pronome *tu* é exclusivo da segunda pessoa do singular. A forma *você*, ausente na citação, é mencionada na sequência da gramática referida quando o autor apresenta os pronomes de tratamento: “chamam-se pronomes de tratamento as

palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical: fulano, sicrano, a gente, você, vossa mercê, vossa excelência, vossa senhoria, sua senhoria, sua majestade” (Almeida, 1979, p. 172). Com referência à alternância do emprego de *tu* ou *você*, Almeida (1979, p. 180) explica que:

[...] no Brasil (com exceção do Amazonas, Pará e Rio Grande do Sul; neste último estado flexionam, popularmente, o verbo na 3ª pessoa do sing.: “Tu quer”, e consideram ríspido o *você*) quase nunca tratamos por tu a pessoa com que falamos; sempre tratamos o interlocutor por um pronome de tratamento: *você*, senhor, vossa senhoria (V. S^a), vossa excelência (V. Exa.). Ora, todos estes tratamentos são considerados de terceira pessoa gramatical; quer isso dizer que, quando assim tratarmos a pessoa a que nos dirigimos, deveremos empregar os possessivos correspondentes à terceira pessoa gramatical (*seu*, *sua*, *seus*, *suas*), não nos deixando iludir pelo *vosso* que aparece em “vossa senhoria”, “vossa excelência”. Estes tratamentos, como ainda vossa majestade (V. M.) e vossa alteza (V. A.), são todos da terceira pessoa gramatical.

Percebe-se, nesse contexto, a preocupação do gramático em evitar a chamada “mistura de tratamento”, condenada pelos manuais de gramática tradicional, ou seja, a utilização de um pronome possessivo não correspondente ao pronome sujeito. O gramático alerta que a forma possessiva correspondente à terceira pessoa gramatical é *seu* e suas flexões.

Entre os gramáticos que se dedicaram a essa temática, Rocha Lima (1983) chama atenção para a peculiaridade do pronome *tu*, que é exclusivo da segunda pessoa do singular, porém não inclui a forma *você* em sua lista de pronomes de tratamento. No entanto, cita algumas situações que requerem o uso de pronomes de segunda pessoa com as flexões de terceira pessoa para o verbo, como ocorre com *você* e *vocês*, utilizados para o tratamento familiar e íntimo, e *o senhor* e *a senhora*, empregados de forma cerimoniosa.

Cunha e Cintra (2016) adotam a classificação dos pronomes pessoais baseada nas três pessoas gramaticais: *eu* e *nós*; *tu* e *vós*; *ele/ela* e *eles/elas*. Bechara (2004) também explora os pronomes pessoais, tratando-os como aqueles que designam as duas pessoas do discurso e a não pessoa, que corresponde à terceira pessoa pela tradição gramatical. É relevante observar sua menção sobre o pronome *você*, que hoje é usado de maneira familiar e é uma redução da forma de reverência à *Vossa Mercê*. Registra o autor a queda no uso do pronome *vós*, que passou a se restringir a orações e estilos solenes. Em contrapartida, *você* e *vocês* se estabeleceram como as formas usuais para se referir à segunda pessoa no tratamento direto e informal.

Em síntese, o quadro pronominal da Língua Portuguesa é apresentado como segue:

Quadro 1 – Pronomes pessoais da Língua Portuguesa, de acordo com as gramáticas tradicionais

Pessoa gramatical	Pronomes pessoais retos
1ª pessoa do singular	Eu
2ª pessoa do singular	Tu
3ª pessoa do singular	Ele, Ela
1ª pessoa do plural	Nós
2ª pessoa do plural	Vós
3ª pessoa do plural	Eles, Elas

Fonte: Adaptado de Bechara (2004).

Prerrogativa interessante é pensar que, para além dos pronomes pessoais do caso reto (*eu, tu, ele* e seus plurais), usa-se, também, a categoria dos pronomes de tratamento, de cunho mais formal e que habitualmente são utilizados quando não se tem intimidade com o outro. Há no seu uso certa peculiaridade, porque, embora façam referência à segunda pessoa gramatical (*tu*), concordam com a terceira pessoa. No que diz respeito especificamente aos pronomes pessoais de segunda pessoa, identifica-se semelhança na abordagem de muitas gramáticas, principalmente pelo não reconhecimento da forma *você* como uma possibilidade “canônica” para a segunda pessoa do singular.

Almeida (1979, p. 172), na obra *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*, aponta *tu* como pronome para a segunda pessoa do discurso no singular e *você* como pronome de tratamento, definido pelo autor como “palavras e expressões que substituem a terceira pessoa gramatical”.

Embora traga, em muitos momentos de sua obra, termos como “falar correto”, “evitar forma”, demonstrando o caráter prescritivo de sua gramática, Almeida (1979) lança luz, com o excerto acima, sobre a variação entre *tu* e *você* encontrada no PB a depender da localidade, o que nos mostra o reconhecimento dessa variabilidade, mesmo em uma gramática tradicional. Contudo, em contraponto, afirma que *você*, embora seja usado como segunda pessoa, deve ser entendido como terceira pessoa gramatical e, portanto, a concordância dos possessivos deve respeitar tal regra. Conforme será discutido no capítulo 3, essa regra apresenta-se como bastante variável na língua em uso.

Cunha e Cintra (2016), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, apresentam os pronomes pessoais à semelhança de Almeida (1979), restringindo *você* à categoria de

pronome de tratamento, em oposição ao que os autores entendem como “*verdadeiros pronomes pessoais*” (Cunha; Cintra, 2016, p. 303, grifo nosso). Também é possível encontrar uma passagem sobre a variação entre *tu* e *você*:

No português do Brasil, o uso de *tu* restringe-se ao extremo Sul do país e a alguns pontos da região Norte, ainda não suficientemente delimitados. Em quase todo o território brasileiro, foi ele substituído por *você* como forma de intimidade. *Você* também se emprega, fora do campo da intimidade, como tratamento de igual para igual ou de superior para inferior. É este último valor, de tratamento igualitário ou de superior para inferior (em idade, em classe social, em hierarquia), e apenas este, o que *você* possui no português normal europeu, onde só excepcionalmente – e em certas camadas sociais altas – aparece usado como forma carinhosa de intimidade (Cunha; Cintra, 2016, p. 305-306).

Aqui também há uma referência à variação diatópica que permeia essas duas formas pronominais, estando o *tu* mais restrito ao Sul e ao Norte do país. Há, contudo, a menção à avaliação relativa à intimidade entre interlocutores na escolha por uma ou outra.

Em contrapartida às obras anteriores, registra-se, na *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima (1983), um reconhecimento da variação pronominal existente no português, apresentando o pronome *você* na categoria pronome pessoal.

De acordo com Lopes (2008), a variação entre *tu* e *você* é abordada pelas gramáticas tradicionais como “mistura de tratamento” ou como “falta de uniformidade no tratamento”, uma vez que a utilização de *você* como forma de segunda pessoa e sua integração no quadro pronominal ocasionou uma reestruturação do sistema. Nessa reestruturação, *você* passou a assumir variadas possibilidades combinatórias ou de correspondência, por exemplo, as relacionadas aos pronomes possessivos *teu* e *seu*, consideradas erradas pela tradição gramatical, conforme será abordado na seção 2.2 adiante.

2.1.2 A inserção de *você* no paradigma pronominal

Ao contrário do que afirmam diversas gramáticas, o sistema pronominal apresenta um dinamismo notável, revelando que, ao longo do tempo, foi – e ainda é – possível observar processos de variação e mudança em sua configuração. Essa constatação abre um interessante campo de estudo para compreender como as relações sociais e culturais influenciam a evolução dos pronomes no PB.

Nesse contexto, Faraco (1996) traz uma análise relevante sobre os pronomes *tu* e *vós* no português falado em Portugal. Curiosamente, esses pronomes permaneceram estáticos até o século XIV, quando começaram a surgir mudanças significativas em seu uso e emprego.

Menon (1995) e Faraco (1996) destacam que, durante o século XIV, o pronome *vós* apresentava um duplo emprego. De um lado, figurava como o plural de *tu*, sendo empregado em contextos informais para se dirigir a um grupo de pessoas com quem se tinha proximidade ou familiaridade. De outro, era uma forma respeitosa utilizada quando um interlocutor de posição social inferior se dirigia a uma figura de posição social superior.

Já o pronome *tu* era usado para se referir a pessoas semelhantes ou era empregado pelo superior ao subalterno, demonstrando a relação hierárquica na sociedade da época. No entanto, com o avanço da expansão marítima e o conseqüente enriquecimento do reino português, a sociedade sofreu diversas transformações.

Essas mudanças sociais e culturais culminaram em alterações nas relações interpessoais e, por consequência, nas formas de tratamento. Novas hierarquias surgiram, assim como novas dinâmicas de comunicação, o que impactou o uso dos pronomes de tratamento e sua configuração na língua. Nesse sentido, a análise de Faraco (1996) e a de Cintra (1972) mostram que o sistema pronominal é sensível às mudanças e aos contextos nos quais é utilizado. A evolução dos pronomes *tu* e *vós* em Portugal é um exemplo ilustrativo de como a língua se adapta e se modifica em resposta às complexidades da vida social e cultural, evidenciando assim sua fluidez.

Conforme Faraco (1996, p. 57),

[...] a língua – o mais sensível indicador de mudanças sociais, nas palavras de Bakhtin/Volochinov (1973, p. 19) – não poderia deixar de se adaptar à nova realidade, fornecendo os meios verbais para a expressão dos novos fatos que, reorganizando a vida social, criavam novas situações comunicativas (à medida que estabeleciam novas possibilidades no emaranhado das relações interpessoais).

A partir de Decretos Reais, ficou estabelecido um uso hierarquizado dessas formas de tratamento, tais como *Vossa Majestade*, para os reis, *Vossa Alteza*, para os demais membros da família real, e *Vossa Excelência/Vossa Senhoria*, para os nobres. Inicialmente, *Vossa Mercê* era a forma exigida para os inferiores tratarem os nobres; porém, ao longo da expansão, ela passou a ser adotada em larga escala por toda a sociedade, evoluindo para a forma de tratamento *você*. Com o tempo, essas formas de tratamento mais complexas foram substituídas por outras mais simples e diretas, como *senhor* ou *senhora* (Brustolin, 2012), até serem consideradas arcaicas.

A persistência do uso das desinências de terceira pessoa, apesar de uma interpretação semântica e discursivamente voltada para a segunda pessoa, como apontado por Lopes (2008), deu origem a uma disputa entre *tu* e *você* nas relações mais íntimas, ganhando relevância a partir do século XIX. O uso predominante do *tu*, que era comum nessa época, gradualmente cedeu espaço ao de *você*, por volta das décadas de 1920 e 1930.

O primeiro estudo que abordou as formas *tu* e *você* na região Sul foi conduzido por Guimarães (1979) em Porto Alegre/RS. A autora coletou 960 ocorrências de pronomes de segunda pessoa do singular em textos escritos, provenientes de 120 participantes. Esses participantes foram distribuídos em três diferentes níveis de escolaridade: 6ª série do Ensino Fundamental, 1ª série do Ensino Médio e 1º ciclo universitário. Os resultados apontaram para uma distribuição equilibrada entre o uso de *tu* e *você*. Dos participantes analisados, 59 utilizaram exclusivamente a forma *tu*; 60 optaram pela forma *você*; e 1 participante empregou ambas as formas em suas produções linguísticas. Os falantes mais jovens demonstraram preferência pela forma *você*.

Em São Paulo/SP, segundo dados referentes ao Projeto da Norma Linguística Urbana Culta (Projeto NURC), apenas *você* faz parte do sistema pronominal dos falantes, o que também foi observado em Belo Horizonte/MG (Ramos, 1997) e em Curitiba/PR (Loregian-Penkal, 2005). Nesse sentido, conforme Loregian-Penkal (2004, p. 138), “[...] quanto ao uso pronominal mais usual no Rio Grande do Sul, nota-se que o *tu* é percebido como mais natural e espontâneo em relação ao *você*, que é considerado mais formal nos atos de comunicação” (. De acordo com a autora, “tudo indica que ‘você’ tende a ser sentido pelo gaúcho como uma expressão pouco característica da cultura do Rio Grande do Sul, embora seja registrado em percentuais que variam de 5% a 15% na pesquisa” (Loregian-Penkal, 2004, p. 138).

Loregian-Penkal (2005, p. 366) afirma que:

Em relação à alternância *tu/você*, buscávamos responder, entre outras coisas, à corrente afirmação de que “o pronome *você* substituiu/está substituindo o *tu* no PB”. Neste sentido, os dados apontaram que o uso de *você* é maciço em Lages e, em menor proporção, em Blumenau. De forma geral, quanto à distribuição dos pronomes *tu/você* e de acordo com Loregian-Penkal (2004), encontramos um predomínio do uso de *você* no Paraná; uma ocorrência maior de *tu* no Rio Grande do Sul; e uma distribuição bastante heterogênea em Santa Catarina, com Lages apresentando uso majoritário de *você*, seguida por Blumenau. Em Chapecó, encontramos um equilíbrio no uso dos dois pronomes, mas com pesos relativos elevados de uso de *tu*. Já nas localidades do litoral de SC (Florianópolis e Ribeirão) encontramos uso majoritário da flexão canônica de segunda pessoa.

A análise do processo de mudança dos pronomes pessoais no PB é um campo complexo e em constante evolução. Menon (2000) contesta a ideia de que o pronome *você* teria substituído completamente o *tu* na maior parte do Brasil, assim como a noção de que *tu* e *você* seriam variáveis no PB. A autora argumenta que, devido à falta de estudos robustos e sincrônicos abrangendo diferentes épocas do PB, não é possível afirmar que uma forma tenha suplantado a outra, sem comprovação do convívio simultâneo das duas formas no passado. Além disso, destaca que, no Rio Grande do Sul, o uso de *tu* persiste como um marcador de identidade e memória de valores regionais, demonstrando como a variação pronominal pode estar vinculada a aspectos culturais e identitários.

Menon e Loregian-Penkall (2002) também observam o fenômeno da introdução do par *você/vocês* no paradigma da segunda pessoa, o que levou a uma concorrência com as antigas formas *tu/vós*, culminando na obsolescência do *vós*. Nessa disputa, *vocês* emerge como a forma vitoriosa, tornando-se o plural tanto de *tu* quanto de *você*.

O redimensionamento das formas pronominais da terceira pessoa para se dirigir à segunda pessoa, de acordo com Arduin (2005), pode ter implicado na variação dos pronomes possessivos, como *teu* e *seu*, utilizados para indicar posse em relação à segunda pessoa. Dependendo da variação regional e do contexto comunicativo, o uso predominante de pronomes possessivos da terceira pessoa em vez dos pronomes de segunda pessoa pode levar a uma diminuição ou até mesmo à perda do uso de *teu* em favor de *seu*, que passa a ser mais generalizado, sendo empregado para indicar posse em relação tanto à terceira quanto à segunda pessoa (Rumeu, 2016). A seção seguinte discute esse tema.

2.2 OS PRONOMES POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA

O sistema de posse expresso pela Língua Portuguesa é apresentado em gramáticas normativas com a nomenclatura “pronomes possessivos”, fato que denota o pertencimento desses pronomes às pessoas gramaticais às quais estão relacionados.

Para Cunha e Cintra (2016), há forte tendência em apontar que deve ser feita, no uso, uma correlação direta entre as formas indicativas de posse e os pronomes pessoais. Os autores apresentam o seguinte quadro acerca dos pronomes possessivos:

Quadro 2 – Os pronomes possessivos do PB

		Um possuidor		Vários possuidores	
		Um objeto	Vários objetos	Um objeto	Vários objetos
1ª pessoa	Masculino	Meu	Meus	Nosso	Nossos
	Feminino	Minha	Minhas	Nossa	Nossas
2ª pessoa	Masculino	Teu	Teus	Vosso	Vossos
	Feminino	Tua	Tuas	Vossa	Vossas
3ª pessoa	Masculino	Seu	Seus	Seu	Seus
	Feminino	Sua	Suas	Sua	Suas

Fonte: Cunha e Cintra (2016, p. 333).

Conforme o Quadro 2 anterior, observa-se que a relação entre os pronomes pessoais e seus correspondentes possessivos é fixa, não havendo qualquer indicação de possibilidade de variação entre as formas *teu* e *seu* e suas flexões, fato confirmado pela seguinte afirmação dos autores:

Os pronomes possessivos apresentam três séries de formas, correspondentes à pessoa a que se referem. Em cada série, estas formas variam de acordo com o gênero e o número da coisa possuída e com o número de pessoas representadas no possuidor (Cunha; Cintra, 2016, p. 333).

Da mesma forma, a gramática de Almeida (1979) reforça a correspondência estrita entre as formas pronominais e as pessoas a quem se referem. Segundo o autor:

É de regra, num discurso, em cartas ou em escritos de qualquer natureza, a uniformidade de tratamento, isto é, do pronome escolhido para a pessoa a que nos dirigimos. Se tratamos o interlocutor por *vós*, os pronomes oblíquos devem ser os que correspondem a essa pessoa, e o mesmo se deve dizer dos pronomes possessivos. Se o tratarmos por *tu*, usaremos os oblíquos *te*, *ti*, *contigo* e os possessivos *teu*, *tua*, *teus*, *tuas* (jamais *seu*, *sua*). Se o tratarmos por *vossa senhoria*, *senhor*, *ocê*, diremos *o*, *lhe*, *seu*, *sua* etc (Almeida, 1979, p. 179).

No contexto apresentado, o autor destaca a importância da uniformidade de tratamento no discurso, seja em cartas, em escritos ou em qualquer outra forma de comunicação. Segundo Almeida (1979), quando nos dirigimos a alguém usando o pronome *vós*, devemos utilizar os pronomes oblíquos que correspondam a essa pessoa, assim como os pronomes possessivos adequados. Da mesma forma, se optarmos por tratar o interlocutor como *tu*, devemos empregar os pronomes oblíquos *te*, *ti* e *contigo*, assim como os possessivos *teu*, *tua*, *teus* e *tuas*, evitando o uso de *seu* e *sua*. Por outro lado, quando utilizamos formas de tratamento como *vossa senhoria*, *senhor* ou *ocê*, devemos empregar os pronomes oblíquos *o*, *lhe*, *seu*, *sua*, *seus* e *suas*.

Ademais, é importante observar que a afirmação de Almeida (1979) sobre a incompatibilidade entre o pronome *tu* e os pronomes possessivos *seu* e *sua* pode não ser aplicável a todas as situações. É importante reconhecer que a língua é dinâmica e se manifesta de forma variada, com suas peculiaridades regionais e sociais; portanto, é possível encontrar usos divergentes do padrão apontado por Almeida (1979) em diferentes contextos linguísticos. Conforme mencionado anteriormente, no PB o pronome *tu* pode ser acompanhado por pronomes possessivos como *seu(s)* ou *sua(s)*. Essas situações são comuns em diferentes regiões e entre distintos grupos sociais, como será discutido no capítulo 3.

Said Ali (1971), ao abordar o conceito de pronomes e sua função no discurso e o conceito de pronome como palavra que denota o ente ou a pessoa a quem se refere, destaca que os pronomes possessivos têm a função de designar a noção de posse em relação às três pessoas do discurso. Essa explicação abrange a forma como os pronomes pessoais e os pronomes possessivos trabalham em conjunto, refletindo a relação entre os interlocutores e o referente da comunicação. O autor destaca que o pronome possessivo *seu* pode referir-se tanto à terceira pessoa do singular como à do plural, aplicando-se à pessoa com quem se fala, incluindo termos de tratamento como *você*, *o senhor* e *Vossa Senhoria*.

Rocha Lima (1983), por sua vez, segue a mesma definição apresentada por Said Ali, mas restringe-se apenas ao paradigma tradicional dos pronomes possessivos, não mencionando o uso de *seu* para a segunda pessoa ou *dele* para a terceira pessoa. Bechara (2004) aponta que o uso do pronome possessivo *seu* pode gerar dúvidas em relação ao possuidor em algumas situações, levando à alternância entre as formas *seu*, *sua*, *seus* e *suas* por *dele*, *dela*, *deles*, *delas*, *de você* e *do senhor*. Essa condição dialógica da ambiguidade ocorre quando há múltiplas possibilidades de interpretação em uma conversa ou diálogo, geralmente quando o referente de um pronome ou outra expressão não é claro. Para resolver essa ambiguidade, é necessário recorrer a pistas contextuais fornecidas pelos interlocutores durante a conversa ou fazer inferências com base no conhecimento prévio e na análise das informações disponíveis³.

Cunha e Cintra (2016, p. 336), a partir da exemplificação a seguir, explanam a ocorrência de ambiguidade com uso de pronomes possessivos.

(2) Em casual encontro com Júlia, Pedro fez comentários sobre os seus exames.

³ O tipo de ambiguidade mencionado não é evidenciado na presente pesquisa, possivelmente devido à natureza dos instrumentos utilizados para a coleta dos textos escritos pelos participantes.

Os comentários de Pedro podem ter sido feitos sobre os exames de Júlia, sobre os exames dele, Pedro, ou até mesmo sobre os exames de ambos. Portanto, o locutor deve expressar-se de acordo com a intenção que tenha:

- (3) Em um encontro casual com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dela.
- (4) Em um encontro casual com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dele.
- (5) Em um encontro casual com Júlia, Pedro fez comentários sobre os exames dele

Este capítulo abordou a relação entre os pronomes pessoais e os pronomes possessivos no PB, tendo como ponto de partida a perspectiva da gramática normativa. Foi mostrado que as gramáticas tradicionais apresentam uma visão simplificada do sistema pronominal do PB, não contemplando toda a complexidade existente no uso e a alternância de formas. Com base nesse panorama, é possível refletir sobre a distância entre o que é prescrito pelas gramáticas normativas, o que é ensinado nas escolas e o que realmente é utilizado na língua falada. Uma perspectiva mais abrangente sobre o tema necessita ser embasada em modelos teóricos que permitam compreender a dinâmica que influencia a opção por um ou outro pronome possessivo e sua relação com os pronomes pessoais, sem subestimar a complexidade do sistema da língua e da diversidade do PB. Os pressupostos teórico-metodológicos do modelo que atende esse requisito será apresentado no próximo capítulo.

3 TEORIA DA VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

Este capítulo versa sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguística (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), modelo teórico-metodológico que embasa a descrição e a análise da variação envolvendo os pronomes possessivos *teu/seu* e suas flexões em textos escritos produzidos por estudantes dos anos finais da Educação Básica de duas escolas porto-alegrenses. Na seção 3.1, serão mobilizados e discutidos os conceitos desse modelo, e, na seção 3.2, serão apresentados alguns trabalhos que trataram dos pronomes pessoais e possessivos de segunda pessoa no PB, sob a perspectiva variacionista. Além disso, na seção 3.3, será considerada a abordagem da variação linguística pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sobretudo com relação aos anos finais do Ensino Fundamental.

3.1 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

A Teoria da Variação e Mudança Linguística ou Sociolinguística Quantitativa, modelo cunhado por William Labov (1994, 2001, 2008 [1972]), defende que a heterogeneidade e a variabilidade são características inerentes à língua, opondo-se assim às correntes estruturalista e gerativa do século XX, as quais colocam a variação fora do escopo de interesse da ciência linguística. O modelo defende ainda que a variação linguística, em qualquer nível da gramática (fonológico, morfológico, morfossintático e sintático), é sistemática – pressuposto oriundo do conceito, apresentado em Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), de heterogeneidade ordenada, de acordo com o qual a variação não é aleatória, mas organizada e governada por regras previsíveis. A partir de Labov (2008 [1972]), essas regras passaram a ser entendidas como *regras variáveis* – regras opcionais que expressam a covariação entre elementos do ambiente linguístico e do contexto social.

A heterogeneidade ordenada e a consequente noção de regra variável, como princípio fundamental da Sociolinguística Variacionista, permitem a identificação de padrões e relações consistentes entre as diferentes formas de produção de um mesmo significado – as chamadas variantes linguísticas – e fatores sociais, culturais e situacionais (tais como idade, sexo, etnia, nível socioeconômico e contexto de interação), além de fatores relacionados ao próprio sistema linguístico. Tal conceito revolucionou a percepção sobre a variação linguística, afastando o estigma associado a algumas formas linguísticas e mostrando que todas as variações são igualmente válidas e governadas por regras sociolinguísticas. Ademais, contribuiu

significativamente para o entendimento das complexidades da linguagem verbal e da relação entre língua e sociedade.

Os conceitos operacionais do modelo – variável linguística (a característica linguística que varia), variantes (as diferentes formas que a variável pode assumir), fatores sociais (categorias macrosociológicas) e fatores linguísticos (aspectos do sistema linguístico) – foram apresentados nos primeiros estudos conduzidos por Labov, a saber, sua pesquisa de mestrado, realizada em 1963, sobre o inglês falado na Ilha de Martha’s Vineyard, e sua tese de doutorado, em 1966, sobre o inglês falado em Nova Iorque.

Esses estudos demonstraram que os falantes de uma língua têm mais de uma forma para expressar o mesmo sentido, e a escolha por uma ou outra variante envolve fatores sociais, situacionais e linguísticos. Através de técnicas de coleta de dados e da aplicação de métodos estatísticos para tratamento das amostras de fala, essas pesquisas mostraram que é possível identificar padrões significativos na distribuição das variantes linguísticas, relacionando-os a fatores sociais, culturais e linguísticos.

As duas pesquisas conduzidas por Labov sedimentaram a percepção referente à relação entre língua e variação linguística. Na pesquisa na Ilha de Martha’s Vineyard, uma comunidade de fazendeiros e pescadores na época, Labov (2008 [1972]) notou que, mesmo a localidade sendo pequena e afastada, havia uma considerável variação na forma como os habitantes pronunciavam a vogal base dos ditongos /aj/ e /aw/ e que essa variação não era aleatória, mas carregava intenções comunicativas. A relação de pertencimento à ilha estava marcada pela alta centralização da vogal base dos ditongos, observada sobretudo na fala dos moradores da ilha com forte identidade local, intensificada pela presença crescente de turistas.

Na pesquisa sobre o inglês falado em Nova Iorque, que investigou a estratificação social e estilística da variação fônica no inglês, Labov (2008 [1972]) concentrou sua atenção nos padrões de pronúncia da realização do /r/ pós-vocálico pelos vendedores de três lojas de departamento, representativas de classes sociais distintas. Para compor a amostra, escolheu um método que envolvia a análise de gravações de fala natural. As entrevistas foram realizadas nas três lojas, que representavam diferentes estratos sociais da comunidade em estudo. O método utilizado por Labov (2008 [1972], p. 70) para a aplicação do instrumento de coleta de dados seguiu um procedimento próprio:

[...] o entrevistador se aproximava do participante no papel de um cliente que pedia informações sobre um departamento. O departamento em questão ficava no quarto andar. Quando o entrevistador perguntava: “por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, a resposta geralmente era: “Fourth floor” (“Quarto andar”).

Labov (2008 [1972]) percebeu que os interlocutores ajustavam a pronúncia do /r/ pós-vocálico de acordo com o prestígio social da loja em que se encontravam. A exemplo disso, destaca-se que a variante rótica do /r/ pós-vocálico era consideravelmente elencada por falantes representativos de um *status* social mais elevado.

Os preceitos da Sociolinguística Variacionista têm como base a análise dos padrões de uso da língua presentes em uma comunidade específica – a *comunidade de fala* –, definida como um grupo de indivíduos que compartilham um conjunto de normas linguísticas e interagem regularmente entre si (Labov, 2008 [1972]). Trata-se, portanto, de uma unidade sociolinguística que permite identificar como atitudes e normas linguísticas são compartilhadas pelos membros do grupo. Para Labov (2008 [1972], p. 120):

[...] a comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; estas normas podem ser observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.

O elo entre língua e sociedade materializa-se no contexto da comunidade de fala. Contrariamente à simples associação com um grupo de indivíduos que utilizam as mesmas formas linguísticas, a comunidade de fala, de acordo com a concepção de Labov (2008 [1972]), é um conjunto de indivíduos que compartilham não apenas as mesmas formas, mas também atitudes comuns em relação à língua, o que se manifesta, conforme Coelho *et al.* (2015), através da presença de marcadores sociais evidentes em relação a determinadas variáveis linguísticas e, conseqüentemente, na emissão consciente, em certos casos, de juízo de valor em relação a formas linguísticas.

Ciente das complexidades inerentes à noção de comunidade de fala, Guy (2001) propõe critérios inter-relacionados para defini-la, a saber: o compartilhamento dos traços linguísticos diferenciados de grupos distintos, a importância da alta frequência interacional e a equidade nas normas e atitudes quanto ao uso da linguagem. Apesar de o último comungar com a definição defendida por Labov (2008 [1972]), Guy (2001) expande, com sua proposta, os princípios norteadores de uma comunidade de fala ao levar em conta a distribuição de traços linguísticos que identificam um grupo juntamente com a frequência comunicativa entre seus membros. Nesse sentido, para esse autor, “tendemos a falar como aquelas pessoas com quem falamos mais” (Guy, 2001, p. 4), o que aponta para a relevância da influência do ambiente social na forma de falar dos indivíduos e reforça a tendência de que falantes adotam padrões linguísticos semelhantes aos daqueles com quem interagem frequentemente. Pode-se inferir que o coletivo

tende a adotar as formas de fala que são consideradas prestigiosas na sociedade. Isso reflete uma busca por *status* social e aceitação. As formas linguísticas estigmatizadas, por outro lado, tendem a ser evitadas, pois carregam uma conotação negativa ou menos valorizada em termos sociais. A capacidade de avaliar diferentes formas linguísticas e seu *status* social demonstra que os falantes têm um grau de consciência sobre as implicações sociais da linguagem. Isso envolve uma avaliação constante do contexto e das pessoas com as quais se interage. Essa habilidade de adaptação linguística está enraizada na compreensão das normas sociais e culturais.

Também de relevância para o modelo, especificamente para o estudo da variação linguística com foco na mudança, é o construto da mudança em *tempo aparente* (Labov, 2008 [1972]), que envolve a observação de diferentes gerações de falantes em uma mesma comunidade de fala, em um determinado período de tempo. Ao comparar diferentes faixas etárias dentro de uma mesma comunidade, é possível identificar se uma determinada variante linguística está se tornando mais ou menos frequente. A observação do tempo aparente ajuda a compreender a trajetória das mudanças linguísticas e os fatores sociais que as influenciam. Desse modo, constata-se uma situação de mudança em progresso se uma determinada variante linguística mostrar-se mais frequente entre os falantes mais jovens, por exemplo, em comparação aos mais velhos, ou vice-versa. Conforme afirma o autor, resultados de estudos em tempo aparente de um determinado fenômeno variável devem ser confrontados com estudos realizados a partir da perspectiva do tempo real, isto é, diacrônica, a fim de que a situação de mudança seja confirmada.

Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) apontam cinco questões/problemas fundamentais para o estudo da mudança linguística, a saber: restrição, encaixamento, transição, avaliação e implementação. O problema da restrição visa essencialmente à compreensão dos fatores que atuam como impulsionadores da variação e da mudança na língua, sejam eles de natureza interna ou externa, desvendando assim o que motiva o conjunto de mudanças e condições que podem desencadear transformações em uma determinada estrutura linguística. O problema do encaixamento aborda a análise da mudança linguística, concentrando-se na interconexão entre os elementos do sistema linguístico. Isso envolve compreender como esses elementos se encaixam na estrutura da língua e também a relação entre esses elementos e o contexto não linguístico, que é incorporado à estrutura social. Em essência, o enfoque está na maneira com que as mudanças na língua se relacionam, tanto com sua própria estrutura interna quanto com o ambiente social mais amplo em que são usadas. Nesse sentido, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 123) afirmam que “a estrutura linguística mutante está ela mesma

encaixada no contexto mais amplo da comunidade de fala, de tal modo que variações sociais e geográficas são elementos intrínsecos da estrutura”.

Quanto ao problema da transição, os autores afirmam que, embora as mudanças linguísticas sejam contínuas pelas faixas etárias da população, busca-se descobrir estágios intermediários que auxiliam na compreensão do caminho traçado por uma determinada variável linguística de uma variante a outra. Para Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968], p. 122), a mudança acontece: “(1) à medida que um falante aprende uma forma alternativa; (2) durante o tempo em que as duas formas existem em contato dentro de sua competência; e (3) quando uma das formas se torna obsoleta”.

O problema da avaliação reside nas reações e percepções dos membros da comunidade de fala diante de mudanças em andamento no idioma. O objetivo principal é compreender de que maneira a avaliação subjetiva e as atitudes dos falantes impactam o curso da mudança linguística. Parte-se do pressuposto de que, em algum ponto desse processo, as diferentes variantes linguísticas em competição adquirem uma conotação social específica. Nesse contexto, a variante linguística inovadora pode ser avaliada de forma positiva ou negativa pelos falantes, influenciando, assim, o rumo que a mudança tomará.

O problema da implementação foca nos fatores que levam ao início de uma mudança em um momento e um local específicos. De acordo com a perspectiva da Sociolinguística – ao contrário da visão do Estruturalismo, que considerava a implementação da mudança como um processo instantâneo –, a implementação é entendida como ocorrendo em três estágios distintos: a origem, a propagação e o término. O primeiro estágio, a origem, refere-se ao momento em que uma nova forma linguística começa a surgir, podendo ser impulsionada por uma série de fatores, como influências sociais, contato linguístico ou mudanças culturais. Em seguida, a mudança começa a se propagar, o segundo estágio, que envolve a disseminação da nova forma linguística através das interações entre falantes. Finalmente, chega-se ao terceiro estágio, o término, quando a mudança se estabiliza e é amplamente adotada ou pode até mesmo desaparecer, caso não seja amplamente aceita.

Com o objetivo de compreender como a variação linguística ocorre de acordo com diferentes contextos comunicativos e situações sociais, Labov (2008 [1972]) também abordou o conceito de estilo, que é relacionado às variações sistemáticas que os falantes promovem na fala, adaptando-a conforme a audiência, o contexto e os propósitos comunicativos. Nesse sentido, o autor aponta que a fala pode variar de acordo com o grau de formalidade ou

informalidade da situação, conforme se verifica, por exemplo, em uma situação formal, como uma entrevista de emprego, e em uma situação informal, como uma conversa entre amigos.

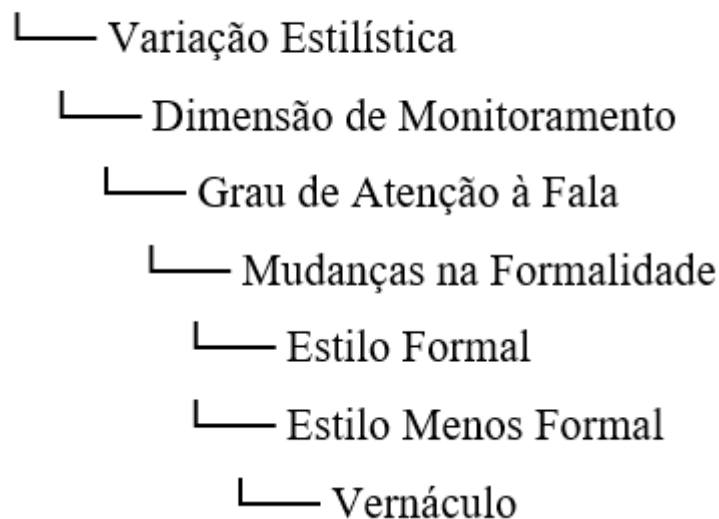
Segundo Labov (2003 [1969]), uma das bases fundamentais da investigação sociolinguística é a de que não existe um único estilo de fala estável e uniforme para os falantes de uma língua e que os falantes de uma comunidade de fala revelam variação sistemática nos diversos níveis da gramática, e que essa variação é influenciada pelo contexto instantâneo da fala.

As variações estilísticas na fala são determinadas por diferentes variáveis, incluindo as relações do falante com o ouvinte e, particularmente, as relações de poder entre eles. O contexto social em que a comunicação ocorre também desempenha um papel crucial na variação linguística. Diversos contextos, como escolas, bairros, grupos religiosos ou mesmo um debate, podem influenciar a maneira como um indivíduo se expressa.

Com base nas proposições teórico-metodológicas de Labov (2008 [1972]), propõe-se a seguinte pirâmide conceitual:

Figura 1 – Estilo de Fala

Estilos de Fala



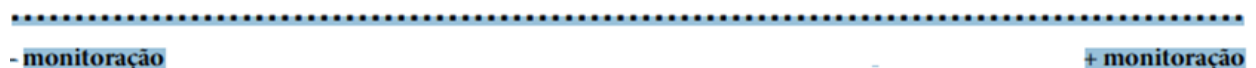
Fonte: Adaptado de Labov (2008 [1972]).

Nessa pirâmide estruturante composta de camadas, o pilar denominado Estilos de Fala tem como primeira camada a Variação Estilística, a qual mostra que não há um falante com estilo único, mas sim diferentes maneiras pelas quais uma pessoa pode falar em diferentes situações e com diferentes interlocutores. Conforme os contextos de interação, o falante adequará o seu discurso de acordo com o que considera necessário para a interlocução. A

próxima camada está representada pela Dimensão de Monitoramento, que se refere ao grau de cuidado que o falante dispensa à fala. A terceira camada, denominada Grau de Atenção à Fala, está relacionado às Mudanças na Formalidade, ou seja, o mesmo indivíduo pode alternar seu discurso em situações que necessitam de alto monitoramento, nas quais dispensa um grau de atenção elevado, ou de baixo monitoramento, quando a interlocução não exige tamanha atenção. O Estilo Formal de fala é caracterizado por uma linguagem mais cuidada, enquanto o Estilo Menos Formal ocorre em situações sociais informais, como conversas cotidianas com amigos e familiares, nas quais a atenção à fala é menor. Por fim, a base da pirâmide é contemplada pelo Vernáculo, a forma autêntica de fala, entendido como o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala.

Ao discutir a importância de se considerar a diversidade linguística dos alunos em sala de aula para a promoção de práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis à realidade sociolinguística de cada estudante, Stella Maris Bortoni-Ricardo (2004) apresenta um modelo para a distribuição das variedades em três *continua* que se entrecruzam: o *continuum* rural-urbano, o *continuum* de oralidade-letramento e o *continuum* da monitoração estilística. Esse último, de especial interesse para a pesquisa em tela, situa-se a partir de interações que ocorrem naturalmente por parte do falante e que são realizadas com diferentes graus de atenção quanto à forma linguística na fala e na escrita. Tal contínuo é apresentado pela autora da seguinte forma:

Figura 2 – Contínuo monitoração estilística



Fonte: Bortoni-Ricardo (2004, p. 63).

Para Bortoni-Ricardo (2004), um mesmo comunicador escolhe um estilo mais monitorado em lugar de um menos monitorado movido pela natureza do diálogo e/ou pelo grau de intimidade que ele tem com o interlocutor. Para o estilo monitorado, Bortoni-Ricardo (2004, p. 41) afirma o seguinte:

Na produção do estilo monitorado, o falante presta mais atenção à própria fala. Este estilo geralmente se caracteriza pela maior complexidade cognitiva do tema abordado. Se o falante tiver um maior grau de apoio contextual, bem como maior familiaridade com a tarefa comunicativa, poderá desempenhar-se no estilo monitorado com menos pressão comunicativa. A pressão comunicativa aumenta quando o apoio contextual é menor e a temática, mais complexa.

Nesse âmbito, a dinâmica de escolha por estilos comunicativos é uma busca de alinhamento ao tópico da conversa ou do texto escrito, já que os indivíduos são adaptáveis às interações e às intenções discursivas.

Ao comparar a proposta de análise do papel do estilo em Labov (2008 [1972]) com a de Bortoni-Ricardo (2004), nota-se que Labov se preocupa em observar como os falantes se ajustam linguisticamente em contextos variados, enquanto Bortoni-Ricardo busca promover a valorização da diversidade linguística e a inclusão de diferentes estilos de fala no processo educacional. Tanto a contribuição de Labov quanto a de Bortoni-Ricardo buscam compreender como os falantes se moldam à complexidade em que a variação é utilizada, considerando a língua como um elemento dinâmico e socialmente estruturado.

3.2 OS PRONOMES PESSOAIS E POSSESSIVOS DE SEGUNDA PESSOA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: PERSPECTIVA VARIACIONISTA

3.2.1 Os pronomes pessoais de segunda pessoa no Português Brasileiro

O distanciamento entre a norma culta e a sugerida pela tradição gramatical pode ser percebido na forma como são abordados os pronomes pessoais pelas gramáticas normativas, conforme apresentado no capítulo 2 desta dissertação, em comparação aos trabalhos de cunho variacionista.

A substituição de *vós* por *vocês*, e também a introdução do pronome *você* para a segunda pessoa do singular, e *a gente* para a primeira do plural, sendo as duas últimas oriundas de formas nominais, são mudanças registradas no quadro pronominal do PB.

De acordo com Scherre et al. (2015), *você* é o pronome utilizado em todo o território brasileiro, e atualmente, há uma ampla região na qual não se faz uso de *tu*. Nesse sentido, a autora propõe seis subsistemas relacionados à variação pronominal na concordância verbal, conforme apresentado no Quadro 3, a seguir.

Quadro 3 – Seis subsistemas, segundo Scherre *et al.* (2015)

Subsistema	Descrição	Áreas geográficas
Exclusivo <i>você</i>	Uso exclusivo de <i>você</i> ~ <i>cê</i> ~ <i>ocê</i>	Bahia, Espírito Santo, São Paulo, Paraná, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Minas Gerais e Tocantins
<i>Tu</i> com concordância baixa	Uso de <i>tu</i> acima de 60% e concordância abaixo de 1%	Rio Grande do Sul e parte do Amazonas
<i>Tu</i> com concordância alta	Uso de <i>tu</i> acima de 60% e concordância entre 40% e 60%	Pará e parte de Santa Catarina
<i>Tu/você</i> com concordância baixa	Uso de <i>tu</i> abaixo de 60% e concordância abaixo de 10%	Tocantins, parte dos estados do Maranhão e de Santa Catarina
<i>Tu/você</i> com concordância média	Uso de <i>tu</i> abaixo de 60% e concordância entre 10% e 39%	Maranhão, Piauí, Ceará, Paraíba, Pernambuco, parte do Amazonas e de Santa Catarina.
<i>Você/tu</i>	Uso de <i>tu</i> entre 1% e 90% sem concordância	Distrito Federal, Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Maranhão, Roraima e Acre

Fonte: Adaptado de Scherre *et al.* (2015).

De acordo com o Quadro 3 anterior, é possível extrair que a variação entre *tu* e *você* é uma realidade no PB, presente em 18 estados, em localidades nas regiões sul, nordeste, norte e Distrito Federal.

Do ponto de vista da língua escrita, Scardua (2015) analisa a intercalação entre *tu* e *você* em 60 missivas que Oswald Cruz Guimarães (natural de Vitória) enviou para amigos e parentes no início do século XX. A autora afirma que diversos fatores atuam nesse processo de variação, como, por exemplo, o interlocutor, pois o missivista utiliza *tu* e *você* somente nas relações entre parentes, e usa os termos *amigo* e *senhor*, respectivamente, nas relações de amizade e no trato entre o público jovem para com os mais idosos.

O preenchimento do sujeito também ocupa um fator relevante na escolha pronominal. Os resultados de Scardua (2015) indicam que a forma nula é favorecedora do uso do pronome pessoal *tu*, e a forma expressa é desfavorecedora. Ademais, o tópico discursivo também é fator condicionante na alternância *tu/você*, visto que assuntos classificados como de amor e de pedido são favorecedores na escolha pelo pronome *tu*, e, por outro lado, quando o assunto é notícia e crítica, ele é desfavorecedor. Por fim, o material estudado por Scardua (2015) indica que, no início do século XX, o uso do pronome *tu* era dominante na escrita (73%), o que vai de encontro

à realidade atual de Vitória/ES, pois os falantes não empregam o pronome *tu* para se referir ao interlocutor.

Já na pesquisa de Guimarães (1979) – referente aos resultados encontrados sobre a variação entre *tu* e *você* na escrita de 120 estudantes da cidade de Porto Alegre/RS, da 6ª série do 1º grau, da 1ª série do 2º grau e do 1º ciclo universitário –, os dados contextuais dos participantes foram analisados levando em conta também a escolarização dos pais. Como instrução, era solicitado que os estudantes escrevessem um diálogo entre amigos, sendo que o escrevente poderia optar em participar ou não como personagem.

Os textos considerados, que resultaram em 960 ocorrências dos pronomes *tu* e *você*, revelaram que o pronome *você* foi utilizado na mesma medida que o pronome *tu*, o primeiro com 50,83% e o segundo com 49,17%. Desse modo, verificou-se que os pronomes *tu* e *você* são utilizados na capital gaúcha, na língua escrita, fato que aponta para a pertinência do exame da sistematicidade da variação dos pronomes possessivos *teu* e *seu* em Porto Alegre/RS.

Outra pesquisa sobre a variação do uso dos pronomes *tu* e *você* na fala da região Sul é a de Loregian-Penkall (1996), em que a autora investigou dados de fala pertencentes ao banco de dados VARSUL⁴ das seguintes capitais: Porto Alegre/RS, Florianópolis/SC e Curitiba/PR. A autora afirma que, em Porto Alegre/RS e Florianópolis/SC, há uso simultâneo dos pronomes *tu* e *você* para a segunda pessoa; porém, o que os difere são as marcas de concordância. Em Porto Alegre/RS, o pronome *tu* é usado com verbo, mas sem a concordância canônica, enquanto, na capital catarinense, a marca fica concentrada no verbo, com a flexão conforme preconiza a gramática normativa para a segunda pessoa. Quanto à cidade de Curitiba/PR, Loregian-Penkall (1996) verificou que não há ocorrência de *tu*.

Também Bolívar (2008) realizou uma pesquisa sobre o fenômeno em dados de fala da cidade de Porto Alegre/RS. A hipótese respaldada neste estudo era a de que, na capital gaúcha, o tratamento *você* seria usado especialmente em interações que elencassem a oralidade e em ocorrências de atendimento ao público. Os resultados demonstraram que os falantes determinam suas escolhas linguísticas conforme o ambiente e o prestígio econômico e social e que, quanto maior a elevação social, mais favorecido é o pronome *você*. Por outro lado, o estudo

⁴ O VARSUL é um banco que reúne dados de fala de localidades sócio e culturalmente significativas dos três estados do Sul do Brasil, a saber: Porto Alegre, Flores da Cunha, Panambi, São Borja (Rio Grande do Sul); Florianópolis, Blumenau, Chapecó, Lages (Santa Catarina); Curitiba, Londrina, Irati e Pato Branco (Paraná). A amostra base foi coletada entre 1988 e 1996 e conta com 288 entrevistas, cada uma delas com duração aproximada de 60 minutos. Os participantes da amostra são distribuídos por sexo, escolaridade e idade. Posteriormente, outras amostras complementares foram incorporadas. Disponível em: <https://www.varsul.org.br/>. Acesso em: 30 out. 2023.

indicou que, quando os interlocutores pertenciam ao mesmo núcleo familiar ou à mesma comunidade, a forma *tu* era elencada com maior frequência pelos falantes. Contudo, nas relações públicas, em que a interação era realizada com indivíduos que não faziam parte do mesmo círculo de convivência, a forma mais utilizada passava a ser *você*.

Presume-se, a partir dos resultados de Bolívar (2008), que a capital gaúcha seja uma das localidades onde o *tu* ainda está presente como forma de tratamento íntimo. A pesquisa também mostrou, quanto ao gênero, que o uso do pronome *você* foi preferido muito mais pelas mulheres em comparação aos homens.

Nesta seção, foram apresentados estudos que tomaram como objeto de análise a variação dos pronomes de segunda pessoa *tu* e *você* na escrita e na fala. Os trabalhos apresentados, bem como seus resultados, fundamentaram a pesquisa em tela, em termos tanto da proposição das variáveis em análise, conforme será apresentado no capítulo 4, quanto da discussão dos resultados, conforme o capítulo 5.

3.2.2 Os pronomes possessivos de segunda pessoa no Português Brasileiro

Assim como os pronomes pessoais, vistos na seção anterior, os pronomes possessivos no PB são objeto de pesquisas sociolinguísticas que demonstram que a variação entre *teu* e *seu* e suas flexões está correlacionada tanto a fatores de ordem linguística quanto a fatores de ordem social. A seguir, apresenta-se uma revisão de estudos anteriores sobre a alternância dos pronomes possessivos de segunda pessoa, que tomaram como base *corpus* de análises tanto de língua falada quanto de língua escrita. A metodologia empregada nesses trabalhos e os resultados alcançados serviram de base para os procedimentos metodológicos e reflexões realizados nesta pesquisa.

Com base na observação de amostras de fala de quatro cidades do Paraná, os quais são provenientes de 96 entrevistas do banco de dados do Projeto VARSUL, Soares (1999) pôde analisar a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa (*teu*, *seu*, de *você* e do *senhor*) e de terceira pessoa (*seu* e *dele*). O autor, no que diz respeito à variação de segunda pessoa, interesse deste estudo, considerou as seguintes variáveis linguísticas: posição do pronome possessivo no sintagma nominal (SN), identificação do referente (determinado ou indeterminado) e valor semântico do possessivo. As variáveis sociais controladas foram: idade, sexo, escolaridade e etnia.

De forma geral, os resultados apontaram que o pronome *teu* tem presença mais significativa do que *seu* nas cidades do Paraná. As variáveis sociais apontaram para uma diferença da escolha do pronome a depender da faixa etária e da escolaridade: pessoas mais jovens, mulheres e com alto grau de escolarização preferem a forma *teu*, enquanto os participantes com mais de 50 anos, homens e com baixo indicador de escolarização preferem a forma *seu*.

Em relação aos correlatos linguísticos, quase todas as variáveis parecem exercer influência na realização do pronome *teu*, à exceção da posição do pronome do SN, que indica o equilíbrio entre as duas formas pronominais mencionadas.

A forma possessiva *teu* aparece mais frequentemente nos seguintes contextos: quando usada de maneira indeterminada/genérica e quando se refere às partes do corpo (ex.: o *teu* cabelo) e à relação no núcleo familiar entre o possuído e o possuidor (ex.: a *tua* prima). *Seu*, por outro lado, é mais usado em formas determinadas/específicas e quando em referência às características psicológicas/físicas (ex.: o *seu* medo).

Arduin (2005) analisa a variação dos pronomes possessivos *seu* e *teu* em oito cidades da região Sul (Blumenau/SC, Chapecó/SC, Flores da Cunha/SC, Florianópolis/SC, Lages/SC, Panambi/RS, Porto Alegre/RS e São Borja/RS), a partir de 192 entrevistas pertencentes ao banco de dados do VARSUL. As variáveis linguísticas e extralinguísticas controladas foram: pessoas do discurso, tipo de discurso (reportado e não reportado), paralelismo formal (relação de *seu/teu* com *tu/você*), animacidade do referente, posição do pronome em relação ao nome, pessoa do discurso reportado (pessoa próxima, pessoa distante ou o próprio participante), relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores (de superior para inferior, de igual para igual ou de inferior para superior), interlocução entre as pessoas do discurso reportado, faixa etária, sexo, escolaridade e região.

Das 415 ocorrências de pronomes possessivos encontradas, 86% corresponderam ao pronome *teu*, contra 14% de presença do pronome *seu*, confirmando a hipótese de que participantes gaúchos e catarinenses, por fazerem mais uso do pronome *tu*, utilizam com mais frequência o pronome *teu*. No que diz respeito à influência das variáveis linguísticas e extralinguísticas, o programa estatístico VARBRUL selecionou os seguintes grupos de fatores como relevantes para a escolha do pronome *teu* na fala dos participantes:

1. **Paralelismo formal:** a presença do pronome *tu* exerce influência no uso do possessivo *teu*, e, de modo contrário, a presença do pronome *você* age como desfavorecedora do uso do possessivo *teu*;
2. **Relações simétricas/assimétricas entre os interlocutores:** nas relações assimétricas de superior para inferior (ex.: pai para filho), há maior uso de *teu*, pois o superior marca o tratamento ao inferior com esse pronome, enquanto, de modo contrário, o inferior trata o superior com o pronome *seu*, considerado mais formal;
3. **Pessoa do discurso reportado:** o pronome *teu* é favorecido quando o participante reporta o próprio discurso ou quando reporta o discurso de pessoas próximas, visto que essa forma pronominal é associada a um estilo mais informal e íntimo;
4. **Sexo:** mulheres tendem a escolher as formas linguísticas mais prestigiadas. No estudo, utilizam mais o pronome *teu*, pois, embora considerada uma variante mais informal, é a predominante nas comunidades e tida como de maior *status*;
5. **Faixa etária:** os participantes mais jovens tendem a utilizar o possessivo *teu*, por terem preferência pela forma íntima e menos formal;
6. **Escolaridade:** participantes com nove anos de estudo na Educação Básica utilizam com maior frequência o pronome *teu*, juntamente com *tu*. Tal fato, segundo a autora, ocorre pois esses alunos, com o auxílio da escola, conseguem distinguir os usos de uma e de outra forma e seu prestígio social e conseguem, portanto, fazer o uso dos pronomes em acordo com a norma gramatical.

Sbalqueiro (2005) examinou a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do discurso *teu/seu* e de suas flexões, tomando a língua escrita como contexto de estudo. Foram analisadas 204 redações do gênero textual narrativo de alunos de 5ª a 8ª séries de uma escola pública de Curitiba/PR, a partir das seguintes variáveis linguísticas: discurso reportado ou não reportado, gênero dos interlocutores no discurso reportado, relações interpessoais no discurso reportado, animacidade do possuído, animacidade do possuidor, genericidade/especificidade do possuído e genericidade/especificidade do possuidor. Escolaridade, idade e gênero foram as variáveis sociais consideradas.

Com relação à segunda pessoa, de 160 ocorrências, apenas 13 foram do pronome *teu* e 147 do pronome *seu*. Quanto ao condicionamento, apenas um grupo de fatores foi selecionado: gênero dos autores das redações, sendo as mulheres mais suscetíveis ao uso de *seu*. Apesar da pequena amostra de dados, a hipótese inicial é confirmada: há um uso maior da variante *seu*

na segunda pessoa para concordar com *você*, pronome pessoal categórico na comunidade estudada.

Em relação a questões de cunho social, a pesquisa de Sbalqueiro (2005) vai de encontro à de Arduin (2005) no que diz respeito às tendências de uso das variantes, porque, para o primeiro autor, participantes do gênero feminino utilizam a forma de maior prestígio *seu* como forma de segunda pessoa, enquanto, para a segunda autora, pessoas do gênero feminino usaram mais *teu*. Contudo, nota-se que os participantes do gênero feminino, nas duas pesquisas, parecem dar preferência à variante mais prestigiada nas suas respectivas comunidades. Outro aspecto relevante diz respeito ao fato de que a pesquisa de Arduin (2005) trata da fala, enquanto a de Sbalqueiro (2005), da escrita.

À semelhança de Soares (1999), a variação dos pronomes *teu/seu* em cidades do Paraná que compõem o banco de dados de fala VARSUL é objeto de estudo em Mendes (2008), que analisou 32 entrevistas do VARSUL com as seguintes variáveis independentes: paralelismo formal, tipo de discurso, pessoa do discurso reportado, relações (as)simétricas, idade, sexo e região. Esperava-se que, pelo fato de o estado do Paraná usar, de maneira geral, a forma pronominal *você*, a forma possessiva *seu/sua* seria também mais frequente. Todavia, os resultados encontrados não confirmaram essa hipótese, visto que, a frequência geral da forma *teu* foi predominante. A partir da estratificação dos dados, resultaram 67 ocorrências de possessivos de segunda pessoa, 57 com o uso de *teu* e suas flexões, que corresponde a 85%, e 10 da variante *seu*, que corresponde a 15%. Ao analisar os resultados da variável linguística independente, paralelismo formal, constatou-se, nas quatro cidades paranaenses estudadas, uma prevalência significativa do uso da forma *teu* em relação ao pronome pessoal *você*.

No que diz respeito ao tipo de discurso, a forma *teu* é a favorecedora, tanto nos discursos não reportados quanto nos discursos reportados, remetendo a aproximação e intimidade do participante com o entrevistador e com o autor do discurso que ele reporta. As relações assimétricas parecem explicar melhor a distribuição de dados, segundo a autora, uma vez que a maior parte dos contextos – tanto de discursos reportados quanto de discursos não reportados – fazem referência a relações de superior para inferior e de igual para igual, contextos que propiciam o uso do possessivo *teu*. A conclusão a que chega a autora é a de que “é a variação estilística que condiciona a escolha por uma ou outra variante do par *teu/seu*, mais precisamente o fator do tipo de relação – (as)simétrica – que se instaura entre o participante e seu interlocutor” (Mendes, 2008, p. 15).

A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular *teu* e *seu* também é analisada a partir da língua escrita por Martins e Vargas (2014), que tomam como *corpus* cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX de diferentes regiões brasileiras, retiradas do projeto *Para a História do Português Brasileiro* (PHPB). Os anos pesquisados foram 1832, 1838, 1850, 1863, 1929, 1937 e 1941, e as variáveis analisadas foram traço de número do possessivo, traço de gênero, posição do sujeito, animacidade, posição do possessivo, tipo de sintagma e contração do determinante.

Os resultados da pesquisa apontaram para forte relação entre o uso dos possessivos e a natureza sociodiscursiva das cartas. A ocorrência de *teu* nos textos foi pequena, com predominância para o uso de *seu/sua* para a segunda pessoa. Também se verificou um aumento do pronome *você* e uma conseqüente diminuição de *vossa mercê*. Esse aumento, porém, não parece ser acompanhado por um aumento no uso do possessivo *seu*.

Os autores concluem, a partir dos resultados encontrados, que, naquela época, *você* e *tu* ainda não eram formas alternantes, pois não houve variação intra carta. Com respeito às diferenças de uso encontradas em cada região, Rio Grande do Norte e Rio de Janeiro apresentaram uso categórico do possessivo *seu*; já em Santa Catarina e na Bahia, a presença do pronome *tu* pareceu exercer influência no número de ocorrências do possessivo *teu*.

Pereira (2015) examina a variação pronominal dos possessivos *teu* e *seu* a partir de duas perspectivas: diacrônica e sincrônica. Na perspectiva diacrônica, com base na análise de cartas pessoais, de diferentes famílias, datadas de 1870 a 1980, a autora encontrou uma distribuição bastante equilibrada quanto ao registro de *teu* e *seu*. Essa distribuição, contudo, sofre forte influência do fator temporal, visto que a análise da variação por década apontou que as frequências dos possessivos se mostraram concentradas, com predomínio do pronome *teu* de 1870 até a década de 30 do século XX, e, a partir de 1940, com o favorecimento do possessivo *seu*, sendo imperativo entre os anos 1950 e 1960.

Tal resultado vai ao encontro do de Souza (2012), que, ao analisar a alternância entre *tu* e *você* nesse mesmo *corpus*, encontrou padrão de mudança semelhante, mostrando que a variação dos pronomes possessivos tende a seguir a variação dos pronomes de sujeito. Além disso, outro fator que se mostrou relevante foi a relação entre remetente e destinatário. O pronome *tu* foi empregado em cartas cuja relação entre os interlocutores era íntima. Já a forma *você* revelou um comportamento polifuncional, sendo ora encontrada como variante do pronome *tu*, ora encontrada como uma forma empregada para expressar um comportamento respeitoso e distante entre remetente e destinatário.

No que concerne ao viés sincrônico, com base na análise de dois esquetes do canal Porta dos Fundos do YouTube, Pereira (2015) encontrou maior emprego de *seu/sua*, embora ainda em variação com *teu/tua*. À semelhança dos resultados para as cartas, nesses esquetes, os pronomes *teu/tua* apresentaram caráter mais íntimo, que denota maior proximidade entre os interlocutores, enquanto *seu/sua* foi utilizado em situações de maior formalidade e distanciamento, ou, ainda, como indeterminação de posse.

Uma amostra de 44 cartas destinadas a um pastor evangélico, escritas entre 1940 e 1986, é objeto de investigação de Araújo (2018) para o estudo da variação pronominal de segunda pessoa, nesse caso com o acréscimo da forma *vosso*. O autor concluiu que, embora não se dividam categoricamente conforme as relações entre remetente e destinatário, as formas *teu*, *seu* e *vosso* estão de acordo com o proposto pela Semântica do Poder e da Solidariedade, descrita por Brown e Gilman (1960), uma vez que as ocorrências de *teu* se fazem mais presentes nas cartas em que há uma relação de proximidade e nas relações simétricas.

Embora a forma *seu* não pareça ser tão marcada quanto à proximidade, também esteve mais presente em relações simétricas. Faz-se relevante mencionar ainda que a forma *teu* foi mais usada em cartas escritas por mulheres, enquanto *seu* e *vosso* foi mais recorrente nas cartas escritas por homens, o que contrasta com os resultados de Sbalqueiro (2005), em que mulheres utilizaram o pronome de maior distanciamento *seu*. A explicação para essa diferença pode se dar pela natureza das cartas, uma vez que o uso desses pronomes sofre a influência do perfil não só do remetente, mas também do destinatário.

Lucena (2019) também examina a variação pronominal por um viés diacrônico, a partir da análise de cartas pessoais escritas entre 1857 e 1859. Tomando como base o trabalho de Souza (2012) sobre a variação diacrônica entre *tu* e *você*, já referenciado anteriormente, Lucena (2019) busca correlações entre a variação dos pronomes possessivos com o paralelismo formal e com o grau de parentesco entre os interlocutores. Os resultados encontrados vão ao encontro dos achados de Souza (2012), relativos à distribuição das formas pronominais em períodos específicos de tempo. A autora afirma que:

Uma investigação mais pormenorizada da variação das formas possessivas mostrou que essa distribuição não se deu de forma igualitária ao longo dos 100 anos de estudo: do século XIX até o final da década de 1930 há o maior emprego de *teu*, porém, a partir da década de 1940, há a maior utilização, muitas vezes categórica, de *seu* na amostra (Lucena, 2019, p. 100).

Parece consenso entre esses estudos que a variação pronominal de *teu* e *seu* tem forte motivação estilística. A forma *teu* (e suas variantes *tua*, *teus*, *tuas*) é considerada um pronome

de traço formal, utilizado em contextos em que há uma relação simétrica entre os interlocutores (ex.: irmão-irmão), ou ainda uma relação assimétrica descendente (ex.: chefe-empregado), o que corrobora a hipótese de diversos autores de que o que está regendo a variação dos possessivos *teu* e *seu* são as questões de poder e solidariedade (Brown; Gilman, 1960) existentes entre os interlocutores.

Por fim, os estudos diacrônicos também parecem estar de acordo no que concerne à mudança dos significados sociais do pronome *você*, de modo, atualmente, se configura como uma possibilidade pronominal de segunda pessoa do singular, equivalente a *tu*. Essa constatação pode ser estendida aos pronomes possessivos *seu* em comparação a *teu*.

Nesta seção, foram apresentados estudos que tomaram como objeto de análise a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu*. Os trabalhos aqui discutidos apoiaram-se em diferentes perspectivas – análises diacrônicas e sincrônicas – e utilizaram diversos *corpora* – cartas antigas, redações escolares e dados de fala. A despeito de diferenças metodológicas, chegaram a conclusões bastante similares.

3.3 O ESPAÇO DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NA BNCC NOS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

O espaço da variação linguística na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018) para os anos finais do Ensino Fundamental representa um alinhamento importante no entendimento de que há diversas manifestações linguísticas inseridas na sociedade. Porém, ainda há desafios, uma vez que, ao longo da história do ensino da Língua Portuguesa, esta foi tomada como pura e governada por padrões normativos engessados.

Com profundas raízes nos padrões determinados como “certo” e “errado”, permanece a ideia de que existe uma língua elencada como padrão, única, e que não comunga com as variações linguísticas, protagonizando um ensino excludente e alicerçado na gramática normativo-prescritiva, atenta às regras gramaticais. Bortoni-Ricardo (2004, p. 15) salienta que:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas servem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder da persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades.

Diante desse quadro, como forma de conduzir a construção dos currículos nacionais que contemplem as reais diversidades dos estudantes, foi construída e homologada a BNCC, a partir de um processo democrático, dinâmico e participativo, que envolveu 12 milhões de contribuições de professores especialistas de todos os estados brasileiros. O documento nasce com a intenção de sedimentar e garantir que todos os estudantes tenham o direito de aprender garantido, e que as competências e habilidades essenciais sejam comuns em todo o território brasileiro. Essa ação pretende diminuir as distâncias, nivelando o padrão de ensino e potencializando a equidade, tanto nas áreas urbanas como nas rurais, em prol da melhoria da qualidade da educação brasileira. A Base estabelece objetivos claros de fomento às aprendizagens que todos os alunos devem alcançar ao longo da sua trajetória escolar, com destaque para o desenvolvimento da competência comunicativa.

A inserção da variação linguística na BNCC, no contexto delineado, colabora para quebrar a postura rígida oriunda do ensino centrado na norma gramatical ao acolher a ideia das múltiplas expressões existentes no Brasil. Desse modo, na área de Linguagens do documento, elenca-se o valor das práticas de linguagem na dimensão social com a afirmação de que “é por meio dessas práticas que os sujeitos (inter)agem no mundo e constroem significados coletivos” (Brasil, 2018, p. 86). Nesse sentido, são consideradas habilidades concernentes à Língua Portuguesa do 6º ao 9º ano:

(EF69LP55): Reconhecer as variedades da língua falada, o conceito de norma-padrão e o de preconceito linguístico.

(EF69LP56): Fazer uso consciente e reflexivo de regras e normas da norma-padrão em situações de fala e escrita nas quais ela deve ser usada (Brasil, 2018, p. 160-161).

Especificamente para o 9º ano do Ensino Fundamental, a BNCC elenca ainda as habilidades de “Identificar estrangeirismos, caracterizando-os segundo a conservação, ou não, de sua forma gráfica de origem, avaliando a pertinência, ou não, de seu uso (EF09LP12)” (Brasil, 2018, p. 160-161), que contempla a mudança linguística, manifestação que, conforme Bagno (2013), é “inevitável” e “irrefreável”, pois a incorporação de empréstimos linguísticos de outro idioma alicerça alterações na língua.

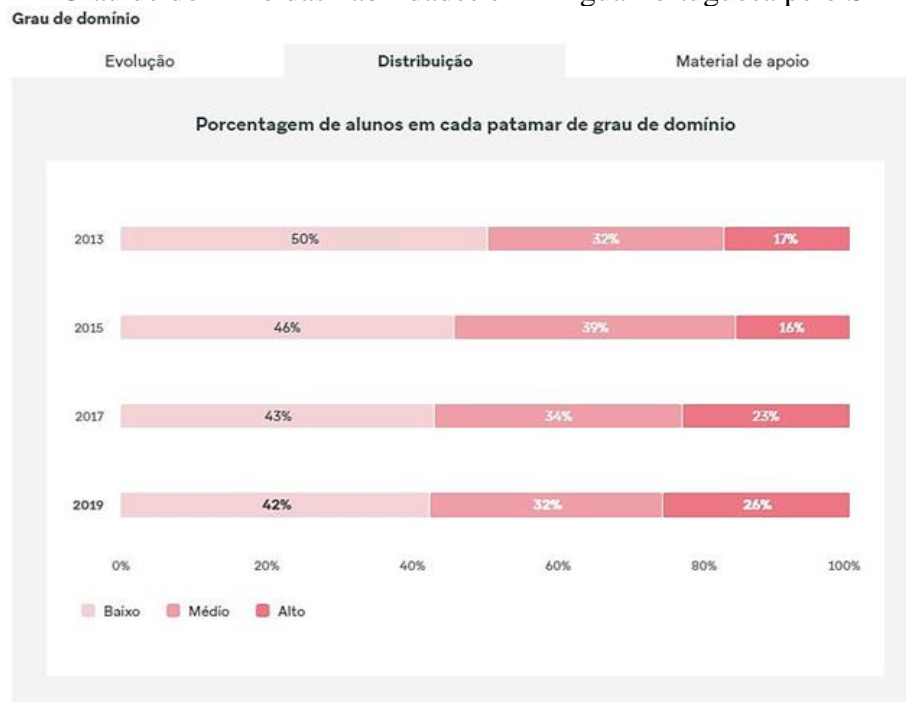
Considerando que a pesquisa em tela parte de um *corpus* de textos escritos por estudantes do 6º ao 9º ano a partir de propostas de produção em que a identidade do produtor do texto e a do interlocutor são conhecidas, examinam-se aqui os resultados obtidos pelos testes do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), um conjunto de avaliações externas em larga escala, que representa uma das principais ferramentas utilizadas para avaliar a qualidade

da educação, pois fornece informações que permitem a gestores educacionais, pesquisadores, professores, pais e sociedade em geral o acesso a um diagnóstico da educação básica e de fatores que podem interferir no desempenho do estudante. Esses testes são respondidos por alunos dos ensinos Fundamental e Médio e alicerçam a criação de políticas públicas direcionadas para o setor⁵.

O descritor “Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto”, identificado como D10 para o 5º ano, diz respeito à habilidade de reconhecimento de quem fala no texto e a quem ele é destinado, a partir das marcas linguísticas. Para o 9º ano, identificado como D13, esse descritor avalia a capacidade de adequação linguística em contextos variados.

Os gráficos 1 e 2, a seguir, apresentam dados totais alcançados pelos estudantes da rede pública estadual quanto à proficiência em Língua Portuguesa no 5º e no 9º ano do Ensino Fundamental, respectivamente, de Porto Alegre/RS. Essa avaliação abarca todos os descritores das séries avaliadas. É o resultado do número de acertos dos itens contemplados nos testes de Língua Portuguesa que vai mostrar o padrão de desempenho em que os estudantes se encontram na etapa avaliada.

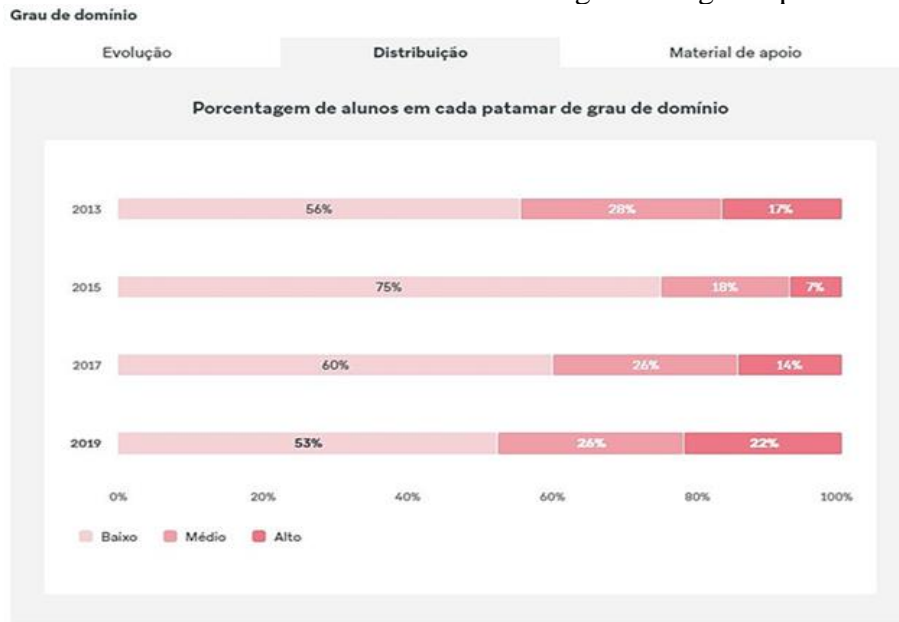
Gráfico 1 – Grau de domínio das habilidades em Língua Portuguesa pelo SAEB: 5º ano



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

⁵ No SAEB, são avaliados estudantes matriculados nos 5º e 9º anos do Ensino Fundamental e no 3º ano do Ensino Médio, e são aplicados testes de Língua Portuguesa e de Matemática.

Gráfico 2 – Grau de domínio das habilidades em Língua Portuguesa pelo SAEB: 9º ano



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Nos Gráficos 1 e 2, é apresentado o percentual de alunos que já desenvolveu as habilidades e as competências para cada ano, quantos ainda estão desenvolvendo essas habilidades e quantos estão abaixo do nível desejado para a série, além de ser possível verificar também quem está acima do nível esperado entre 2013 e 2019.

A partir das escalas apresentadas dos 5º e 9º anos, é possível constatar que os estudantes do Ensino Fundamental das escolas públicas do Rio Grande do Sul, anos finais, concentram seus resultados, em cerca de 70% dos casos, nos níveis baixo e médio nas habilidades elencadas nos descritores.

Notavelmente, 42% dos estudantes demonstraram estar abaixo do nível básico de conhecimento, ou melhor, têm uma defasagem de aprendizagem que equivale a dois anos de escolarização. Isso sugere que há um amplo espaço para melhoria, porque, no nível médio, essa categoria está representada por 32%, indicando que essa parcela não alcançou as competências mínimas esperadas. Por fim, estão 26% dos estudantes que alcançaram o nível alto ou adequado, o que significa que eles estão no padrão de desempenho desejável.

Ao aumentar a escolarização, como detalhado no segundo gráfico, representado pelo 9º ano, percebe-se que as dificuldades aumentam: 53% dos estudantes não têm as principais habilidades âncoras desejáveis, índice seguido por 24% de médio e 22% de alto.

O próximo capítulo apresenta o método adotado para o desenvolvimento da pesquisa em tela.

4 METODOLOGIA

Neste capítulo, será apresentada a metodologia adotada para a realização desta pesquisa. Como referenciado na seção anterior, este trabalho segue os pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), sendo, portanto, uma pesquisa de ordem quantitativa e qualitativa, que objetiva, a partir de textos escritos por alunos de escolas de educação básica, encontrar correlações entre a realização variável do pronome possessivo de segunda pessoa do singular e fatores linguísticos e sociais.

Na seção 4.1, será apresentada a comunidade analisada, e, na seção 4.2, serão descritos os instrumentos utilizados e os procedimentos seguidos para a coleta dos dados. Na seção 4.3, serão apresentadas a variável dependente, bem como as variáveis independentes linguísticas e sociais consideradas na análise. Por fim, será descrita, na seção 4.5, a forma como os dados foram manipulados e analisados.

4.1 A COMUNIDADE EM EXAME

A presente pesquisa considera duas escolas públicas da cidade de Porto Alegre/RS, identificadas como Escola A⁶ e Escola B, financiadas pela mesma entidade e inseridas em contextos socioeconômicos antagônicos, o que se justifica pelo objetivo de analisar como os fatores externos impactam no uso linguístico na modalidade escrita e na sua relação com a norma gramatical.

A Escola A está localizada na região central do município de Porto Alegre/RS. O bairro é considerado de alto padrão e foi muito modificado nos últimos anos, através da construção de edifícios residenciais e da expansão do comércio. Devido à sua atratividade para investimentos, ocorrem debates concernentes à preservação de casarões antigos do bairro e à substituição destes por outros prédios mais modernos. No início da década de 2000, construiu-se no local o primeiro hotel internacional de cinco estrelas da cidade de Porto Alegre/RS. As ruas são bastante arborizadas, sendo que algumas se enquadram nos preceitos da Lei dos Túneis Verdes, criada em 2012 para proteger vias dessa categoria, com diversos bares, restaurantes e lojas de marcas de luxo.

⁶ Visando a preservar a identidade das escolas que participaram desta pesquisa, seus nomes serão omitidos, de modo que serão referidas como “Escola A” e “Escola B”.

Quanto às ruas mais caras e valorizadas da cidade, verificou-se que, dos 13 endereços elencados, 5 correspondiam a ruas pertencentes ao bairro onde se localiza a Escola A. Sua população é de 7.264 habitantes, representando 0,52% da população do município. Além disso, o bairro apresenta área de 0,93 km² (0,20% da área do município), sendo sua densidade demográfica de 7.810,75 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 0,35%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 16,05 salários-mínimos.

Dados fornecidos pelo Sistema de Informatização da Secretaria da Educação do Estado do Rio Grande do Sul (ISE/RS) revelam que a escola em questão tem 366 estudantes matriculados no Ensino Fundamental. O IDEB de Ensino Fundamental Anos Iniciais, em 2019, superou a meta prevista de 6,5, atingindo 7,2; já o IDEB dos Anos Finais ficou abaixo do esperado: 5,7 (INEP, 2021). De acordo com dados do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS), em 2022, os estudantes encontravam-se em nível adequado em Língua Portuguesa (260,15) e em Matemática (272,91) (RIO GRANDE DO SUL, 2022). Nas duas disciplinas, o nível de proficiência ficou acima da média de escolas do município e do estado.

A Escola B está localizada na zona leste do município de Porto Alegre/RS. O bairro é cortado por uma avenida que se tornou uma das principais artérias da cidade. Às margens dessa avenida, desenvolveu-se uma ampla rede comercial, que vai de pequenos estabelecimentos a hipermercados. Nesse local, residem moradores de classe média e baixa, e há diversos pontos de tráfico de drogas, em função das disputas de territórios pelas facções, o que gera uma atmosfera permeada pela violência constante.

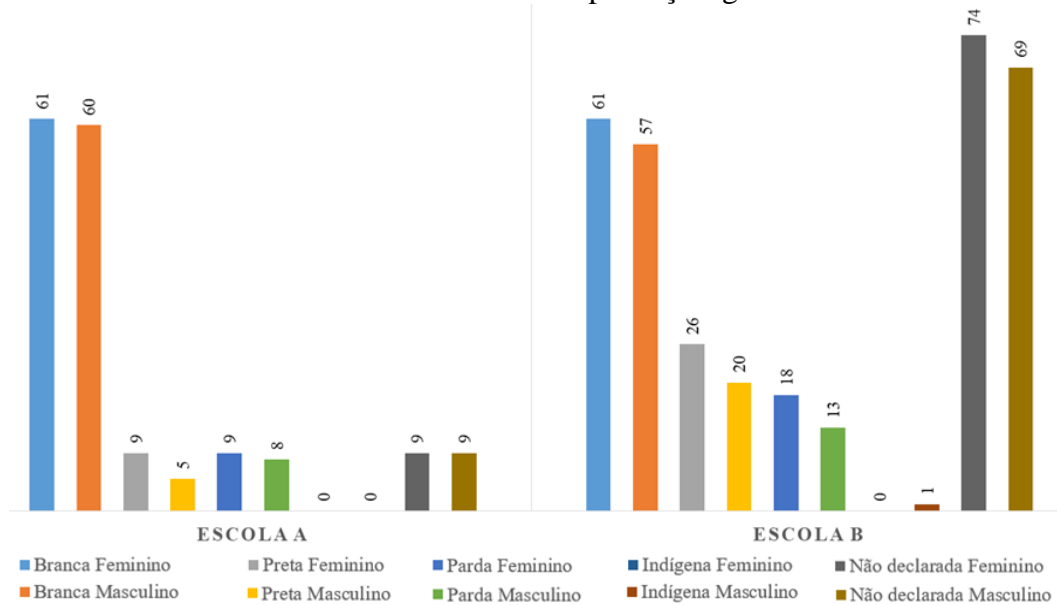
O bairro possui, segundo Censo de 2010 (IBGE, 2012), 11.935 habitantes, representando 0,85% da população da cidade. Com área de 1,08 km², representa 0,23% da área do município, sendo sua densidade demográfica de 11.050,93 habitantes por km². A taxa de analfabetismo é de 3,13%, e o rendimento médio dos responsáveis por domicílio é de 3,23 salários-mínimos. Dados fornecidos pelo ISE/RS revelam que a escola tem 712 estudantes matriculados no Ensino Fundamental.

O IDEB de Ensino Fundamental/Anos Iniciais, em 2019, ficou em 5,7, acima do esperado, visto que a meta era 4,9; já o IDEB dos Anos Finais do Ensino Fundamental foi de 4,7, sendo um pouco abaixo do esperado, uma vez que a meta era 4,9. Quanto à proficiência em Língua Portuguesa, de acordo com dados do SAERS, em 2022, os estudantes encontravam-se em nível adequado (207,63). Já em Matemática, o nível de proficiência foi identificado como

básico (207,52). Tanto em Língua Portuguesa quanto em Matemática, o nível de proficiência ficou abaixo da média de escolas do município e do estado (INEP, 2021).

Como é possível notar pelas informações anteriores, as duas escolas encontram-se em contextos socioeconômicos completamente opostos, de modo que essas diferenças se refletem também no perfil dos alunos. O Gráfico 3, a seguir, apresenta a distribuição dos estudantes por gênero e raça em cada escola considerada.

Gráfico 3 – Total de alunos por raça e gênero

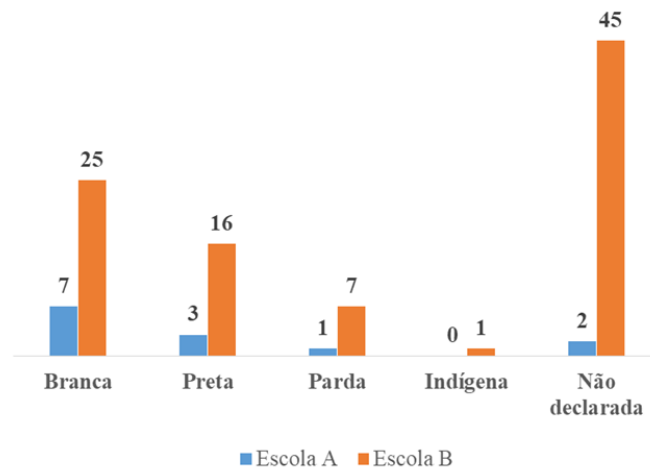


Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A partir do gráfico anterior, é possível perceber que a Escola A, ainda que apresente o mesmo número de alunos brancos que a Escola B, possui significativamente menos alunos de outras raças, o que parece ser reflexo do bairro em que se localiza.

O Gráfico 4, a seguir, apresenta informações relativas à distorção idade-série das duas escolas, por raça, a partir dos dados fornecidos pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC/RS).

Gráfico 4 – Total de estudantes em distorção idade-série por raça



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

O índice de distorção diz respeito à diferença entre a idade de um aluno e a idade recomendada para a série em que ele está matriculado. Desse modo, a Escola B possui 94 estudantes em distorção, enquanto a Escola A possui 13 alunos nessa situação. Novamente, encontramos diferenças entre as duas escolas, uma vez que, de modo geral, a Escola B possui um número maior de estudantes em situação de distorção do que a Escola A.

Adicionalmente, de acordo com os dados obtidos no Censo Escolar, a Escola A, no ano de 2019, apresentou um percentual relativo à Taxa de Distorção Idade-Série de 11,5%, sendo 4,2% referentes aos anos iniciais e 20%, aos anos finais. Já a Escola B apresentou um percentual de 27,3%, sendo 20,6% referentes aos anos iniciais e 34,2%, aos anos finais do Ensino Fundamental.

Embora as escolas A e B estejam localizadas na capital gaúcha, em uma mesma estrutura educacional pública de ensino e com a mesma mantenedora, oferecem um contraste útil à análise, apesar de ambas estarem relativamente distantes da média da realidade escolar da Rede Pública Estadual. Seria razoável supor que o desempenho dos estudantes matriculados nas duas escolas reflète essa disparidade, mas é apenas através do uso de ferramentas adequadas de coleta de evidências sobre a realidade educacional desses estudantes que se pode mensurar, com precisão, como e quanto é exatamente a distância entre eles em termos de oportunidade concretizada de aprendizado.

Ainda com o objetivo de delinear o perfil das escolas participantes da pesquisa em tela, consideram-se no Quadro 3 e no Gráfico 3, a seguir, os dados do PISA for Schools, de 2021/2022 – Avaliação Externa promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) através da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Esse teste

objetiva avaliar estudantes utilizando um parâmetro mínimo considerado necessário de habilidades para permitir a sua inserção no mundo globalizado e ter uma vida de sucesso. São avaliadas disciplinas de Leitura, Matemática e Ciências.

O primeiro indicador, e o mais frequentemente utilizado, é a Média de Desempenho, que considera como referência positiva a pontuação 420. Nesse caso, os resultados foram os seguintes:

Quadro 4 – Resultados PISA 2021/2022 para as escolas analisadas

	Leitura	Matemática	Ciências
Escola A	466	437	458
Escola B	360	344	360
Média do Brasil (PISA 2018)	413	384	404
Países da OECD (PISA 2018)	487	489	489

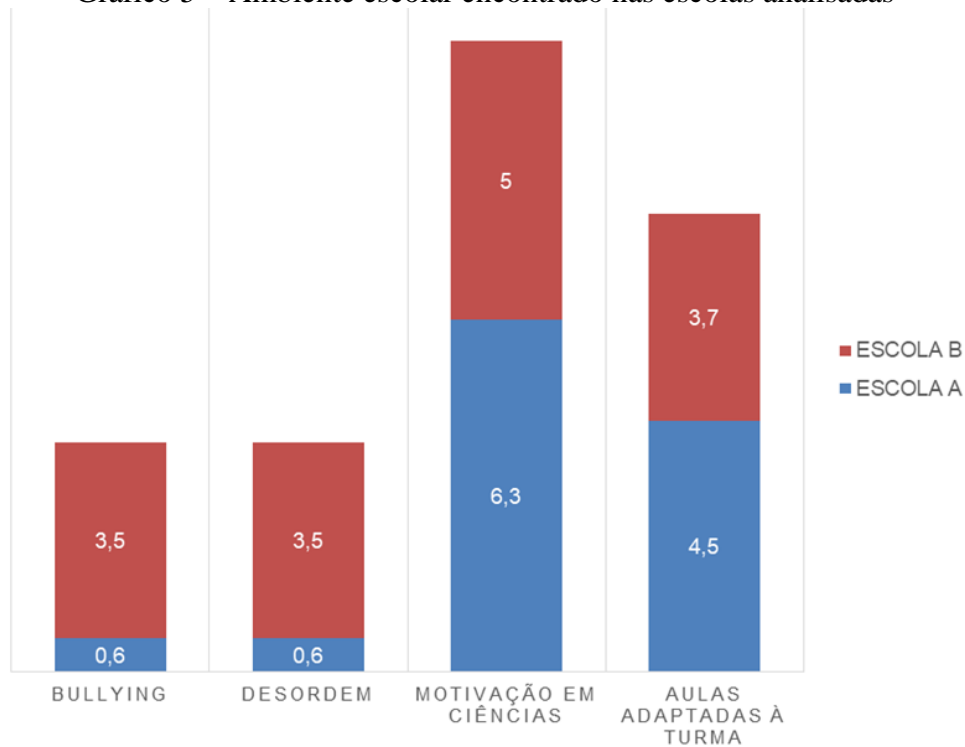
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o Quadro 4, a Escola A não apenas tem médias no nível básico ou superior em todas as três disciplinas avaliadas, mas seus estudantes também contam com média superior à verificada nacionalmente. Por outro lado, a Escola B encontra-se abaixo do nível mínimo estabelecido pela OCDE nas três disciplinas. Se comparadas, também demonstram desempenho menor que as médias nacionais e internacionais.

As comparações anteriores não são, entretanto, suficientes para lançar luz à situação que se busca exemplificar. Quando se cria um *ranking*, comparando numericamente o desempenho de amostras de estudantes com contextos tão diversos quanto percebemos no mundo, ou até mesmo dentro das muitas regiões do Brasil, perde-se de vista um dado importante: as trajetórias não são as mesmas do ponto de vista histórico, econômico, político ou cultural.

Na avaliação das duas escolas, foram identificados níveis de correlação entre algumas habilidades socioemocionais, o desempenho dos alunos, respostas nos questionários contextuais e o ambiente escolar. Ainda sobre indicadores relevantes que os relatórios do PISA for Schools oferecem, que não são relacionados às disciplinas, mas que influenciam profundamente no desempenho, o Gráfico 5, a seguir, dá indícios de quais tipos de ambiente escolar são mais favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem.

Gráfico 5 – Ambiente escolar encontrado nas escolas analisadas



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

De acordo com o gráfico, que apresenta o quanto o *bullying*, a desordem, a motivação em ciências e as aulas adaptadas impactaram no clima escolar, os fatores negativos elencados nas primeira, segunda e quarta colunas mostram o quanto esses fatores prejudicam o desempenho dos alunos⁷.

Apesar de haver diferenças de percepção entre os estudantes sobre os conteúdos das aulas terem sido ou não adaptados à realidade da escola, apenas 4,5% dos estudantes da Escola A e 3,7% dos da Escola B sentem-se satisfeitos com a metodologia, as práticas pedagógicas e a flexibilização curricular nas suas escolas, o que aponta a distância entre a escola e a expectativa dos estudantes que a frequentam.

Os questionários aplicados nessa edição do PISA for Schools para os estudantes das duas escolas em exame revelam outros pontos contextuais sobre a realidade da comunidade escolar e sobre a diferença de condições de aprendizagem no período pandêmico e seus impactos negativos. São resultados relevantes:

⁷ A pesquisa não tem série histórica para que seja possível realizar comparações. No segundo semestre de 2023, será aplicada a segunda edição.

- a) Na Escola A, 48% dos estudantes relataram ter utilizado o próprio *notebook*, computador ou *tablet* para realizar atividades escolares durante o fechamento de escolas devido à COVID-19. Na Escola B, por sua vez, isso foi relatado por 19% dos avaliados;
- b) Na Escola A, 61% dos avaliados relataram que, no mesmo período de fechamento do estabelecimento escolar devido à pandemia da COVID-19, seus familiares verificavam se estavam fazendo as tarefas. Na Escola B, esse índice foi de 45%;
- c) Na Escola A, 72% relatam terem utilizado plataformas de aprendizagem como Google Classroom. Na Escola B, apenas 57%;
- d) Na Escola A, 72% dos estudantes têm expectativa de seguirem uma carreira profissional, em oposição a 48% dos da Escola B.

Os resultados divergentes, embora relativos a estudantes provenientes de uma mesma Rede Pública Estadual, refletem a sociedade excludente à qual pertencem. Tais divergências não somente se restringem ao desempenho na avaliação em questão nas disciplinas de Leitura, Matemática e Ciências, mas também envolvem expectativas de vida e realidades econômicas e familiares.

4.2 COLETA DE DADOS

A coleta de dados para o desenvolvimento da pesquisa em tela deu-se através da aplicação de quatro tarefas de escrita para cada um dos 190 alunos elegíveis do 6º ao 9º ano das duas escolas consideradas (113 da Escola A e 77 da Escola B, diluídos entre 54 do gênero masculino e 59 do feminino da Escola A e 31 do gênero masculino e 46 do feminino da Escola B), situadas em Porto Alegre/RS. Estudantes que não cumpriram a realização de todos os instrumentos foram retirados da pesquisa.

4.2.1 Instrumentos de coleta

Para a composição do *corpus* de análise desta pesquisa, foram coletadas, de cada estudante, quatro redações, sendo cada uma delas apresentada aos alunos a partir de instruções escritas detalhadas sobre a tarefa escrita a ser desenvolvida.

Os temas e gêneros (cartas e entrevistas) foram escolhidos de maneira que pudessem ser enquadrados em pontos diferentes de um *continuum* de monitoramento, que, conforme tratado no capítulo 3, com base na proposta de Bortoni-Ricardo (2004) para o contínuo de monitoramento estilístico, abrange desde as propostas que preveem as interações mais espontâneas até aquelas que preveem as mais formais.

A seguir, são elencados os quatro instrumentos propostos para a coleta de dados.

4.2.1.1 Carta para ídolo

Nessa proposta (Apêndice 1), os estudantes escolheram uma pessoa que apreciam e têm como modelo/ídolo e elaboraram uma carta, direcionada a essa pessoa – aqui identificada como “ídolo” –, explicando os motivos pelos quais essa pessoa é sua inspiração. Justifica-se o interlocutor “ídolo” para a carta de maior cuidado na escrita ou mais monitorada, pois acreditamos que se trata de uma pessoa distante do aluno e, por ser considerada um modelo, não se apresentaria em nível de igualdade com o participante nas relações sociais, mas como um exemplo a ser alcançado. O tema escolhido e a proposta redigida direcionam o participante para a necessidade de referenciar o destinatário, além dos objetos e das características pertencentes a ele, de forma a incentivar o uso de *teu* e *seu* (e suas flexões).

4.2.1.2 Carta para amigo/a

Na segunda proposta (Apêndice 2), foi apresentado um cenário hipotético em que o/a melhor amigo/a do/a estudante se mudou há seis meses para outra localidade e, por esse motivo, ele/ela deveria escrever uma carta para esse/a amigo/a, perguntando sobre sua nova vida e rotina, lembrando momentos vividos, fazendo referência a características do/a amigo/a de que sente saudade e desejando feliz aniversário. Justifica-se o destinatário “melhor amigo/a” para carta ao amigo, o que pode resultar em menor monitoramento na escrita, pois acredita-se que se estabelece, entre remetente e destinatário, uma relação de igualdade e de intimidade, em oposição à primeira proposta. Da mesma forma que a proposta anterior, as instruções dadas para a elaboração desse texto direcionaram o aluno para a necessidade de referenciar o destinatário, além dos objetos e das características pertencentes a ele.

4.2.1.3 Diálogo: entrevista com o prefeito

Para o texto diálogo, foi proposto que o estudante imaginasse um cenário em que ele estaria entrevistando o prefeito da cidade (Apêndice 3). O aluno deveria elaborar o diálogo entre ele e o político, a partir de perguntas que ele gostaria de fazer e de suas respostas. Embora esse diálogo tenha caráter totalmente imaginativo, previu-se que a relação de distância entre o prefeito e o aluno no texto seria expressa pelos participantes, por meio da adoção de maior grau de monitoramento na escrita. O fomento ao uso dos possessivos está caracterizado nas instruções específicas para a elaboração desse texto, que solicita ao estudante a menção a características e opiniões do prefeito.

4.2.1.4 Diálogo: *fanfic*

Para o segundo diálogo, selecionou-se o gênero *fanfiction* (Apêndice 4). De acordo com Aguiar (2011, p. 27), *fanfictions* são “ficções criadas por fãs de determinada franquia que vêm a produzir, disseminar e interagir, na rede *on-line*, suas histórias, sendo essas histórias um mecanismo com crucial eminência no processo de escrita e leitura”.

Considerando que esse gênero é bastante atual e conhecido entre os jovens, previu-se uma escrita mais descontraída (situação em que, por consequência, os participantes não estariam preocupados em monitorá-la). Para a proposta, os alunos foram convidados a criar um diálogo entre dois personagens de obras culturais de sua escolha. Os estudantes receberam a orientação verbal da professora regente da turma, previamente orientada pela pesquisadora responsável pelo estudo.

4.2.2 Procedimentos de coleta

Antes da aplicação do material, realizou-se uma consulta aos pais e responsáveis dos/as alunos/as sobre a possibilidade de participação na pesquisa. Em caso de acordo, os pais preencheram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (Apêndice 5) permitindo a adesão dos estudantes. Da mesma forma, aos estudantes autorizados por seus pais/responsáveis a participar da pesquisa, foi apresentado o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido para assinatura (TALE) (Apêndice 6). Após aprovação pelo Comitê de Ética em

Pesquisa, deu-se início à coleta de dados⁸. A aplicação desse material foi realizada de forma presencial, pelos professores regentes de cada turma, sem a interferência da pesquisadora. Os participantes não tomaram conhecimento do objeto de estudo da pesquisa – a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa.

Os textos foram escritos em uma folha preparada especificamente para cada tarefa, sem indicação do nome do aluno, de forma a manter o sigilo dos participantes. De modo a evitar possível cansaço e desinteresse dos alunos, cada proposta foi aplicada em uma data diferente, dentro de um intervalo máximo de duas semanas. Cada sessão de coleta teve a duração de, no máximo, uma hora e trinta minutos. Ao final do período de coleta, foi considerado como participante da pesquisa o estudante que redigiu as quatro propostas de redação, sendo excluído da pesquisa, portanto, aquele estudante que, por algum motivo, não produziu alguma das redações.

4.3 CODIFICAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS

Os textos coletados foram digitalizados, e as ocorrências dos pronomes *teu* e *seu* e de suas flexões foram levantadas, de modo que o período completo em que as ocorrências surgiram foi registrado. As ocorrências assim constituídas foram reunidas em uma planilha de dados no *software* Excel, gravada na extensão “.csv”. A partir disso, os dados foram codificados de acordo com as variáveis discriminadas abaixo, para, posteriormente, serem submetidos a tratamento estatístico performado pelo software R (R Team Development Core, 2022), que será apresentado na seção 4.5.

4.4 VARIÁVEIS OPERACIONAIS

4.4.1 A variável dependente

O fenômeno analisado nesta pesquisa é a variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular. Dessa forma, a variável dependente considerada é binária, constituída pelas duas variantes possíveis para esse grupo de fatores, sendo *teu* e suas flexões a variável referência *para os valores de aplicação*. São variantes, portanto:

⁸ Este projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da PUCRS, sob registro CAAE: 59096322.6.0000.5336.

- a) *Teu* e flexões (*teus; tua; tuas*);
- b) *Seu* e flexões (*seus; sua; suas*).

As ocorrências abaixo ilustram essas variantes em enunciados extraídos do *corpus*:

- (6) Achou que eu iria esquecer o *seu* aniversário? (Participante 248)
- (7) Tu esqueceu *tua* bermuda aqui to enviando junto com a camisa. Já já chega aí. (Participante 282)⁹

4.4.2 Variáveis independentes linguísticas

O uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa *teu/seu* e de suas flexões pode sofrer condicionamento das seguintes variáveis linguísticas, conforme apontam os estudos apresentados no capítulo 3.

4.4.2.1 Pronome pessoal

Com essa variável, busca-se analisar a influência da forma pronominal pessoal, do caso reto ou oblíquo, e/ou de formas de tratamento quando localizadas no mesmo período em que se utiliza o pronome possessivo *teu* e suas flexões. Espera-se que haja condicionamento do pronome pessoal *tu*, uma vez que esse é o pronome predominante na comunidade local, conforme atesta o estudo de Loregian-Penkall (2005) apresentado no capítulo 3.

A variável é composta pelos seguintes fatores:

- a) Pronome *você*

- (8) E como eu disse e repito, *você* é muito legal, sempre alegrando as pessoas (no caso so fã) me fazendo rir em quase todo o santo dia, por isso, caso pense me desistir do *seu* canal, pense nesta carta e nos *seus* fã que gostam de *você* e querem *seu* bem e o quanto *você* é especial para os bears. (Participante 27)

⁹ Os fatores das variáveis apresentados neste capítulo são ilustrados por meio de ocorrências da amostra de redações. Essas ocorrências estão transcritas exatamente como foram registradas pelos participantes, ou seja, sem qualquer adequação à norma gramatical.

b) Pronome *tu*

(9) E junto desse eu te mando esse laptop só *seu*; dai *tu* pode jogar nele ao invés do laptop do *teu* pai. (Participante 52)

c) *Tu e você* no mesmo período

(10) Meu, que Deus te abençoe, te ilumine em todas as *tuas* jornadas, nas *tuas* correrias, na *tua* carreira, que *você* continue sendo o guri que *tu* é. (Participante 269)

d) Sem pronome pessoal expresso no período

(11) Quais foram *teus* antigos cargos? Qual *sua* opinião sobre *sua* profissão? (Participante 39)

e) Outros pronomes do caso reto ou formas de tratamento (senhor/a, eu, nós)

(12) Achou que eu iria esquecer o *seu* aniversário? (Participante 248)

f) Pronomes do caso oblíquo (ti, te, contigo)

(13) Queria te conhecer melhor, fale sobre *sua* família. (Participante 258)

4.4.2.2 Paralelismo formal

A partir dessa variável, verifica-se se há a influência da forma do pronome pessoal na escolha do pronome possessivo utilizado. Aventa-se a hipótese de que a presença explícita de *tu* ou *você* no período favorece a emergência dos possessivos *teu* e *seu* e de suas flexões, respectivamente.

As ocorrências foram codificadas como se segue:

a) Pronomes paralelos

(14) Quanto tempo, queria desejar feliz aniversário e saber se *tu* gostou da bandeira do livinho que eu te dei e também o baralho com nosso toque... lembro daquele dia até hoje, coitado do *teu* padrasto. Enfim, to com a *tua* calça do homem-aranha e não vou devolver!! (Participante 53)

(15) eu acho que choraria muito se visse *voce* pessoalmente pois amo muito mais muito *voce* tipo muito mesmo eu adoro demais o *seu* trabalho e talvez siga nesse ramo mesmo. (Participante 5)

b) Pronomes não paralelos

(16) E como é *sua* relação com a *sua* família e o que *tu* mais gosta de fazer com *sua* família. (Participante 293)

(17) *Você* deixou *tua* chuteira e *tua* luva de goleiro eu vou te devolver quando *tu* voltar, e é isso tchau (Participante 246)

c) *Teu/seu* (e suas flexões) sem pronome pessoal expresso no período

(18) Como geralmente é a *sua* rotina? (Participante 2)

d) *Teu/seu* (e suas flexões) com vocativo

(19) Senhor prefeito o que o senhor gosta de fazer no *seu* tempo livre? (Participante 177)

4.4.2.3 Animacidade do possuído

Os nomes possuídos que acompanham as variantes *teu/seu* (e suas flexões) podem ser divididos em dois grupos distintos quanto ao traço semântico de animacidade: o grupo dos nomes possuídos animados e o grupo dos nomes possuídos inanimados. Arduin (2005) afirma que referentes de traço [-animado] favorecem o uso dos possessivos de terceira pessoa do singular, o que conduz à hipótese de uma possível correlação entre a escolha dos pronomes

possessivos *teu(s)/tua(s)* e *seu(s)/sua(s)* e a animacidade do nome que o segue. Essa variável comporta os seguintes fatores:

a) Referente [+animado]

(20) Olá querida Anitta, eu sou uma menina de 11 anos que é *sua* fã (Participante 2)

b) Referente [-animado]

(21) pesquisei sobre *você* e *sua* história com a música (Participante 3)

Essa variável mostrou-se significativa também na tese de Pereira (2015), de acordo com a qual a animacidade do nome possuído favorece o uso de uma forma possessiva em detrimento de outra. Desse modo, espera-se, neste trabalho, que a forma possessiva *seu* seja favorecedora nos eventos em que o nome possuído é inanimado. Já quanto ao pronome possessivo *teu*, espera-se que este seja favorecedor nos contextos em que o nome é animado.

4.4.2.4 Generalidade do referente

Sbalqueiro (2005), com base em Oliveira e Silva (1996), aponta que, para a variação dos pronomes possessivos de terceira pessoa, a generalidade do referente exerce condicionamento, de modo que referentes de traço [+genérico] tendem a favorecer o uso do pronome *seu*, resultado que a pesquisa em tela espera também alcançar.

Os fatores que compõem essa variável são:

a) Segunda pessoa do discurso: ocorrências em que podemos recuperar o referente do pronome possessivo

(22) oi, sou uma menina nascida no nordeste sou muito *sua* fã eu gosto muito dos *seus* videos que sao engraçados. (Participante 3)

b) Genérica: ocorrências em que não é possível recuperar o referente

(23) Não interessa de onde a pessoa é. *Você* tem que ter o *seu* estudo. (Participante 198)

4.4.2.5 Alternância dos pronomes *tu/você* nos textos escritos

Busca-se, com essa variável, verificar a alternância do pronome pessoal ao longo de cada um dos textos que compõem a amostra, de modo a verificar se os participantes utilizam preferencialmente apenas o pronome *tu*, apenas o pronome *você* ou ambas as formas de referência à segunda pessoa. De acordo com Arduin (2004), conforme apresentado no capítulo 3, a probabilidade de um participante usar o pronome possessivo *teu* e suas flexões é diretamente proporcional à frequência de uso do pronome pessoal *tu*.

Com essa variável, acredita-se que haverá mais ocorrências do pronome pessoal *tu*, uma vez que esse é o pronome predominante na comunidade local e também o que é ensinado nas escolas analisadas.

Os fatores que compõem a variável são:

- a) Somente pronome *tu* ao longo do texto;
- b) Somente pronome *você* ao longo do texto;
- c) Ambas as formas de referência à segunda pessoa *tu* e *você* são encontradas no texto.
- d) Sem pronome pessoal presente no texto.

4.4.2.6 Alternância dos pronomes possessivos *teu/seu* e de suas flexões nos textos escritos

Essa variável verifica como se dá a alternância do pronome possessivo ao longo de cada um dos textos que compõem a amostra. Nessa variável, serão controladas as ocorrências de *teu* e suas flexões e *seu* e suas flexões ao longo do texto escrito; ou seja, pretende-se verificar se o participante utiliza apenas um dos pronomes possessivos ao longo de um mesmo texto produzido, ou se utiliza ambos no mesmo texto.

Os fatores que compõem a variável são:

- a) Somente pronome *teu* e suas flexões ao longo do texto;
- b) Somente pronome *seu* e suas flexões ao longo do texto;
- c) Ambas as formas de referência à segunda pessoa – *teu* e suas flexões e *seu* e suas flexões – são encontradas no texto.

4.4.3 Variáveis independentes extralinguísticas

Além das variáveis linguísticas anteriores, foram consideradas, no estudo em tela, as seguintes variáveis extralinguísticas, a partir dos resultados das pesquisas sobre o tema apresentados no capítulo 3.

4.4.3.1 Gênero

Na região Sul, os resultados gerais de Menon e Loregian-Penkal (2002) e Loregian-Penkal (2004) revelaram a condução das mulheres no uso de *tu*. Já os homens mostraram-se favorecedores do uso do pronome *você*.

Arduin (2005), a partir de dados de fala, e Sbalqueiro (2005), a partir da análise de textos escritos, afirmam que participantes do gênero feminino parecem dar preferência à variante mais prestigiada na comunidade. Dessa forma, acreditamos que, na amostra em análise, as participantes do gênero feminino utilizarão mais frequentemente os pronomes *tu/teu*, já que, segundo Loregian-Penkal (2005) e Bolívar (2008), Porto Alegre/RS é reduto do pronome pessoal *tu*.

A variável é formada, portanto, pelos fatores:

- a) Feminino;
- b) Masculino.

4.4.3.2 Ano escolar do Ensino Fundamental II

A presença da variável escolaridade nesta investigação dá-se pela necessidade de verificar se há diferença no uso dos pronomes possessivos a depender do nível de instrução do aluno. Propõe-se a hipótese de que os alunos em anos escolares mais avançados tendem a utilizar o pronome possessivo *teu* e suas flexões em maior conformidade com a norma gramatical, ou seja, em associação ao uso do pronome pessoal *tu*. Em contrapartida, alunos de anos escolares mais iniciais devem tender a utilizá-los em variação com *seu* e suas flexões.

A variável ano escolar é composta pelos seguintes fatores:

- a) 6º ano;

- b) 7º ano;
- c) 8º ano;
- d) 9º ano.

4.4.3.3 Escola

Como já explicitado na seção 4.1, para a realização deste estudo foram selecionadas duas escolas públicas estaduais, Escola A e Escola B, de mesma mantenedora, porém inseridas em contextos socioeconômicos distintos. Aventa-se a hipótese de que a Escola A, por estar inserida em um contexto mais favorável, deverá apresentar redações em que o pronome possessivo *teu* (e suas flexões) é utilizado para o estabelecimento da concordância com o referente pronome pessoal *tu*, a fim de que se evite a chamada “mistura de tratamento” no texto escrito, em conformidade, portanto, com a norma encontrada em gramáticas tradicionais, como apresentado no capítulo 2.

Essa variável é construída, assim, pelos seguintes fatores:

- a) Escola A;
- b) Escola B.

4.4.3.4 Distorção

A distorção idade-série diz respeito à percentagem dos alunos matriculados que têm idade pelo menos dois anos superior àquela esperada para a série em que estão matriculados (UNICEF, 1954).

Este estudo parte da hipótese de que participantes em situação de distorção utilizarão o pronome possessivo *teu* e suas flexões nas redações com menos atenção à orientação da norma gramatical, visto que esses alunos apresentam algum atraso em seu processo escolar. Os fatores que compõem a variável são:

- a) em distorção;
- b) sem distorção.

4.4.3.5 Instrumento

Ao chegar à escola, a criança, o jovem ou o adulto já são usuários competentes de sua língua materna, mas têm de ampliar a gama de seus recursos comunicativos para poderem atender às convenções sociais, que definem o uso linguístico adequado a cada gênero textual, a cada tarefa comunicativa e a cada tipo de interação (Bortoni-Ricardo, 2004). Diante disso, este estudo parte da hipótese de que a natureza da proposta de produção textual apresentada aos participantes influenciará a escolha do pronome possessivo.

Conforme discutido no capítulo 3, Bortoni-Ricardo (2004) afirma que a variação estilística decorre, em suma, da adequação que os interlocutores fazem de sua fala ao contexto geral em que ocorre a comunicação. De acordo com a autora, “[...] em situações formais, usamos uma linguagem mais monitorada, ou seja, prestamos mais atenção à forma como falamos, enquanto que, em situações mais informais, usamos uma fala mais coloquial” (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 46).

Com base em tais conceitos, e transpondo-os para o código escrito, espera-se que os participantes usem o pronome possessivo *teu* (e suas flexões) nas redações em que os interlocutores estabeleçam uma relação mais próxima, ou seja, nas redações produzidas a partir dos instrumentos carta ao amigo e *fanfic*, nas quais, conforme apresentado na seção 4.2.1, espera-se um menor grau de monitoramento pelo participante.

Os fatores que compõem essa variável estão relacionados a seguir.

- a) Carta para ídolo;
- b) Carta para amigo;
- c) Entrevista com prefeito;
- d) *Fanfic*.

4.4.3.6 Participante

O participante será considerado como variável de efeito aleatório para as análises multivariadas de efeitos mistos. Com isso, busca-se verificar se o comportamento linguístico dos participantes condiciona os resultados. Foram considerados alunos elegíveis para amostra os que atendiam aos seguintes critérios:

1. Estar matriculado nos anos finais do Ensino Fundamental;
2. Não possuir deficiência auditiva;
3. Não possuir baixa visão;
4. Não possuir cegueira;
5. Ter concluído as quatro propostas de redação.

4.4.3.7 Idade

A idade é uma variável comprovadamente relevante nos estudos variacionistas, conforme atesta o construto da mudança em *tempo aparente* (Labov, 2008 [1972]), apresentado no capítulo 3. Ao testá-la, será investigado se a idade dos participantes interfere na alternância pronominal, embora a ausência de participantes adultos e idosos impeça qualquer expectativa de verificação do *status* da variável (se estável ou em situação de mudança em progresso).

A hipótese para essa investigação é a de que, quanto maior a idade, maior será o uso do pronome *teu* (e suas flexões), o possessivo paralelo ao pronome *tu*, predominante em Porto Alegre/RS. Como se trata de uma variável contínua, registra-se que os participantes têm idades entre 11 e 18 anos.

4.5 ANÁLISE QUANTITATIVA

Os dados coletados e estratificados foram submetidos à versão mais recente do *software* R (versão 4.1.2) por meio da interface RStudio. O R é um *software* distribuído de maneira gratuita por meio de uma licença de uso público geral, que permite aos usuários adicionar funções diversas, capazes de realizar análise estatística e elaborar gráficos. Para a realização da análise estatística desta pesquisa, os dados coletados, organizados em uma planilha no Excel, foram convertidos ao formato “.csv” e submetidos às funções `table()`, `prop.table()` e `ggplot()` para organização de tabelas, cruzamento de variáveis e elaboração de gráficos, sendo a regressão logística realizada por meio das funções `glm()` e `glmer()`. Foram correlacionadas variáveis contínuas, como escolarização, idade, anos de escola, dados de fluxo escolar, a variável de efeito aleatório participante e as variáveis de efeitos fixos pronome pessoal, paralelismo, animacidade, generalidade, instrumento, alternância de pronomes pessoais e de possessivos, gênero e escola.

5 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo, são apresentados os resultados sobre a variação no uso dos possessivos de segunda pessoa *teu* e *seu* e de suas flexões. Este capítulo dilui-se em duas seções: na primeira, em 5.1, apresenta-se a frequência global observada em relação à amostra dos dados de todos os participantes que realizaram todos os instrumentos aplicados; na segunda, em 5.2, discutem-se os resultados obtidos a partir do modelo de regressão logística adotado.

Participaram desta pesquisa 190 estudantes, sendo 113 da Escola A e 77 da Escola B, totalizando 760 textos. No entanto, durante a análise, algumas peculiaridades se destacaram. Inicialmente, foi observado que 90 desses textos não apresentavam ocorrências do uso de *teu* e *seu* e suas flexões. Além disso, houve uma situação em que não foi possível identificar o autor em 86 textos. Outros 30 foram classificados como ilegíveis. Também, vale mencionar que 4 textos foram excluídos da análise, pois foram identificados como produzidos por estudantes surdos. Essa decisão foi tomada com base na necessidade de focar na pesquisa dos aspectos específicos da linguagem comuns aos estudantes não surdos, evitando distorções causadas por diferenças linguísticas. Após essas exclusões e classificações, restaram 550 textos que apresentaram o uso de *teu* e *seu* e suas flexões. Nestes, foi coletado um total de 2.174 ocorrências, fornecendo uma base sólida para a análise e as conclusões deste estudo.

5.1 FREQUÊNCIA GLOBAL

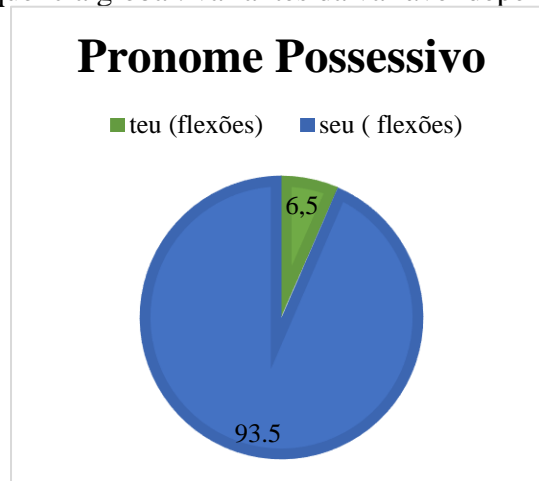
No *corpus* analisado, foram obtidas 141 (6,5%) ocorrências do uso de *teu* e suas flexões e 2.033 (93,5%) ocorrências do uso de *seu* e suas flexões, como mostrado na Tabela 1 e no Gráfico 6 a seguir, construído para fins de visualização dos resultados. Esses números, por si sós, evidenciam a majoritária predominância deste em relação àquele.

Tabela 1 – Frequência global: variantes da variável dependente (N = 2.174)

Pronome possessivo	n	%
<i>Teu</i> (e suas flexões)	141	6,5
<i>Seu</i> (e suas flexões)	2.033	93,5
Total	2.174	100

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Gráfico 6 – Frequência global: variantes da variável dependente (N = 2.174)



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os resultados encontrados desafiam a suposição convencional e a hipótese estabelecida de que o pronome *teu* e suas flexões seriam preponderantes na escrita, especialmente considerando o ensino tradicional nas escolas e a persistência do uso do pronome *tu* em Porto Alegre/RS. Tal resultado difere daqueles de pesquisas que investigaram a variação pronominal na língua oral. Arduin (2005) e Mendes (2008) indicaram uso mais frequente de *teu* e suas flexões com dados estratificados da oralidade, com índices de 86% (N = 356) e 85% (N = 57), respectivamente. A incompatibilidade entre os dados da língua oral e da escrita pode ser atribuída às características sociolinguísticas das comunidades em questão e às particularidades da modalidade linguística.

O estudo de Arduin (2005) destacou que a preferência pelo pronome *teu* e por suas flexões estava associada ao uso rotineiro do pronome pessoal *tu*, enquanto Mendes (2008) apontou a influência da oralidade nas escolhas pronominais. Dessa forma, é possível inferir que *teu* é mais presente na oralidade do que na escrita. Por outro lado, estudos como o de Sbalqueiro (2005) e Vargas (2014) comungam com os encontrados neste estudo, marcando uma preferência pelo uso de *seu* e suas flexões na língua escrita, com frequências de 92% (N = 147) e 84% (N = 18), respectivamente. A saber, os pesquisadores utilizaram como instrumentos para investigação textos escritos. Esses achados podem reforçar a ideia de que a variação pronominal é mais marcante e recorrente na fala do que nas produções escritas.

5.2 REGRESSÃO LOGÍSTICA

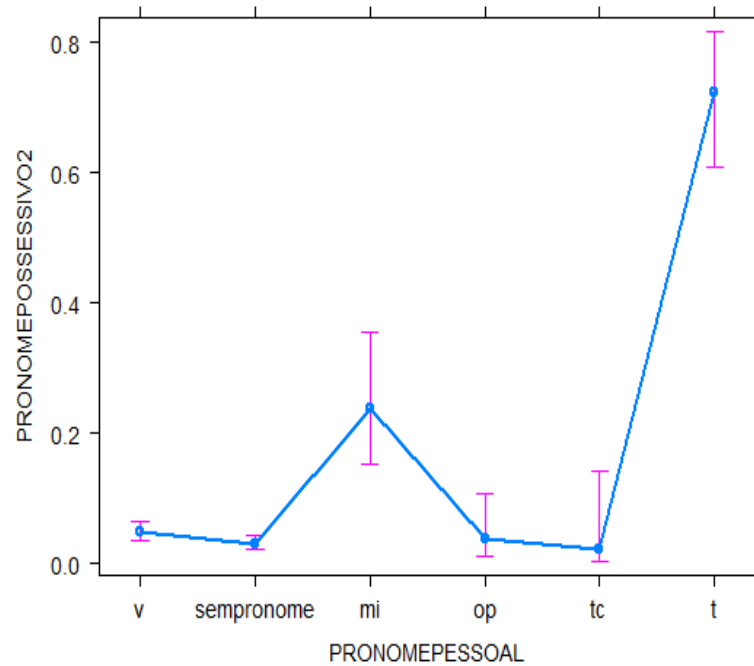
A regressão logística é um método estatístico utilizado para modelar e prever a probabilidade de ocorrência de um evento a partir de um conjunto de dados. Neste trabalho, estamos estimando a probabilidade da ocorrência de *teu* e suas flexões. O objetivo da regressão logística é determinar a relação entre as variáveis explicativas (também conhecidas como variáveis independentes ou preditoras) e a variável dependente (também chamada de variável resposta). As variáveis explicativas podem ser características dos indivíduos, ou estarem relacionadas a propriedades ligadas à estrutura linguística.

Durante o processo de composição do modelo de regressão logística, os coeficientes das variáveis explicativas são estimados para quantificar o efeito de cada uma delas na probabilidade de o evento ocorrer. Em outras palavras, buscamos verificar quais os fatores linguísticos ou extralinguísticos que favorecem (ou desfavorecem) a utilização de *teu* e suas flexões. Sendo assim, para investigar o uso do pronome possessivo *teu* e de suas flexões, na sequência, são discriminados esses preditores, bem como os parâmetros estatísticos utilizados, além do resultado e da respectiva análise obtidos com o emprego dessa regressão.

Previamente ao modelo de regressão logística final, foram realizadas algumas análises preliminares, com base nas orientações presentes em Oushiro (2017). Primeiramente, realizou-se uma análise com as variáveis preditoras apresentadas no capítulo 4 de forma isolada, buscando, a partir do teste de qui-quadrado, determinar quais deveriam ser incluídas no modelo de efeitos fixos. Nessa etapa, as variáveis generalidade, animacidade e distorção não mostraram significância ($p > 0,05$) e não foram consideradas para a próxima etapa. Na sequência, procedeu-se à amalgamação de alguns níveis de variáveis que não apresentaram diferenças significativas, a saber:

- a) A variável pronome pessoal, inicialmente com seis fatores, foi reorganizada para três fatores: *você*, *mistura de pronomes tu e você* e *tu*. Os fatores *sem pronome*, *outros pronomes do caso reto ou formas de tratamento (senhor/a, eu, nós)* e *pronomes do caso oblíquo* foram amalgamados para o fator *você*, devido à falta de diferença estatística, apresentada no Gráfico 7, a seguir.

Gráfico 7 – Variável pronome pessoal: resultado do teste de qui-quadrado

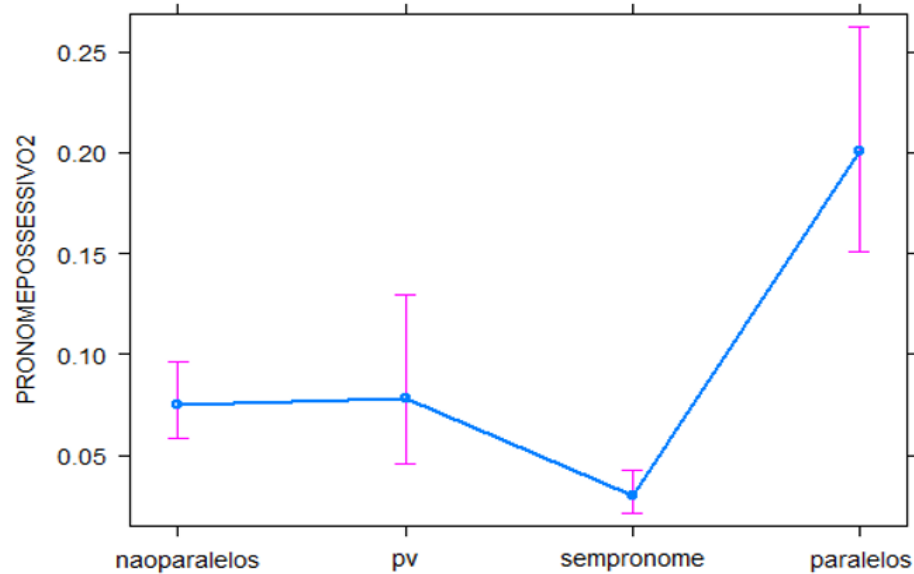


Legenda: v = Você; semprnome = Sem Pronome; mi = Mistura de Pronomes; op = Outros Pronomes do Caso Reto ou Formas de Tratamento; tc = Pronomes do Caso Oblíquo; t = Tu.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

- b) A variável paralelismo formal, que apresentava quatro fatores, foi reorganizada em três fatores, a saber: *pronomes não paralelos*, *teu/seu sem pronome expresso no período* e *pronomes paralelos*, a partir da amalgamação do fator *teu/seu com vocativo* com *pronomes não paralelos*. Essa reorganização deu-se, novamente, pois não foram observadas diferenças significativas entre os fatores acima, como mostra o Gráfico 8, a seguir.

Gráfico 8 – Alternância de pronome pessoal nos textos



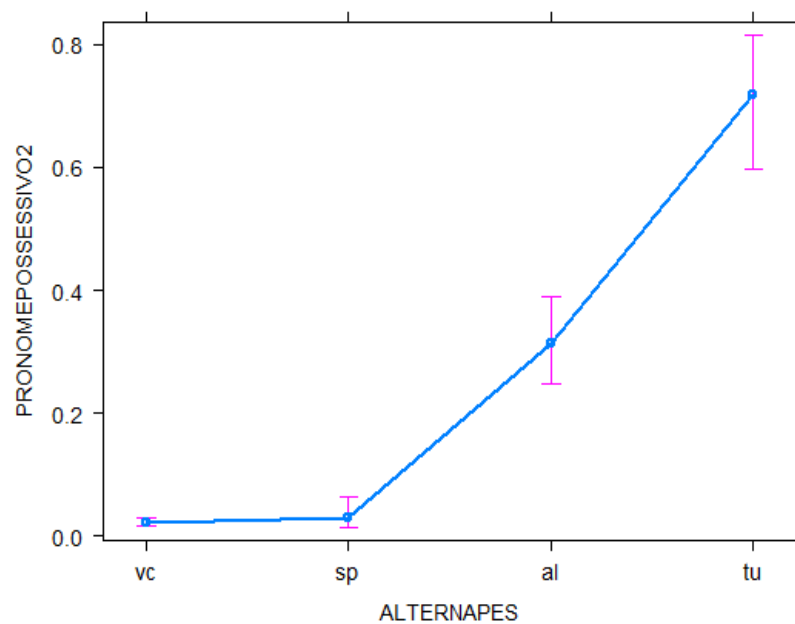
Legenda: naoparalelos = Pronomes não Paralelos; pv = Vocativo; sempronome = Sem Pronome; paralelos = Pronomes Paralelos.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

- c) Para a variável alternância de pronome pessoal nos textos, que apresentava quatro fatores, procedeu-se à amalgamação dos fatores *somente você* e *sem pronome*, devido à ausência de diferença estatística, conforme ilustra o Gráfico 9, a seguir.

Gráfico 9 – Variável alternância de pronome pessoal no texto: resultado do teste de qui-quadrado

ALTERNAPES effect plot

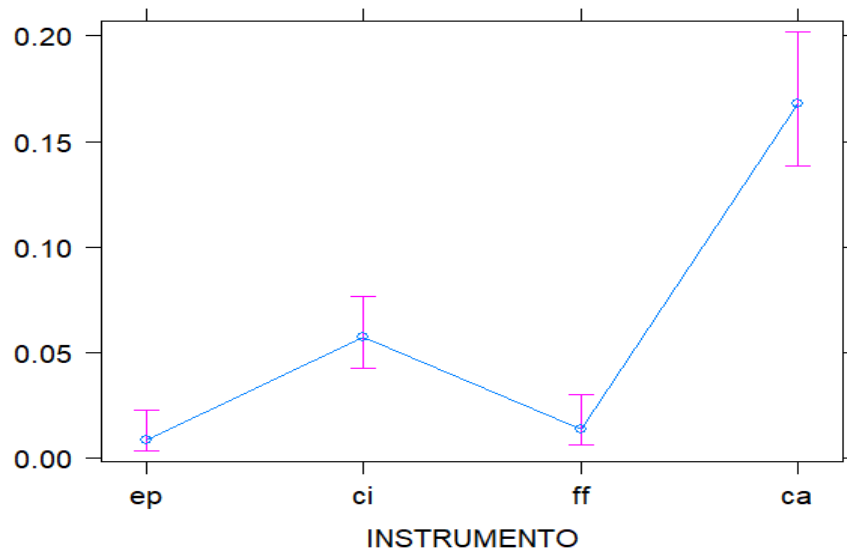


Legenda: vc = Pronome Você; sp = Sem Pronome; al = Alternância tu/você; tu = Pronome Pessoal Tu.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

- d) Para a variável instrumento, que apresentava quatro fatores, os fatores *fanfic* e entrevista com prefeito foram transformados em uma única categoria, dada a ausência de diferença estatística, conforme mostra o Gráfico 10, a seguir.

Gráfico 10 – Variável instrumento: resultado do teste de qui-quadrado



Legenda: ep = Entrevista com Prefeito; ci = Carta ao ídolo; ff = *Fanfic*; ca = Carta de Aniversário ao Amigo.
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Realizaram-se, na sequência, os testes de validação do modelo¹⁰. Eles mostraram que o cruzamento entre as variáveis gênero e escola deveria ser retirado do modelo, pois não representaram significância estatística; da mesma forma, devido ao problema de não ortogonalidade, os resultados dos testes apontaram para a necessidade de retirar as informações sobre pronome pessoal e alternância do pronome possessivo. No primeiro caso, a explicação parece residir no fato de a variável paralelismo dar conta da mesma informação, sendo mais explicativa para o modelo; no segundo, a variável alternância do pronome possessivo parece retomar, de forma muito parecida, a variável dependente. Todas as variáveis restantes foram significativas e não deveriam ser desconsideradas. Por fim, foi rodado o modelo de efeitos mistos, com a inserção da variável participante como aleatória. A Tabela 2 apresenta os resultados do modelo final:

¹⁰ Foram realizados os seguintes testes estatísticos: *step.foward*, *step.backwards*, *step.both*, *drop.1*, *car::vif* e *validate*.

Tabela 2 – Regressão logística de efeitos mistos: uso do possessivo *teu* e de suas flexões

Preditores		Estimador	Intervalo de confiança	p-valor
<i>(Intercept)</i>		-7.8199	-9.6887 – -5.9511	<0.001
Paralelismo formal	Pronomes não paralelos	(referência)		
	Sem pronome	-0.2366	-0.9923 – 1.4655	0.706
	Pronomes paralelos	1.7378	0.6017 – 2.8740	0.003
Alternância de pronome pessoal nos textos	Apenas <i>você</i>	(referência)		
	Alternância de pronomes	2.2966	1.2901 – 3.3031	<0.001
	Apenas <i>tu</i>	4.3997	2.7154 – 6.0841	<0.001
Ano escolar	6º ano	(referência)		
	7º ano	-1.8155	-3.2636 – -0.3674	0.014
	8º ano	-1.2547	-3.0096 – -0.5001	0.161
	9º ano	-2.4829	-4.8024 – -0.1634	0.036
Idade		0.6800	0.1111 – 1.2488	0.019
Instrumento de coleta	<i>Fanfic</i> e entrevista prefeito	(referência)		
	Carta ídolo	1.9565	0.9343 – 2.9788	<0.001
	Carta amigo	3.1721	2.1428 – 4.2014	<0.001
Escola	Escola A	(referência)		
	Escola B	-0.2786	-1.5518 – 0.9945	0.668
Gênero	Feminino	(referência)		
	Masculino	-0.6788	-1.9716 – 0.6141	0.303
Random Effects				
	σ^2	3.29		
	τ_{00} INFORMANTE	4.50		
	ICC	0.58		
	N INFORMANTE	190		
	R^2 Tjur	0.378 / 0.737		
Modelo: PRONOMEPOSSESSIVO ~ PARALELISMO + ALTERNAPESOA + ANO + IDADE + INSTRUMENTO + ESCOLA + GENERO + (1 PARTICIPANTE).				

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

5.3 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS: DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O resultado da regressão estatística é o de que temos variáveis que aumentam ou que reduzem a probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões, conforme se depreende do sinal positivo ou negativo que acompanha o valor do *estimate* de cada variável. O *intercept* obtido é de -7.8199 , o que aponta para a baixa probabilidade de que a presença de *seu* e suas flexões seja menor do que a ocorrência de *teu* e suas flexões.

O modelo estatístico da regressão apresentado toma os seguintes parâmetros: tamanho da amostra de $n = 2.174$; critério de informação (AIC) de 629.51; significância estatística para preditores com $p\text{-valor} \leq 0.05$; R^2 Marginal = 0.378, o qual descreve a proporção da variação que é explicada pelos efeitos fixos e o R^2 Condicional = 0.737, que explicita a proporção da variação que é explicada tanto pelos efeitos fixos quanto pelos efeitos aleatórios, o que torna possível apontar que o participante, utilizado neste modelo como variável de efeito aleatório, possui papel relevante para a explicação da variação *teu/seu* e de suas flexões.

Os valores na coluna *p-valor* apontam quais variáveis foram estatisticamente significativas para a realização de *teu* e suas flexões. Os resultados obtidos apontam que algumas variáveis perderam a significância no modelo final. São elas:

- a) Ano escolar: 8º ano;
- b) Escola;
- c) Gênero.

As variáveis significativas para a realização de *teu* e suas flexões são:

- 1) Paralelismo formal;
- 2) Alternância de pronome pessoal nos textos;
- 3) Idade;
- 4) Instrumento de coleta.

Para a variável paralelismo formal, a presença do pronome *tu* no período aumenta a probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões em vez de *seu* e suas flexões, em comparação com o uso de *você* isoladamente. No que concerne à alternância do pronome pessoal ao longo

do texto, a presença tanto de *tu* quanto de *você* na mesma produção textual aumenta a probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões em comparação com o uso apenas de *você*. Além disso, a presença de apenas *tu* ao longo do texto é ainda mais importante para o aumento da probabilidade de usar *teu* e suas flexões, em comparação com o uso de *você* isoladamente.

O resultado sobre idade, variável de efeito contínuo, mostra que a cada ano adicional de idade do aluno aumenta a probabilidade de usar *teu* e suas flexões. Quanto ao instrumento de coleta, verifica-se que, para o instrumento referente à carta para um ídolo, há um aumento na probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões em comparação com os instrumentos em que está previsto um maior distanciamento do escritor com o destinatário (diálogos com o prefeito ou *fanfics*). Além disso, se a redação for uma carta para um amigo, há um aumento maior ainda, quanto a probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões em comparação com o nível de referência.

Quanto às variáveis desfavorecedoras, especificamente ano escolar, é possível afirmar, com base nos resultados expostos na Tabela 2 anterior, que estar matriculado no 7º ano ($p = 0,014$ e $estimator = -1.8155$) se relaciona à menor probabilidade de usar o pronome *teu* e suas flexões em comparação com estar matriculado no 6º ano (fator de referência). Da mesma forma, estar matriculado no 9º ano ($p = 0,036$ e $estimator = -2.4829$) se relaciona à menor probabilidade de usar o pronome *teu* e suas flexões em comparação com estar matriculado no 6º ano. Desse modo, estar matriculado no 7º e no 9º ano reduz a probabilidade de usar o pronome *teu* e suas flexões quando comparado a estar matriculado no 6º ano (fator de referência).

As informações sobre as variáveis que favorecem positivamente (*estimators* positivos e $p < 0,05$) ou negativamente (*estimators* negativos e $p < 0,05$) a ocorrência de *teu* e suas flexões e sobre aqueles que não possuem significância estatística ($p > 0,05$) estão elencados no Quadro 5, a seguir:

Quadro 5 – Resultados estatísticos obtidos a partir da Regressão Logística: visão geral

Favorecedores	Desfavorecedores	Sem significância estatística
<ul style="list-style-type: none"> ▪ Paralelismo formal: pronome: pronomes paralelos ▪ Alternância de pronome pessoal no texto: alternância de pronomes (<i>tu/você</i>) ▪ Alternância de pronome pessoal no texto: apenas <i>tu</i> ▪ Idade: aumento no uso de <i>teu</i> com o aumento de idade ▪ Instrumento: carta ao ídolo ▪ Instrumento: carta de aniversário ao amigo. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ano escolar: 7º ano ▪ Ano escolar: 9º ano 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Ano escolar: 8º ano ▪ Escola: Escola B ▪ Gênero: masculino ▪ Paralelismo formal: sem pronome

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

A partir do Quadro 5 anterior, é possível construir as seguintes afirmações acerca dos efeitos dos fatores linguísticos ou sociais sobre a utilização do pronome possessivo *teu* e de suas flexões nos textos produzidos pelos estudantes das escolas A e B de Porto Alegre/RS:

1. Para a variável paralelismo formal, a ocorrência do pronome pessoal *tu* no texto influencia positivamente a ocorrência do pronome *teu* e de suas flexões; quando não há pronome expresso, essa probabilidade reduz-se.
2. A alternância de pronome pessoal ao longo do texto com a presença apenas do pronome *tu* é significativa para o aumento da probabilidade de uso de *teu* e suas flexões;
3. Para os instrumentos carta ao amigo e carta ao ídolo, nos quais se prevê o estabelecimento de um contexto de menor monitoramento por parte do estudante, a probabilidade de utilização do pronome *teu* e de suas flexões é positiva;
4. Quanto maior a idade do informante, parece haver maior probabilidade de utilização do pronome *teu* e de suas flexões;

5. Não é possível afirmar que a escola e/ou o gênero do informante influenciam positiva ou negativamente na ocorrência de *teu* e suas flexões, assim como o fato de o estudante estar matriculado no 8º ano;
6. Quanto ao ano escolar, estar frequentando o 7º e o 9º ano reduz a probabilidade de uso de *teu* e suas flexões.

Na sequência, as variáveis linguísticas e extralinguísticas que foram consideradas significativas do ponto de vista estatístico serão examinadas a partir de cruzamentos com a variável dependente e da retomada das hipóteses elencadas no capítulo 4.

5.4 VARIÁVEIS LINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS: DISCUSSÃO

A variável paralelismo formal mostrou-se estatisticamente significativa neste estudo, conforme comprovado na Tabela 2 anterior. Em relação a essa variável, a hipótese formulada, de que a presença explícita, no período, do pronome *tu* poderia favorecer a emergência do possessivo *teu*, é, portanto, confirmada. O paralelismo formal, da maneira como foi definido neste estudo, é ilustrado pelas ocorrências a seguir, em que se observa o paralelismo entre o pronome pessoal *tu* e o pronome possessivo *teu* e suas flexões, bem como entre *você* e o pronome possessivo *seu* e suas flexões:

a) *tu/teu*

(24) Saudades de ti chata, das *tuas* grosseirias e outra serio quando a gente vai comprar aquele energetico de novo? Aquele dia que *tu* gritou com a *tua* tia, que eu traumatizei o gato. (Participante 53)

b) *você/seu*

(25) eu queria pedir algo de voce pode me dar um moletom do Xis com *seu* autografo. (Participante 1)

Na Tabela 3, a seguir, estão distribuídas as 2.174 ocorrências dos pronomes possessivos *teu* e *seu* e de suas flexões, de acordo com o paralelismo analisado, em que “n” é o número

absoluto de ocorrências de um dos possessivos na presença (ou na ausência) de um determinado pronome/vocativo, e os valores expressos na coluna identificada como “%” informam a frequência relativa, em termos percentuais, que o valor expresso na coluna “n” à sua esquerda representa no universo de ocorrências dos possessivos *teu* e suas flexões e *seu* e suas flexões quanto ao paralelismo observado naquela linha. A última coluna mostra o número total de ocorrências.

Tabela 3 – Paralelismo formal e pronomes possessivos de segunda pessoa

	Pronome possessivo				
	TEU		SEU¹¹		Total
	n	%	n	%	
Pronomes paralelos	56	7,5	689	92,5	754
Pronome com vocativo	13	7,8	154	92,5	167
Sem pronome	32	3	1.030	97	1.062
Pronomes não paralelos	40	20	160	80	200
Total	141	6,5	2.033	93,5	2.174

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

De acordo com os dados estratificados do *corpus*, para o contexto em que TEU e SEU foram usados de forma paralela, tem-se um total de 689 ocorrências com pronome SEU e 56 com pronome TEU. O pronome SEU é majoritário em todos os contextos analisados, já o TEU apresenta a percentagem mais alta, de 20%, em pronomes não paralelos em relação aos outros fatores da variável paralelismo formal.

A comparação entre as percentagens obtidas para os fatores pronomes paralelos e sem pronome revela que *seu* e suas flexões apresentam percentagens elevadas independentemente da presença de *você* (92,5% para pronomes paralelos e 97% para ausência de pronome), embora haja uma leve diminuição quando da presença de *você*. Diferentemente, para TEU, observa-se aumento no valor da percentagem quando da presença de *tu* em relação à sua ausência (de 7,5% para 3%). Na presença de vocativo, a forma SEU (92,5%) foi a preferida em relação à TEU (7,8%). Tal quadro parece, por um lado, confirmar o resultado estatístico revelado pela

¹¹ Nas tabelas a serem apresentadas nesta seção, TEU deverá ser lido como pronome possessivo *teu* e suas flexões, e SEU como pronome possessivo *seu* e suas flexões.

regressão logística na Tabela 2, tendo por base a variável dependente *teu* e suas flexões, que aponta para a relevância do paralelismo formal, mas coloca em discussão a relevância dessa variável para o uso de *seu* e suas flexões na escrita dos estudantes considerados.

O paralelismo formal foi indicado como significativo em estudos apresentados nesta pesquisa, como o de Menon (1995), que, analisando as correspondências em um *corpus* de 123 cartas pessoais trocadas entre casais do século XX, encontrou a correspondência de formas, prevista pelo paradigma, já que a ocorrência de *você-seu*, para a referência à segunda pessoa do discurso, foi a mais recorrente. A autora também observa que esse uso teve um crescimento contínuo no decorrer das três décadas. Ainda que isso não seja abarcado pela presente pesquisa, Silva (2003) aponta que o preenchimento ou não do sujeito pode contribuir para a compreensão do uso de *teu* e *seu*, já que *você* cresce como ocupante da posição de sujeito. Embora *você* ocupe a segunda pessoa do discurso, como se trata de um pronome de tratamento, por definição, faz a concordância com os pronomes possessivos da terceira pessoa, motivo pelo qual o *seu* o acompanha.

Arduin (2005) encontrou predominância da variante *teu* e de suas flexões em entrevistas sociolinguísticas com falantes gaúchos e catarinenses, e o paralelismo formal entre o pronome pessoal *tu* e o possessivo *teu* foi significativo, com 99% das ocorrências com a variante *teu* sendo seguidas pelo pronome *tu*. Sbalqueiro (2005) encontrou predominância da variante *seu* em redações produzidas por alunos do Ensino Médio em Curitiba/PR. A variante *seu* foi utilizada categoricamente diante do pronome *você*, e o paralelismo formal foi favorecedor. Mendes (2008) também encontrou predominância da variante *teu* em quatro cidades do Paraná. O paralelismo formal foi a variável mais importante.

Na Tabela 4, que segue, encontram-se apresentadas as ocorrências retiradas dos quatro textos produzidos pelos 190 participantes. O “n” representa o número absoluto de participantes que utilizaram os pronomes possessivos na presença ou na ausência de um determinado pronome. Os valores indicados na coluna identificada como “%” representam a frequência relativa, expressa em termos percentuais.

Tabela 4 – Alternância dos pronomes *tu/você* nos textos escritos e pronomes possessivos por participante

	Pronome possessivo						
	Apenas <i>teu</i>		Apenas <i>seu</i>		Alterna pronomes possessivos		Total
	n	%	n	%	n	%	n
Apenas <i>você</i>	1	0,6	150	93,8	9	5,6	160
Apenas <i>tu</i>	2	40	1	20	2	40	5
Alterna pron. pessoal	1	7,7	8	61,5	4	30,8	13
Sem pronome pessoal de segunda pessoa no texto	0	0	9	75	3	25	12
Total	4	2,1	168	88,4	18	9,5	190

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Buscou-se, com a variável alternância dos pronomes *tu/você*, verificar a alternância do pronome pessoal ao longo de cada um dos textos que compuseram a amostra, de modo que fosse possível verificar se os participantes utilizaram somente o pronome *tu*, somente o pronome *você*, ambas as formas de referência à segunda pessoa ou não utilizaram pronomes.

Com essa variável, acreditava-se que haveria mais ocorrências do pronome pessoal *tu*, uma vez que esse é o pronome usual na comunidade local e também é o ensinado nas escolas analisadas, que privilegiam as gramáticas normativas.

De acordo com os dados estratificados do *corpus*, para o contexto em que TEU foi usado com a forma *você*, tem-se apenas dado de um participante, o que representa 0,6%. O pronome SEU permanece favorecedor em todos os contextos analisados, com 150 participantes quando usado com pronome *você*, o que representa 93,8%; quando o uso é alternado *tu/você*, tem-se 9 participantes, 5,6%. Quanto ao uso exclusivo do *tu* e da alternância *tu/você*, tem-se 2 participantes, respectivamente, que representam 40%. Diferentemente, quanto ao fator sem pronome pessoal de segunda pessoa no texto, nenhum participante optou pelo uso de *teu* e suas flexões; porém, com o pronome *seu* e suas flexões, tem-se 9 participantes (75%), e 3 participantes (25%) alternaram o pronome possessivo.

De acordo com Arduin (2004), conforme apresentado no capítulo 3, a probabilidade de um participante usar o pronome possessivo *teu* e suas flexões é diretamente proporcional à frequência de uso do pronome pessoal *tu*. Essa variável também foi significativa nos estudos de Arduin (2005), que constatou a presença dos pronomes pessoais *tu* e *você* exercendo

influência na realização dos possessivos de segunda pessoa *teu* e suas flexões e *seu* e suas flexões, respectivamente. A autora constatou que a presença do pronome *tu* favoreceu o uso de *teu* e suas flexões; cabe destacar que os dados estratificados pela autora foram de fala e não de escrita.

Sbalqueiro (2005) obteve, como resultados dos dados de segunda pessoa, 8% de ocorrências do pronome *teu* e de suas flexões, contra 92% do pronome *seu* e de suas flexões. É possível, também, considerar a influência do pronome pessoal como favorecedor da forma possessiva *seu* com pronome *você*. Em Curitiba/PR, o pronome *tu* é inexistente na língua falada e escrita.

Conforme Biderman (1972), embora o pronome *tu* não seja mais usado em vários estados brasileiros, há vestígios, como o pronome oblíquo *te* e o possessivo *tua*. É o que podemos perceber na nossa amostra de redações escolares na capital gaúcha, na qual, juntamente com o pronome *você*, temos a presença do pronome oblíquo *te* e do possessivo *teu*, como se observa nos exemplos seguintes:

(26) Só para avisar que eu estou com sua camiseta branca quando eu for *te* visitar eu levarei para você, saudades amigo. (Participante 177)

(27) Feliz aniversário meu que deus *te* abençoe, *te* ilumine em todas as *tuas* jornadas nas *tuas* correria, na *tua* carreira, que você continue sendo o guri que tu é. (Participante 269)

(28) você se lembra quando nós era do segundo ano que tava chovendo e tu me deu *teu* casaco? e *tua* mãe? hoje vou *te* devolver (Participante 202)

Entre as variáveis extralinguísticas, a variável instrumento foi significativa para a presença do pronome *teu* e de suas flexões. Essa variável leva em conta o tipo de redação produzida pelos estudantes das escolas A e B de acordo com as propostas aplicadas. A hipótese formulada era a de que os textos com propostas de diálogos que exigem do estudante maior monitoramento da escrita, dado o destinatário hipotético, poderiam favorecer a utilização do pronome possessivo *seu* e de suas flexões, uma vez que este se caracteriza por representar uma relação de distanciamento entre locutor e interlocutor, conforme discutido no capítulo 3. Enquanto isso, os textos com propostas de diálogos em que o estudante e o destinatário

hipotético são mais próximos, portanto contextos de menor monitoramento, favoreceriam o uso de *teu* e suas flexões, por se tratar de um contexto mais íntimo. Tal hipótese foi confirmada pelos resultados encontrados na pesquisa.

A Tabela 5, a seguir, apresenta o cruzamento dos dados entre a variável instrumento e a variável dependente. Nela, estão distribuídas as 2.174 ocorrências dos pronomes possessivos *teu* e *seu* e de suas flexões, de acordo com o instrumento utilizado. O “n” é o número absoluto de ocorrências do pronome possessivo, e os valores expressos na coluna indicada por “%” informam a frequência relativa, em termos percentuais, que o valor expresso na coluna “n” à sua esquerda representa no conjunto de ocorrências totais dos possessivos no cruzamento analisado.

Tabela 5 – Instrumento e pronomes possessivos de segunda pessoa

	Pronome possessivo				
	TEU		SEU		Total
	n	%	n	%	n
Entrevista prefeito	4	0,9	466	99,1	470
Carta ídolo	42	5,7	689	94,3	731
<i>Fanfic</i>	6	1,4	437	98,6	443
Carta amigo	89	16,8	441	83,2	530
Total	141	6,5	2.033	93,5	2.174

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os dados apresentados na Tabela 5 anterior revelam que SEU é preferido em todos os tipos de instrumentos em relação a TEU, conforme o esperado, visto que a taxa geral de produção de TEU foi baixa, como apresentado na Tabela 1. Com relação às ocorrências referentes a SEU, verifica-se que o instrumento entrevista com o prefeito, que se insere em um contexto formal, abarca 99,1% das ocorrências, sendo seguido pelo *fanfic*, com 98,6%, pela carta ao ídolo, com 94,3%, e pela carta ao amigo, com 83,2%. Com relação às ocorrências referentes a TEU, esse sequenciamento decrescente se inverte: a carta ao amigo abriga a maior percentagem obtida, com 16,8%, sendo seguida pela carta ao ídolo, com 5,7%, pela *fanfic*, com 1,4% e, por último, pela entrevista com o prefeito, com 0,9%. Tais resultados, de certo modo, vão ao encontro da hipótese de que a natureza da proposta de produção textual exerce influência na escolha do pronome possessivo por parte de seus autores, uma vez que a proposta que

envolve um estilo mais monitorado apresentou a maior percentagem de ocorrência de SEU e a menor de TEU. Já a carta ao amigo, que configura um contexto mais descontraído e íntimo, de menor monitoramento, portanto, pois remete à proximidade do destinatário com o interlocutor, favoreceu a maior percentagem de uso de TEU e a menor de SEU.

De acordo com tais resultados, o instrumento carta ao amigo e o instrumento *fanfic* estariam, de fato, nas posições intermediárias do contínuo de monitoramento aqui expresso pelo uso dos pronomes possessivos, visto que ocupam a segunda e a terceira posições quanto à preferência relativa para o uso de TEU e, inversamente, a terceira e a segunda posições quanto à preferência para o uso de SEU. Ao contrário do previsto, portanto, o instrumento *fanfic* parece ter motivado um uso mais formal da língua do que o instrumento carta ao ídolo pelos participantes. De modo geral, pode-se afirmar que tais resultados reforçam o defendido por Menon (1995), segundo a qual a escolha variável do pronome possessivo de segunda pessoa é guiada por particularidades de familiaridade, respeito e formalidade.

A fim de investigar a ligação entre os graus de monitoramento da escrita a partir das relações entre os interlocutores e o papel da presença de pronomes paralelos ou não, foi realizado o cruzamento entre as variáveis instrumento e paralelismo formal, cujo resultado é apresentado na Tabela 6, a seguir.

Tabela 6 – Cruzamento entre as variáveis pronomes possessivos e instrumento

		Pronome possessivo			
		TEU		SEU	
		n	%	n	%
Entrevista prefeito/ <i>fanfic</i>	<i>Você</i>	9	1	895	99
	<i>Tu/você</i>	0	0	4	100
	<i>Tu</i>	1	20	4	80
Carta ao ídolo	<i>Você</i>	27	3,8	688	96,2
	<i>Tu/você</i>	0	0	0	0
	<i>Tu</i>	15	93,8	1	6,2
Carta ao amigo	<i>Você</i>	39	9,3	380	90,7
	<i>Tu/você</i>	16	25,4	47	74,6
	<i>Tu</i>	34	70,8	14	29,2
Total		141	6,5	2.033	93,5

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os dados apresentados na Tabela 6, em conformidade com os resultados anteriores, apontam para o maior número de ocorrências de SEU em relação a TEU para todos os instrumentos aplicados. Além disso, para cada instrumento considerado, confirma-se o papel do paralelismo formal, já que as percentagens mais altas de ocorrências para um e outro pronome possessivo encontram-se nos fatores correspondentes aos pronomes paralelos. Desse modo, para o fator instrumento entrevista com o prefeito amalgamado com o instrumento *fanfic*, 99% das ocorrências de SEU referem-se ao fator *você*, 80% ao fator *tu* e apenas quatro ocorrências ao fator *tu/você*. Com relação a esse mesmo instrumento, 20% das ocorrências de TEU referem-se ao fator *tu*, a maior percentagem obtida se comparada à registrada para o fator *você*, de 1%, e à registrada para o fator *tu/você*, sem ocorrências.

Quanto à carta ao ídolo, 96,2% das ocorrências de SEU referem-se ao fator *você*, 3,8% das ocorrências de *teu* e suas flexões referem-se ao fator *você* e nenhuma ao fator *tu/você*. Com relação a esse mesmo instrumento, 93,8% das ocorrências de TEU referem-se ao fator *tu*, e 6,2% ao fator *seu*.

Para o instrumento carta para o amigo, 90,7% das ocorrências de SEU referem-se ao fator *você*, 9,3% das ocorrências de *teu* referem-se a *você*; quanto ao fator *tu/você*, 74,6%

usaram o possessivo *seu*, e 25,4% o possessivo *teu*. Com relação a esse mesmo instrumento, 29,2% das ocorrências de SEU referem-se ao fator *tu*, enquanto 70,8% referem-se ao fator *teu*.

Os resultados apresentados na Tabela 6 corroboram Motta (2008) e Mendes (2018) quanto à predominância do possessivo *seu* paralelamente ao pessoal *você*, ao uso de *teu* em discursos dirigidos a pessoas com maior grau de intimidade e à presença do pronome pessoal *tu* paralelamente ao uso do possessivo TEU.

Arduin (2005), ao citar Said Ali (1971), Rocha Lima (1983) e Cunha e Cintra (2016) para a discussão sobre a relação entre o uso de *você* ou *tu* e o grau de intimidade dos interlocutores, afirma que esses autores concordam sobre o fato de *tu* ser usado em relações de maior intimidade e o possessivo *seu* ser usado tanto para segunda quanto para terceira pessoas. Em contrapartida, também segundo Arduin (2005), Câmara Jr., embora tenha o mesmo entendimento que Said Ali, Rocha Lima e Cunha e Cintra para os possessivos, aprecia *você* como tratamento de intimidade em contraponto a *senhor*, tratamento mais respeitoso. Na pesquisa em tela, os dados parecem estar de acordo com Said Ali, Rocha Lima e Cunha e Cintra. Sbalqueiro (2005) também afirma em seu estudo que o uso de *tu* ou *você* está guiado por questões de intimidade, declarando que a proximidade favorece o uso de *tu*. Logo, pode-se dizer que os participantes da pesquisa se valem da intimidade para usar TEU, embora SEU seja utilizado em qualquer situação.

Tais resultados corroboram, portanto, o que afirma Bortoni-Ricardo (2004), para quem o nível de formalidade da língua depende do grau de monitoramento que a situação de uso exige, fato que alicerça a relevância do ensino da língua como um mecanismo de comunicação que se adequa a cada situação de uso. Desse modo, para a autora,

[...] a tarefa da escola está justamente em facilitar a incorporação ao repertório linguístico dos alunos de recursos comunicativos que lhes permitam empregar com segurança os estilos monitorados da língua, que exigem mais atenção e maior grau de planejamento (Bortoni-Ricardo, 2004, p. 131).

Pode-se afirmar, a partir das evidências que a pesquisa em tela oferece, que a variante *seu* e suas flexões está intimamente associada à formalidade e ao respeito, enquanto *teu* e suas flexões se associam a relações de natureza solidária e informal, aportando maior uso nas relações entre iguais e em discursos mais próximos.

A variável idade, também selecionada como estatisticamente relevante pela regressão logística performada, conforme apresentado na Tabela 2 anterior, confirma a hipótese de que os alunos em idade mais avançada preferem o pronome possessivo *teu* e suas flexões.

Na Tabela 7, a seguir, foram distribuídas as 2.174 ocorrências dos pronomes possessivos *teu* e *seu* e de suas flexões conforme a idade do aluno. O número absoluto de ocorrências dos possessivos, de acordo com a idade, é indicado na coluna identificada por “n”, e a frequência relativa, em termos percentuais, que o valor expresso na coluna “n” representa no conjunto de ocorrências totais dos possessivos por idade é indicada na coluna identificada por “%”.

Tabela 7 – Idade e pronomes possessivos de segunda pessoa

	Pronome possessivo				
	TEU		SEU		Total
	n	%	n	%	n
11 anos	10	3,2	307	96,8	317
12 anos	23	3,8	575	96,2	598
13 anos	21	4,7	426	95,3	447
14 anos	54	9,8	495	90,2	549
15 anos	22	10,2	194	89,8	216
16 anos	5	19,2	21	80,8	26
17 anos	3	18,8	13	81,2	16
18 anos	3	60	2	40	5
Total	141	6,5	2.233	93,5	2.174

Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Os dados da Tabela 7 indicam que, quanto mais aumenta a idade do informante, maior é o percentual de uso do possessivo TEU. Os participantes com idades entre 11 e 13 anos, portanto, com menos anos de escolarização, apresentam percentuais de ocorrência de TEU entre 3,2% e 4,7% e taxas altas de ocorrência de SEU, entre 96,8% e 95,3%. Percentagens mais altas e crescentes para TEU são encontradas nos participantes com idades entre 14 e 18 anos, especificamente de 9,8% (14 anos), 10,2% (15 anos), 19,2% (16 anos), 18,8% (17 anos) e 60% (18 anos). Para esses participantes, de modo inverso, as taxas referentes a SEU, embora altas, apresentam-se em escala decrescente com relação ao aumento da idade: 90,2% (14 anos), 89,8% (15 anos), 80,8% (16 anos), 81,2% (17 anos) e 40% (18 anos).

Resultados referentes a outras localidades, apresentados no capítulo 3, apontam, por outro lado, para a preferência dos jovens pelo possessivo *teu* e por suas flexões em relação a *seu* e suas flexões. Penkal (2004), em seus estudos, relatou dados que apresentavam indícios de

que o possessivo *teu* é mais utilizado por indivíduos jovens. Menon (1995) apontou, a partir de amostra correspondente à cidade de Curitiba/PR, do banco de dados VARSUL, que indivíduos idosos tendem a utilizar o pronome *seu* em vez de *teu*.

A fim de verificar se os participantes em idade mais avançada, por estarem há mais tempo inseridos em contexto escolar, tenderiam a utilizar os pronomes possessivos em maior conformidade com a norma gramatical, realizou-se o cruzamento entre as variáveis paralelismo e idade, conforme atestam a Tabela 8 e, para melhor visualização, os Gráficos 11 e 12, a seguir. Na tabela, estão distribuídas as 2.174 ocorrências dos pronomes possessivos *teu* e *seu* e de suas flexões de acordo com os fatores da variável idade, com a disposição da segregação de ocorrências dos possessivos na presença ou de *você*, ou de *tu*, ou de ambos (*você/tu*). O “n” é o número absoluto de ocorrências do pronome possessivo, e os valores presentes na coluna identificada por “%” expressam a frequência relativa, em termos percentuais, que o valor indicado na coluna “n” à sua esquerda representa no conjunto de ocorrências totais dos possessivos no cruzamento analisado.

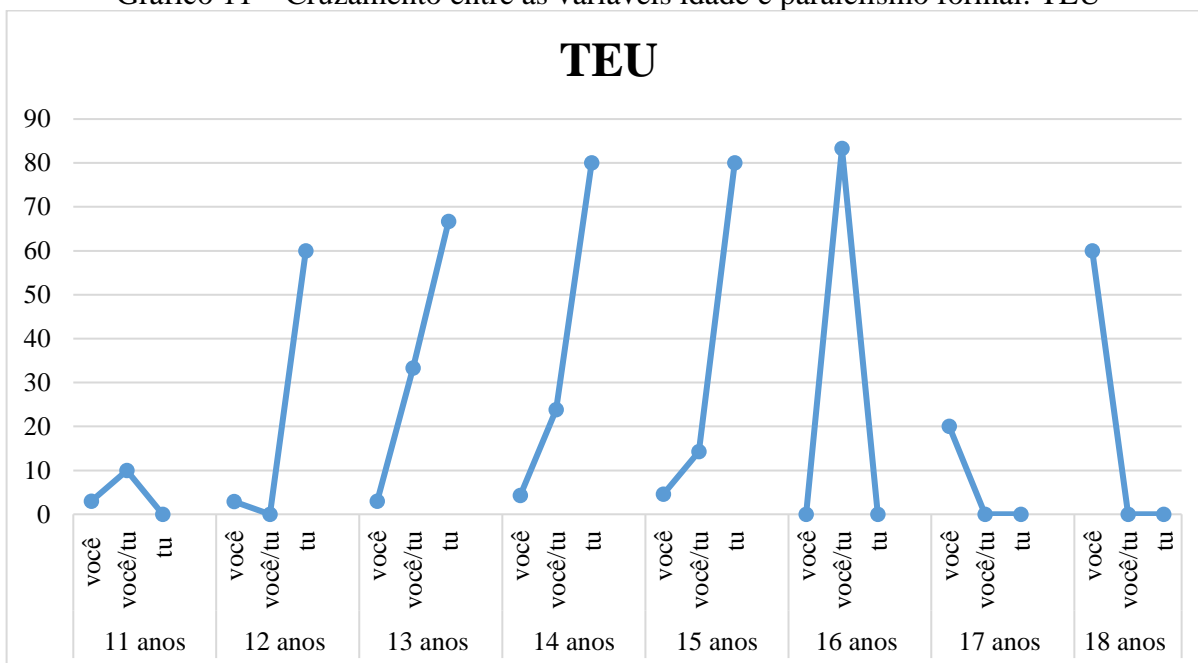
Tabela 8 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal

		Pronome possessivo				
		TEU		SEU		Total
		n	%	n	%	n
11 anos	<i>Você</i>	9	3	295	97	304
	<i>Tu/você</i>	1	10	9	90	10
	<i>Tu</i>	0	0	3	100	3
12 anos	<i>Você</i>	17	2,9	561	97,1	578
	<i>Tu/você</i>	0	0	10	100	10
	<i>Tu</i>	6	60	4	40	10
13 anos	<i>Você</i>	13	3	416	97	429
	<i>Tu/você</i>	4	33,3	8	66,7	12
	<i>Tu</i>	4	66,7	2	33,3	6
14 anos	<i>Você</i>	21	4,3	472	95,7	493
	<i>Tu/você</i>	5	23,8	16	76,2	21
	<i>Tu</i>	28	80	7	20	35

	Você	9	4,6	185	95,4	194
15 anos	Tu/você	1	14,3	6	85,7	7
	Tu	12	80	3	20	15
	Você	0	0	20	100	20
16 anos	Tu/você	5	83,3	1	16,7	6
	Tu	0	0	0	0	0
	Você	3	20	12	80	15
17 anos	Tu/você	0	0	1	100	1
	Tu	0	0	0	0	0
	Você	3	60	2	40	50
18 anos	Tu/você	0	0	0	0	0
	Tu	0	0	0	0	0
Total		141	6,5	2.033	93,5	2.174

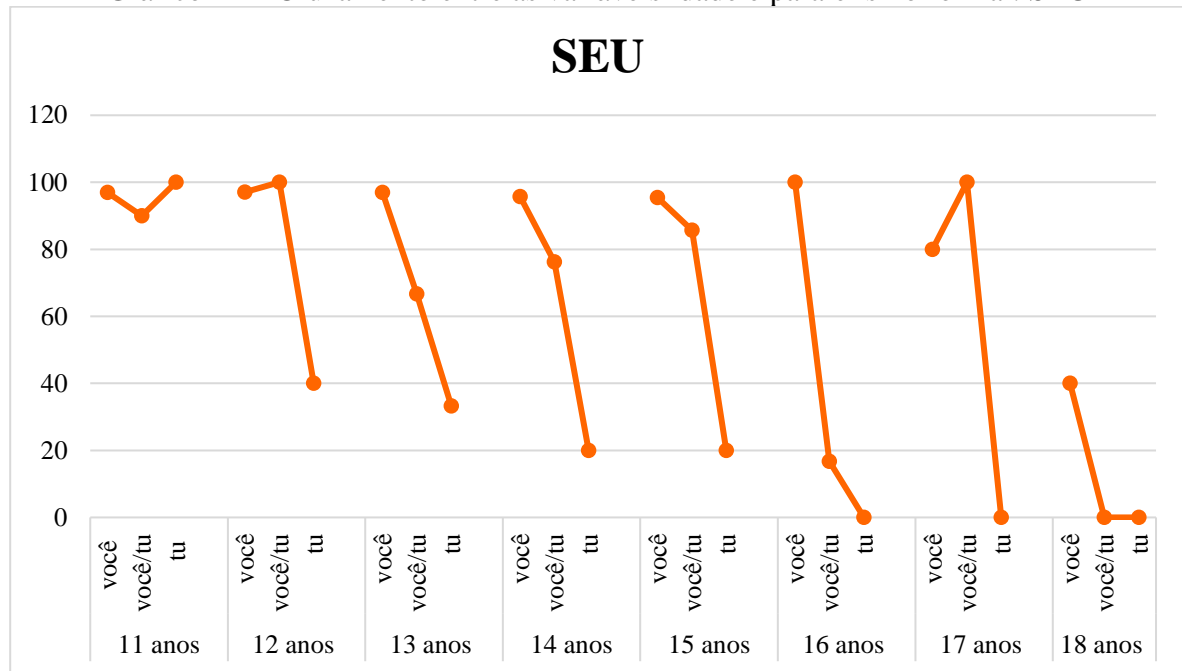
Fonte: Elaborada pela autora (2023).

Gráfico 11 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal: TEU



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 12 – Cruzamento entre as variáveis idade e paralelismo formal: SEU



Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os resultados contidos na Tabela 8 e no Gráfico 11 apontam que o paralelo entre o pronome pessoal *tu* e o possessivo TEU é preferido pelos participantes com 12 anos (60%), com 13 anos (66,6%) e com 14 e 15 anos, com a mesma taxa, de 80%. Não há ocorrências de TEU em paralelo com o pronome pessoal *tu* para os participantes com 11, 17 e 18 anos, o que impossibilita conclusões. Esses participantes mostraram preferencialmente o uso de TEU com (i) *você* e *tu* no mesmo período, conforme indicam as percentagens obtidas para o fator *você/tu* para os participantes com 11 anos (10%) e com 16 anos (83,3%) e (ii) apenas *você*, conforme revelam as percentagens para o fator em questão para os participantes com 17 anos (20%) e com 18 anos (60%).

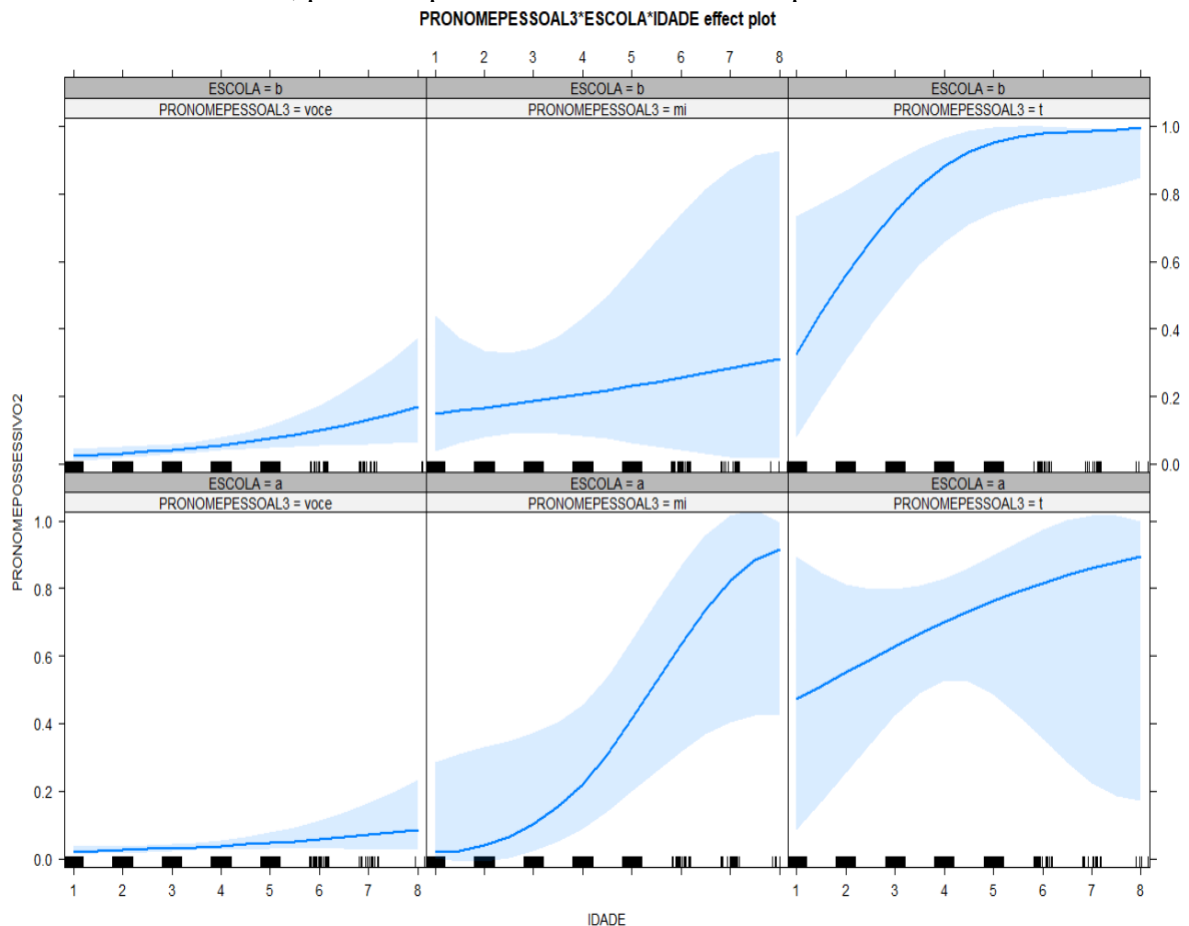
Quanto a SEU, os resultados apresentados na Tabela 8 e no Gráfico 12, por outro lado, indicam que o paralelo entre o pronome *você* e o possessivo SEU é preferido pelos participantes com 13 anos (97%), com 14 anos (95,7%), com 15 anos (95,4%), com 16 anos (100%) e com 18 anos (40%). Os participantes com 11 anos de idade apresentam taxas muito próximas de uso de SEU, no mesmo período, com *tu* (100%) e com *você* (97%) e taxa um pouco mais baixa com relação ao uso de SEU no mesmo período tanto com *tu* quanto com *você* (90%). Os participantes com 17 anos, por outro lado, apresentam taxas mais altas de uso de SEU com *tu* e *você* no mesmo período, na ordem de 100%, seguida pelo *você*, com 80%.

Com relação ainda ao uso de TEU, expresso no Gráfico 11 e na Tabela 8, a ausência de paralelo entre o possessivo e o pronome pessoal *tu*, expressa pela taxa de 0% de ocorrência,

ocorre quatro vezes: para os participantes com 11, 16, 17 e 18 anos. Para a maioria, a preferência de uso do TEU é com *tu* e *você* no mesmo período, exceção feita aos participantes com 17 anos, que preferem o uso de TEU com *você*. A análise similar realizada a respeito do uso de SEU, expresso no Gráfico 12 e na Tabela 8, revela que o paralelo entre *você* e SEU sempre ocorreu, com taxas maiores ou menores com relação aos outros fatores.

A fim de explorar os resultados referentes à variável idade, foi realizado o cruzamento entre essa variável e as variáveis escola e pronome pessoal, tendo por variável dependente *teu* e suas flexões. Especificamente, busca-se saber se há diferenças entre as escolas quanto ao papel do paralelismo formal por idade. O Gráfico 13, a seguir, apresenta os resultados.

Gráfico 13 – Idade, pronome pessoal e escola: variável dependente *teu* e suas flexões



Legenda: Escola B: Pronomepessoal3 = *você*; Pronomepessoal3mi = *tu/você*; PronomePessoal3 = *tu*.

Escola A: Pronomepessoal3 = *você*; Pronomepessoal3mi = *tu/você*; PronomePessoal3 = *tu*.

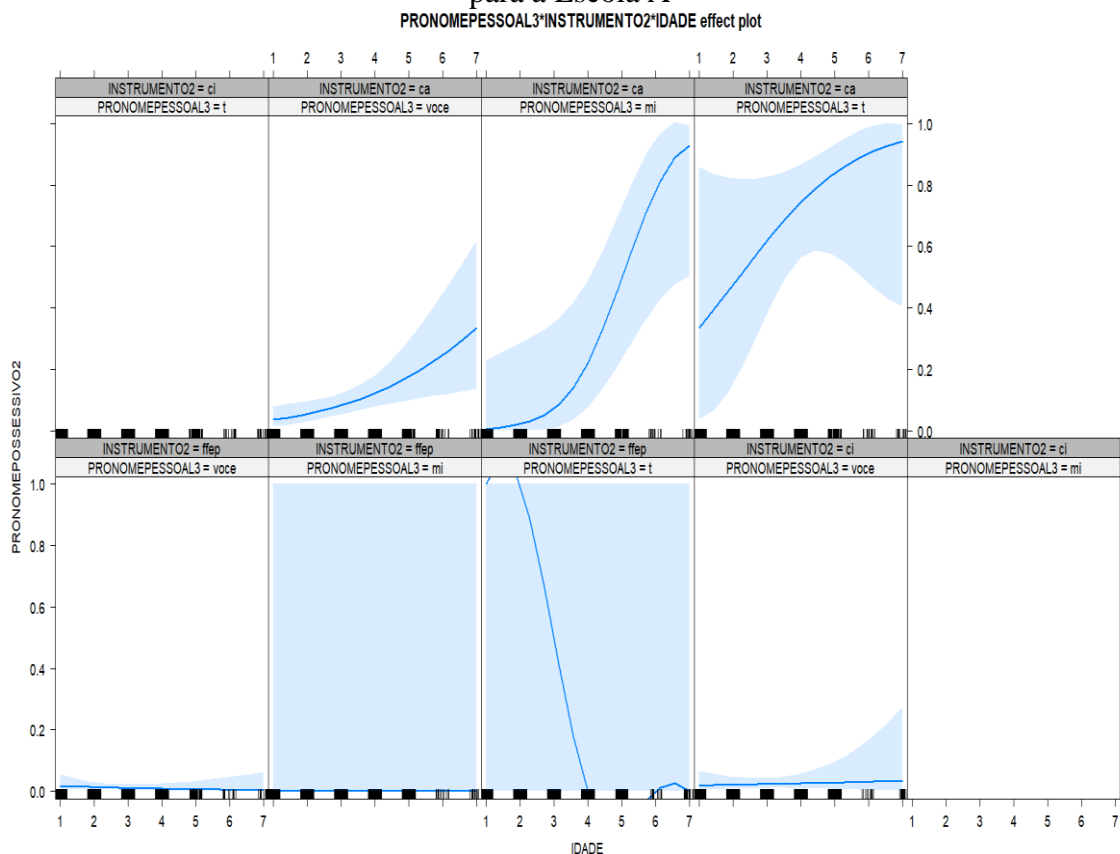
Fonte: Elaborado pela autora (2023).

No Gráfico 13, verifica-se que, para a Escola B, o pronome pessoal *tu* foi significativo quanto ao uso de *teu* e suas flexões quando comparado ao pronome *você*, com o aumento da idade dos participantes. A ocorrência de *tu/você* em um mesmo período também é destacada

como de favorecimento, embora menos evidente se comparada à de *tu*. De modo distinto, para a Escola A, *tu/você* é significativo para o uso de *teu* e suas flexões, assim como para o uso de *tu*. Nesse caso, notavelmente com o aumento da idade, cresce o uso de *teu* e suas flexões com a presença de *tu* e de *tu/você* no período. O resultado que parece diferir as duas escolas é relativo ao papel do fator *tu/você*, ou seja, a alternância dos pronomes no período, visto que na Escola B essa alternância é pouco expressiva com o aumento da idade do participante, enquanto na Escola A é relevante, sobretudo quando se consideram os participantes mais velhos.

Considerando-se apenas as ocorrências produzidas pelos participantes das Escolas A e B separadamente, os Gráficos 14 e 15, a seguir, apresentam o cruzamento entre idade, pronome pessoal e instrumento para verificação do papel do paralelismo formal por instrumento e por idade do participante.

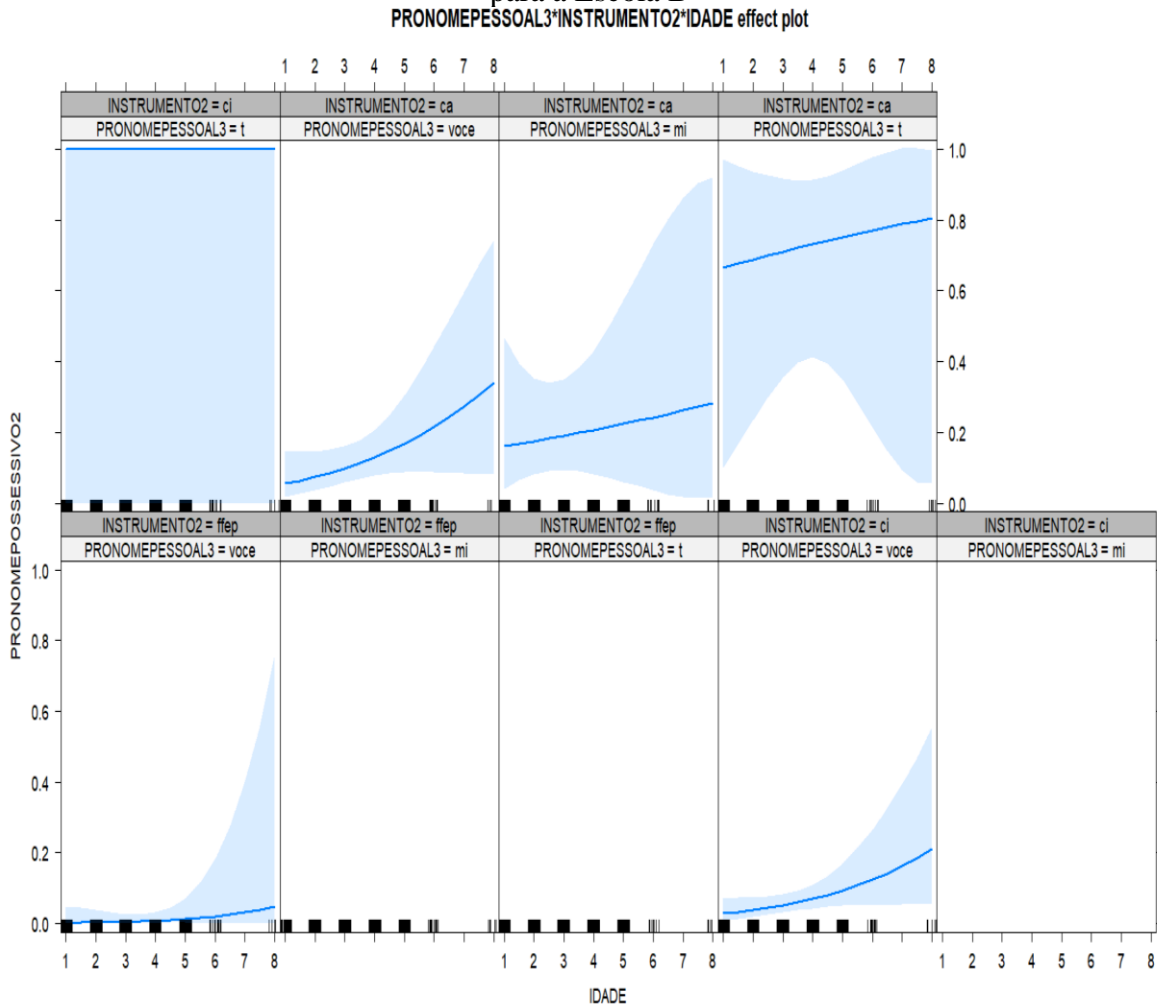
Gráfico 14 – Idade, pronome pessoal e instrumento: variável dependente *teu* e suas flexões para a Escola A



Legenda: Pronome Pessoal + Instrumento + Idade. Escola A: Instrumentoci = carta ao ídolo; Instrumentoca = carta ao amigo. Pronomepessoal3 = t = tu; Pronomepessoal3 = voce = você; Pronomepessoal3 = mi = tu/você; Pronomepessoal3 = tu. Instrumento = ffep = você = *fanfic* e entrevista ao prefeito = você
Instrumento = ffep = mi = *fanfic* e entrevista ao prefeito = tu/você. Instrumento = ffep = t = *fanfic* e entrevista ao prefeito = tu

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Gráfico 15 – Idade, pronome pessoal e instrumento: variável dependente *teu* e suas flexões para a Escola B



Legenda: Pronome Pessoal + Instrumento + Idade. Escola B = Instrumentoci = carta ao ídolo; Instrumentoca = carta ao amigo. Pronomepessoal = t = tu; Pronomepessoal3 = voce = você; Pronomepessoal3 = mi = tu/você. Instrumento = ffep = você = *fanfic* e entrevista ao prefeito = você. Instrumento = ffep = mi = *fanfic* e entrevista ao prefeito = tu/você. Instrumento = ffep = t = *fanfic* e entrevista ao prefeito = tu.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Os resultados expressos no Gráfico 14 indicam, com relação ao instrumento carta ao ídolo, que TEU não é favorecido pelo pronome *tu* nem pelo *tu/você*, já que não ocorreram dados. Quanto ao pronome *você*, o favorecimento com o aumento da idade do participante é mínimo. Com relação ao instrumento carta ao amigo, observa-se que TEU é favorecido, à medida que aumenta a idade do participante, por *tu* e *tu/você*, e, em menor escala, por *você*. O amálgama entre os instrumentos carta ao prefeito e *fanfic* indica que TEU é favorecido pelo pronome *tu* pelos participantes mais jovens. Com relação aos fatores *tu/você* e apenas *você*, não se observa correlação de TEU com o aumento da idade do participante.

Os resultados expressos pelo Gráfico 15, referentes à Escola B, revelam um cenário distinto com relação ao uso de TEU de acordo com o tipo de instrumento, o paralelismo formal

e a idade do participante. Com relação à carta ao ídolo, observa-se a diferença mais significativa entre as duas escolas, já que TEU se mostra favorecido em relação ao pronome *tu* de modo uniforme em todas as idades. Para a carta ao amigo, TEU é favorecido pelo pronome *tu* com leve correlação com a idade. Os fatores *tu/você* e apenas *você* revelam taxas menores, mas crescentes com o aumento da idade. O amálgama entre carta ao prefeito e *fanfic* apresenta resultados para o uso de TEU apenas para o fator *você*, com baixo favorecimento, independentemente da idade. Para esses instrumentos, não houve ocorrências de TEU com *tu* e com *tu/você*.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado nesta dissertação fornece evidências, à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação (Labov, 2008 [1972]; Weinreich; Labov; Herzog, 2006 [1968]), acerca do uso dos pronomes possessivos *teu/seu* e de suas flexões em duas escolas públicas estaduais de Porto Alegre/RS a partir de textos escritos. Para a composição do *corpus* de análise desta pesquisa, foram coletadas, de cada estudante, quatro redações, a partir de quatro instrumentos. Os temas e gêneros foram escolhidos de maneira que pudessem ser enquadrados em pontos diferentes de um *continuum* de monitoramento estilístico, com base na proposta de Bortoni-Ricardo (2004). Os quatro instrumentos propostos para a coleta de dados foram a entrevista com o prefeito e a carta ao ídolo – que previam a proposição de interações mais formais –, bem como a *fanfic* e a carta ao amigo – que previam proposições de interações mais espontâneas e menos monitoradas.

A elaboração de tais instrumentos de coleta foi embasada ainda nos descritores da Matriz do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB), alinhados às habilidades da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Desse modo, as propostas de produção textual dos instrumentos buscaram atender aos descritores “Identificar as marcas linguísticas que evidenciam o locutor e o interlocutor de um texto” (D10 para o 6º ano), que diz respeito à habilidade de reconhecer quem fala no texto e para quem ele é destinado, e “Avaliar a capacidade de adequação linguística em contextos variados” (D13 para o 9º ano).

Dessa maneira, foi investigado como as formas *seu* e *teu* e suas flexões se distribuem na amostra, e foram identificados os fatores linguísticos e extralinguísticos que condicionam o uso das formas possessivas em estudo. As variáveis linguísticas examinadas foram paralelismo formal, animacidade, generalidade do referente, alternância do pronome *tu/você*, alternância dos possessivos *teu/seu* nos textos escritos, enquanto as variáveis extralinguísticas foram gênero, ano escolar do Ensino Fundamental II, escola, distorção, instrumento, idade e participante.

Como ponto de partida, foi realizada uma pesquisa em gramáticas tradicionais (Bechara, 2004; Cunha; Cintra, 2017; Rocha Lima, 1983) para o registro do que é descrito/prescrito no que tange ao quadro pronominal. Constatou-se que não há a inclusão da forma possessiva *seu* e de suas flexões como pronome possessivo de segunda pessoa nas gramáticas elencadas, sendo apenas a forma possessiva *teu* e suas flexões indicadas como parâmetro possessivo de segunda pessoa.

Posteriormente, foram analisados estudos linguísticos que investigaram a variação das formas possessivas *teu* e *seu* e de suas flexões, a saber, Soares (1999), Arduin (2005), Sbalqueiro (2005), Mendes (2008), Souza (2012), Martins e Vargas (2014), Pereira (2015), Araújo (2018) e Lucena (2019). Na sequência, foram descritas e analisadas as variáveis controladas, a partir da análise de regressão logística performada pelo *software* R (versão 4.1.2), por meio da interface RStudio para o fenômeno variável.

Majoritariamente, pode-se dizer que a forma *seu* foi a mais utilizada pelos participantes. Houve, no *corpus* analisado, 2.174 ocorrências, diluídas em 550 redações; dessas, 6,5% das ocorrências apresentaram o uso de *teu* e suas flexões, e 93,5% das ocorrências apresentaram o uso de *seu* e suas flexões. Esses números, por si sós, evidenciam a predominância deste em relação àquele.

Os resultados encontrados a partir das ocorrências examinadas apontam que a variação dos possessivos de segunda pessoa *teu/seu* e de suas flexões é linguística, estilística e socialmente motivada. Quanto às variáveis linguísticas, mostram-se estatisticamente significativos para o uso de *teu* e suas flexões o paralelismo formal e a alternância entre *tu/você* ao longo do texto. Com relação à variável linguística paralelismo formal, os dados indicaram que a presença de *tu* aumenta a probabilidade do uso do possessivo *teu*, enquanto o pronome *você* age como desfavorecedor. Quanto à variável alternância de pronome pessoal ao longo do texto, observou-se que a presença apenas do pronome *tu* é significativa para o aumento da probabilidade de uso de *teu* e suas flexões. Era esperada a predominância do condicionamento do pronome pessoal *tu*, uma vez que esse é o pronome prevalente na comunidade local – hipótese não confirmada, pois os resultados mostraram o uso do pronome *seu* e de suas flexões como escolha preponderante dos participantes.

Quanto ao estilo, a variável instrumento mostrou-se significativa. A hipótese formulada era a de que textos com propostas de diálogos que exigem um contexto com alto monitoramento favoreceriam o uso do pronome possessivo *seu* e de suas flexões, uma vez que isso representa uma relação de distanciamento entre o locutor e o interlocutor. Por outro lado, o contexto menos monitorado favoreceria o uso do pronome *teu* e de suas flexões, por se tratar de um contexto mais íntimo. Os resultados apontaram que, quando o instrumento foi uma carta para um ídolo, houve aumento na probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões, em comparação com instrumentos que previram maior distanciamento entre o escritor e o destinatário, como diálogos com o prefeito ou *fanfics*. Além disso, para o instrumento carta para um amigo, a

probabilidade de ocorrência de *teu* e suas flexões aumentou ainda mais em comparação ao nível de referência.

Quanto às variáveis extralinguísticas, a favorecedora foi a idade. Ao testá-la, foi investigado se a idade dos participantes interferiria na alternância pronominal, embora a ausência de participantes adultos e idosos impedisse qualquer expectativa de verificação do *status* da variável (se estável ou em situação de mudança em progresso). Os resultados revelaram que, a cada ano a mais de idade do aluno, maior a probabilidade de usar *teu* e suas flexões, ou seja, quanto maior a idade do participante, parece haver maior probabilidade de utilização do pronome *teu* e de suas flexões.

A presente pesquisa foi realizada em duas escolas públicas estaduais de Porto Alegre/RS, localizadas em regiões socioeconomicamente antagônicas. Embora não haja evidências de diferenças expressivas no que tange ao fenômeno linguístico em foco, ficou visível, neste estudo, o quão desiguais elas são. Na Escola B, na qual há grande parcela de estudantes em situação de vulnerabilidade social, ficaram patentes distorções tanto de aprendizagens quanto de fatores externos à escola. Ao analisar os textos produzidos, percebem-se as fragilidades nas habilidades essenciais para os anos investigados. Os estudantes da Escola B apresentaram textos que remetem a perdas de aprendizagens profundas. Os alunos do 9º ano escreveram textos que mostram que eles estão em processo inicial de desenvolvimento de competências e habilidades correspondentes à etapa de escolaridade em que estão situados, o que não ocorre nos textos produzidos pelos participantes da Escola A. Entre as habilidades consideradas foco de atenção, ou seja, habilidades de que o estudante necessita para seguir às etapas seguintes de escolarização, destacam-se as seguintes: reconhecer formas de apresentar uma informação; reconhecer o sentido das relações lógico-discursivas em um texto; e reconhecer as relações entre partes de um texto, identificando os recursos coesivos que contribuem para a sua continuidade. Logo, fica evidente que estudantes da Escola B demonstraram, através da produção escrita, fragilidades que apontam entre dois e quatro anos de perdas de aprendizagem quando comparados aos da Escola A..

Encerra-se esta pesquisa com a crença de sua relevância como contribuição para o preenchimento da lacuna existente nos estudos variacionistas em PB sobre a descrição do uso dos pronomes possessivos de segunda pessoa em dados de escrita produzidos por estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, já que a literatura sobre o tema concentra-se em dados de falas ou em estudos diacrônicos da língua escrita, conforme observado em trabalhos

encontrados durante a realização deste estudo, como os de Soares (1999), Arduin (2005), Mendes (2008), Pereira (2015), Araújo (2018) e Lucena (2019).

Ademais, há que se reconhecer as limitações deste estudo, cuja amostra inicial contou com 498 participantes, número reduzido para 190 devido ao critério de elegibilidade estabelecido, de acordo com o qual somente foram considerados para pesquisa os estudantes que realizaram os quatro procedimentos anteriormente apresentados. Desse modo, apesar de o corpus final ter atingido um número considerável de ocorrências para o processo variável, de 2.174, centenas de ocorrências já estratificadas não puderam, pelo critério, ser utilizadas na pesquisa.

Um número maior de ocorrências de uso de *teu* e suas flexões e a existência de estudos recentes sobre esse processo variável e também sobre a variação *tu ~ você* na cidade de Porto Alegre/RS teriam contribuído potencialmente para o aprofundamento da análise aqui apresentada. O exame de ambos os temas em Porto Alegre/RS, tanto na língua oral quanto na escrita, se mostra como um caminho necessário para estudos futuros que pretendam contribuir para a discussão em tela.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, J. G. Fanfictions e RPG'S: narrativas contemporâneas. **Ágora**, Porto Alegre, ano 2, p. 25-35, jul./dez. 2011.
- ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 28. ed. São Paulo: Saraiva, 1979.
- ARAÚJO, N. O uso de pronomes possessivos com referência ao destinatário em cartas pessoais de evangélicos do século XX. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 15, n. 4, p. 3303-3320, 2018.
- ARDUIN, J. **A variação dos pronomes possessivos de segunda pessoa do singular teu/seu na Região Sul do Brasil**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.
- BAGNO, M. **Sete erros aos quatro ventos: a variação linguística no ensino de português**. São Paulo: Parábola Editorial, 2013.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucena, 2004.
- BIDERMAN, M. T. C. Formas de Tratamento e Estruturas Sociais. **Alfa: Revista de Linguística**. São Paulo, n. 18, p. 339-381, 1972.
- BOLIVAR, T. M. V. **A forma você em interações comerciais em Porto Alegre, RS**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- BORTONI-RICARDO, S. M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília: SEB, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 28 out. 2023.
- BROWN, R.; GILMAN, A. The Pronouns of Power and Solidarity. In: SEBEOK, T. A. **Style in Language**. Massachusetts: MIT Press, 1960. p. 253-276.
- BRUSTOLIN, A. K. B. S. **Itinerário do uso e variação de nós e a gente em textos escritos e orais de alunos do ensino fundamental da rede pública de Florianópolis**. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- COELHO, I. L. *et al.* **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. Rio de Janeiro: Lexikon, 2016.

FARACO, C. A. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, C. A. O tratamento “você” em português: uma abordagem histórica. **Fragmenta 13**: Publicação do Curso de Pós-Graduação em Letras da UFPR, Curitiba, v. 3, n. 2, p. 51-82, 1996.

FUNDO INTERNACIONAL DE EMERGÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA (UNICEF). **Declaração Universal dos Direitos da Criança**. Genova: UNICEF, 1959. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/media/22026/file/declaracao-dos-direitos-da-crianca-1959.pdf>. Acesso em: 4 maio 2023.

GUIMARÃES, A. M. **A ocorrência de 2ª pessoa**: estudo comparativo sobre o uso de tu e você na linguagem escrita. 1979. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1979.

GUY, G. As comunidades de fala: fronteiras internas e externas. *In*: II CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2., 2001. **Anais [...]**. Fortaleza: ABRALIN, 2001. p. 32-37. Disponível em: https://www.abralin.org/site/wp-content/uploads/2020/03/ABRALIN_26.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 28 out. 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA (INEP). **Resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica**: 2019: resumo técnico. Brasília: INEP, 2021. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/estatisticas_e_indicadores/resultados_indice_desenvolvimento_educacao_basica_2019_resumo_tecnico.pdf. Acesso em: 19 ago. 2023.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Cambridge: B. Blackwell, 1994.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. Cambridge: Blackwell Publishers, 2001.

LABOV, W. Some Sociolinguistic Principles. *In*: PAULSTON, C. B.; TUCKE, G. R. (ed.). **Sociolinguistics**: The essential readings. United Kingdom: Blackwell, 2003 [1969]. p. 234-250.

LOBATO, M. **Obra Completa**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

LOPES, C. R. S. Retratos da variação entre “você” e “tu” no português do Brasil: sincronia e diacronia. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português Brasileiro II**: contato linguístico, heterogeneidade e história. Niterói: EDUFF, 2008, v. 2. p. 55-71.

LOREGIAN-PENKAL, L. Alternância tu/você em Santa Catarina: uma abordagem variacionista. **Estudos Lingüísticos**, São Paulo, v. XXXIV, p. 362-367, 2005.

LOREGIAN-PENKAL, L. **Concordância verbal com o pronome tu na fala do Sul do Brasil**. 1996. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

LOREGIAN-PENKAL, L. **(Re)análise da referência de segunda pessoa na fala da região Sul**. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

LUCENA, R. O estudo da variação teu/seu: atuação do fator grau de parentesco. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 5, n. esp. 1, p. 83-103, 2019.

MARTINS, M.; VARGAS, M. Os possessivos de segunda pessoas do singular em cartas de leitores de jornais brasileiros dos séculos XIX e XX. **Polifonia**, Cuiabá, v. 21, n. 29, p. 369-395, jan./jul. 2014.

MENDES, F. Variação estilística e genericidade: a variação de pronomes possessivos de segunda e terceira pessoa do singular. *In*: CENTRO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO SUL, 2., 2008. **Anais [...]**. Porto Alegre: UFRGS, 2008. Disponível em: https://www.leffa.pro.br/tela4/Textos/Textos/Anais/CELSUL_VIII/variacao-Fernanda%20Mendes.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.

MENON, O. P. S. O sistema pronominal do português do Brasil. **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MENON, O. P. S. Pronome de segunda pessoa no Sul do Brasil: tu/você/o senhor em Vinhas da Ira. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 35, n. 1, 2000.

MENON, O. P. S.; LOREGIAN-PENKAL, L. Variação no indivíduo e na comunidade: tu/você no Sul do Brasil. *In*: VANDRESEN, P. (org.). **Variação e mudança no português falado na região Sul**. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 147-192.

MOTA, M. A. **A variação dos pronomes “Tu” e “Você” no português oral de São João da Ponte (MG)**. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

OLIVEIRA E SILVA, G. M. Estertores da forma seu de terceira pessoa na língua oral. *In*: OLIVEIRA E SILVA, G. M.; SCHERRE, M. (org.). **Padrões sociolinguísticos: análise de fenômenos variáveis do português falado na cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996. p. 169-146.

OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. Campinas: UNICAMP, 2017. Disponível em: <https://zenodo.org/records/822070>. Acesso em: 31 out. 2023.

PEREIRA, R. A variação teu/seu: um estudo diacrônico e sincrônico. **LaborHistórico**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 99-115, 2015.

RAMOS, J. Avaliação de dialetos brasileiros: o sotaque. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, 1997.

RIO GRANDE DO SUL. **Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do RS (SAERS) inclui redes municipais neste ano**. 2022. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/sistema-de-avaliacao-do-rendimento-escolar-do-rs-saers-inclui-redes-municipais-neste-ano>. Acesso em: 19 ago. 2023.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1983.

R TEAM DEVELOPMENT CORE. **R: A Language and Environment for Statistical Computing**. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2022.

RUMEU, M. C. B. Formas variantes do imperativo de segunda pessoa nos séculos XIX e XX: a expressão do social. **Signum: Estudos da Linguagem**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 310-341, 2016.

SAID ALI, M. **Gramática histórica da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

SBALQUEIRO, A. **A variação dos pronomes possessivos de 2ª e de 3ª pessoas em redações de alunos de uma escola pública de Curitiba**. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SCARDUA, J. R. **Variação nos pronomes de segunda pessoa no português capixaba: cartas pessoais do século XX**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Departamento de Línguas e Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SCHERRE, M. M. P. *et al.* Variação dos pronomes “tu” e “você”. *In*: MARTINS, M. A.; ABRAÇADO, J. **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 133-172.

SILVA, V. L. P. O retorno do pronome tu à fala carioca. *In*: RONCARATI, C.; ABRAÇADO, J. (org.). **Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003. p. 160-179.

SOARES, A. S. F. **Segunda e terceira pessoa: o possessivo em questão: uma análise variacionista**. 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.

SOUZA, J. P. F. **Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX-XX**. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006 [1968].

APÊNDICE 1 – PROPOSTA DE TEXTO 1: CARTA FORMAL PARA ÍDOLO

Imagine que você tem a possibilidade de escrever uma carta para o seu maior ídolo, com a certeza de que ela será lida. Escreva uma carta que contenha os pontos abaixo:

1. Apresente-se para seu ídolo;
2. Conte como conheceu seu ídolo;
3. Descreva quais as qualidades que ele/ela tem e que você mais admira;
4. Faça uma pergunta sobre algo favorito dele que você ainda não saiba e queira saber (por exemplo, sabor de sorvete favorito, filme, série, comida etc.);
5. Peça a ele/ela para que dê a você um objeto que ele/ela possua e que possa te dar de presente com um autógrafo.

APÊNDICE 2 – PROPOSTA DE TEXTO 2: CARTA INFORMAL PARA AMIGO

Imagine o seguinte cenário: seu/sua melhor amigo/a se mudou para outra cidade há seis meses. Na semana que vem, é aniversário dele/a, e você quer enviar uma carta junto com um presente. Escreva uma carta que contenha os pontos abaixo:

1. Deseje feliz aniversário;
2. Relembre uma situação engraçada ou marcante que aconteceu com seu amigo e que você presenciou;
3. Descreva as qualidades positivas e negativas desse/a amigo/a das quais você sente mais falta;
4. Explique qual o presente que você enviou junto da carta e por que escolheu esse presente para ele/a;
5. Avise que você está com algo que é dele/a e diga quando irá devolver.

APÊNDICE 3 – PROPOSTA DE TEXTO 3: ENTREVISTA COM O PREFEITO

Imagine a seguinte situação: você ganhou um concurso na sua escola, cujo prêmio é a possibilidade de realizar uma entrevista com o prefeito de Porto Alegre sobre qualquer assunto. Imagine como foi essa entrevista e represente-a em um diálogo. Crie perguntas sobre:

1. Temas pessoais (*hobbies*, rotina, família, coisas favoritas do prefeito);
2. Planos do prefeito para melhorar a cidade;
3. Opinião do prefeito sobre a profissão exercida por ele.

APÊNDICE 4 – PROPOSTA DE TEXTO 4: *FANFIC*

Fanfic é um gênero textual em que qualquer pessoa pode imaginar e criar novas histórias com base em personagens e enredos que já existem. Agora é a sua vez! Imagine que dois personagens (de qualquer livro, filme, série, jogo de *videogame*) estão participando de um programa de entrevistas. Um desses personagens é o entrevistador, e o outro é o entrevistado. Escreva um diálogo imaginando o que um personagem perguntaria para o outro e quais seriam as respostas. As perguntas devem abordar os seguintes assuntos: gostos pessoais (ex.: qual a sua música favorita?), o trabalho do entrevistado (ex.: qual foi a sua primeira luta? Qual a sua rotina?), a vida fora do trabalho (ex.: quais são os seus *hobbies*?). Outras possibilidades podem ser incluídas. Seja criativo!

APÊNDICE 5 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Eu, Salete Dossa Albuquerque, telefone (51) 98566-2099, responsável pela pesquisa sobre produção textual de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, coordenada pela Dra. Cláudia Regina Brescancini, telefone (51) 99236-1851, estou fazendo um convite para seu filho participar como voluntário nesse estudo.

Essa pesquisa pretende analisar produções textuais dos estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, buscando contribuir para o exercício da produção textual e para a melhoria do ensino-aprendizagem. Os estudantes que irão participar dessa pesquisa têm de 11 a 17 anos de idade.

A participação de seu filho será voluntária, ocorrerá na escola, no horário de aula de Língua Portuguesa e consistirá na produção de quatro textos no período de 60 dias. Para isso, será utilizada folha impressa, e os textos deverão ser produzidos durante o período da aula. Caso seu filho sinta algum desconforto com relação à proposta de produção textual, você poderá entrar em contato comigo pelo telefone (51) 98566-2099.

Ninguém saberá que seu filho está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que seu filho nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados de forma quantitativa, sem identificar os estudantes e as escolas participantes da pesquisa.

Durante todo o período da pesquisa, você e seu filho têm o direito de esclarecer qualquer dúvida ou pedir qualquer informação sobre o estudo, bastando, para isso, entrar em contato com a pesquisadora. Você tem garantido o direito de seu filho não aceitar participar ou de retirar sua permissão, a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo ou retaliação pela sua decisão.

Caso você tenha qualquer dúvida quanto aos direitos de seu filho como participante da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (CEP-PUCRS), em (51) 3320-3345, Av. Ipiranga, 6681/prédio 50, sala 703, CEP 90619-900, Bairro Partenon, Porto Alegre/RS, *e-mail* cep@pucrs.br, de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h e das 13h30 às 17h. O Comitê de Ética é um órgão independente constituído de profissionais das diferentes áreas do conhecimento e membros da comunidade. Sua responsabilidade é garantir a proteção dos direitos, a segurança e o bem-estar dos participantes por meio da revisão e da aprovação do estudo, entre outras ações.

Não assine este termo de consentimento a menos que tenha tido a oportunidade de fazer perguntas e tenha recebido respostas satisfatórias para todas as suas dúvidas.

Se você concordar que seu filho participe deste estudo, você rubricará todas as páginas e assinará e datará duas vias originais deste termo de consentimento. Você receberá uma das vias para seus registros, e a outra será arquivada pelo responsável pelo estudo.

Eu, _____, após a leitura/ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável para esclarecer todas as minhas dúvidas, acredito estar suficientemente informado, ficando claro para mim que a participação de meu filho é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem qualquer problema. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos e da garantia de confidencialidade e esclarecimentos sempre que desejar.

Diante do exposto, expresso minha concordância de espontânea vontade de que meu filho participe desse estudo.

Assinatura do representante legal do participante da pesquisa

SALETE DOSSA ALBUQUERQUE

APÊNDICE 6 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa sobre produção textual de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental, coordenada pela Dra. Cláudia Regina Brescancini, telefone (51) 99236-1851, e por Salete Dossa Albuquerque, telefone (51) 98566-2099. Seus pais permitiram que você participasse.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os estudantes que irão participar dessa pesquisa têm de 11 a 17 anos de idade.

A pesquisa será feita na sua escola, no seu horário de aula de Língua Portuguesa. Vocês escreverão quatro textos em dias diferentes, no período de 60 dias. Para isso, será utilizada folha impressa, e os textos deverão ser produzidos durante o período da aula. Caso você sinta algum desconforto com relação à proposta de produção textual, poderá entrar em contato comigo pelo telefone (51) 98566-2099. Sua participação ajudará no exercício da produção textual e resultará em melhoria na prática pedagógica dos professores de Língua Portuguesa.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa serão publicados de forma quantitativa, sem identificar os estudantes e as escolas participantes da pesquisa.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMADO

Eu, _____, aceito participar da pesquisa sobre produção textual de estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir, e que ninguém vai ficar com raiva de mim.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento, e li e concordo em participar da pesquisa.

Porto Alegre, ____ de _____ de _____.

Assinatura do menor _____

Assinatura do pesquisador _____



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Av. Ipiranga, 6681 – Prédio 1 – Térreo
Porto Alegre – RS – Brasil
Fone: (51) 3320-3513
E-mail: propesq@pucrs.br
Site: www.pucrs.br